

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

O PERFIL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS

Bianca Snaiderman

Nº de Matrícula: 9814182

Orientador: Afonso Sant'Anna Bevilaqua

Dezembro de 2001

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

O PERFIL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MANUFATURADOS

---

Bianca Snaiderman

Nº de Matrícula: 9814182

Orientador: Afonso Sant'Anna Bevilaqua

Dezembro de 2001

*“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.*

*As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.*

*Aos meus pais, Arnaldo e Sueli, e à minha irmã, Bruna*

## AGRADECIMENTOS

Domingo, 02 de dezembro de 2001. Faltam apenas algumas horas para a entrega da monografia de final de curso. Depois de aproximadamente cem páginas escritas no impressoal faço questão de imprimir um tom um pouco mais emotivo em três ou quatro páginas e agradecer à todos aqueles que tiveram um papel importante na minha formação pessoal, acadêmica e profissional.

À meus pais, Arnaldo e Sueli, meus melhores amigos em todos os momentos. O apoio de vocês em todas as minhas escolhas foram e são fundamentais. Obrigada por aturar os chiliques de véspera de provas durante esses quatro anos. Agora só serão mais cinco anos de paciência com a Bruna e, depois, provavelmente, vocês terão descanso. Veja o lado positivo: pelo menos eu e a Bruna fomos sincronizadas.

À minha irmã, Bruna. Realmente a mamãe deve ficar orgulhosa de nós. Não podemos negar que aprendemos a dividir. Abri mão várias vezes de fazer monografia, sem estresse, para você usar o computador. Acho que agora já podemos ter quartos separados.

À minha avó, Chaja, pessoa que com certeza mais se orgulhará da neta economista.

Ao Afonso Sant'Anna Bevilaqua. Chefe, professor, orientador e agora colega de profissão. Trabalhar com você esses anos todos só pioraram meus defeitos: fiquei mais perfeccionista do que já era. O seu perfeccionismo e seriedade com o trabalho exacerbaram ainda mais a minha pré disposição para essas características. Sentirei saudades não somente das tardes de trabalho nos corredores do departamento como do seminário de Finanças Internacionais, com certeza um dos melhores cursos de toda a graduação. Espero que você não tenha levado a mal as reclamações em sala quanto à exigência do curso. Afinal, faz parte do *script* do aluno.

Ao CNPq por ter proporcionado a oportunidade de ser uma bolsista PIBIC<sup>1</sup> desde o terceiro período da faculdade. Essa experiência, não somente enriqueceu minha formação acadêmica, como transformou-se na minha monografia de final de curso.

Ao Roberto Iglesias, da Funcex, pela ajuda na obtenção dos dados de destino das exportações brasileiras. Sem a sem a sua ajuda certamente minha monografia estaria comprometida.

À Nanda Feitosa, minha primeira grande amiga da faculdade. Provavelmente se o curso de Cálculo I não tivesse sido tão difícil, não teríamos nos conhecido. Sinto saudades das tardes de estudo aqui em casa e dos chiliques nas vésperas das provas. Fico lembrando daquela tarde de estudos de *k ponto sobre k* quando você começou a chorar<sup>2</sup> dizendo que não sabia nada e que ia tirar zero. Os Leandros até se assustaram. A bem verdade é que você gabaritou a prova. Embora não compartilharemos do mesmo caminho no próximo ano estou disposta a te ajudar no que for preciso. Só não esqueça que agora você não terá mais um caderno complementar. Preguiça para copiar nem pensar.

Aos Leandros, Rothmuller e Siqueira. Divirto-me lembrando de uma tarde de sábado na casa do Leandro loiro estudando Econometria. Lá pelas seis da tarde uma decisão unânime: iríamos trancar a matéria. Não dava tempo de estudar, não sabíamos nada, não gostávamos da matéria e a melhor solução para esse tipo de problema sempre foi trancar...Enfim, cada um foi para sua e no dia seguinte com a cabeça mais fresca e em sã consciência resolvemos encarar o “dragão”. Decidimos que iríamos fazer a prova e ver no que ia dar. À título de recordação, a nota do loiro foi uma das mais altas, eu fui normal e o alto se afundou. No entanto, como toda a sala tinha ido mal continuamos no curso. O final da história todo mundo sabe: todos passaram e muito bem. Eu e o loiro continuamos com uma certa aversão à matéria mas o alto, para nosso orgulho, virou monitor e quem sabe, futuramente, vire um mestre da Econometria.

---

<sup>1</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

<sup>2</sup> É válido lembrar que você dizia que dava sorte chorar em véspera de prova.

Leandro Rothmuller e Eduardo Marques obrigada pelos comentários e críticas ao Capítulo III da monografia durante o seminário de Finanças Internacionais. Realmente a troca de idéias durante o *workshop* foram fundamentais para a conclusão desse trabalho.

À Beta Night e Mariana Félix, grandes amigas que fiz na faculdade. Espero que consigamos manter nossas caminhadas nos domingos de manhã por muitos anos. Sei que estou devendo para vocês uma night forte e agora não terei mais desculpa. Tenho que confessar que usava a monografia como desculpa para não ir. “Ninguém merece”, né Beta. Fica então combinado que, para comemorar a conclusão da monografia, iremos à um forró em Santa Tereza, conhecer melhor o “submundo” que a Félix tanto gostou.

À Mari Cortes. Apesar de não ser do círculo dos economistas sempre esteve presente em todos os momentos. Obrigada por me aturar esses quatro meses dizendo cinco vezes ao dia que tinha que fazer monografia. Você realmente foi uma amiga paciente e me acalmou nos momentos de maior histeria com aquela antiga filosofia de estrada: “*No fim tudo dá certo. Se não deu, é porque ainda não chegou ao fim*”. Pode deixar que ano que vem desempenharei bem o papel de amiga de formanda estressada. Só não poderei prometer minha presença na sua formatura.

Ao Beto Cohen. Embora ausente na foto de formatura estará sempre presente na memória da graduação. Fico orgulhosa de termos conseguido trazer um pouco da cultura judaica para dentro da PUC nas aulas de religião.

Ao Leo Calenda. Apesar de sermos bastante diferentes, nossa amizade deu certo. É bom ter um amigo que te acorda cedo num sábado de manhã para contar as últimas da sexta à noite. O dia certamente começa divertido!

Ao Flávio Fucs. Devemos nos orgulhar de termos conseguido sobreviver a quatro anos de faculdade sem nos matarmos. Apesar de muitas vezes não demonstrar, guardo um imenso carinho por você.

Ao Jorge Vianna. Grande professor e grande pessoa. Os pequenos problemas quanto ao uso do papel na impressora<sup>3</sup> na minha época de PIBIC não comprometeram nossa amizade.

A Fernanda Nigri, Adriana Benveniste, Mariana Beildeck, Leco Lewin, Guilherme Nigri, Marcelo Kac, Jacques Moszkowicz, Marcelo Lewin e Felipe Kaczelnik: pessoas as quais guardo e guardarei um imenso carinho.

À Bia e Ceci, minhas grandes amigas de Opportunity. Apesar de vocês alegarem que dou vários “pitis” acho que sou a mais calma e normal de nós três. Estou enganada?

À Maristela Mirapalheta e Carla Cico, grandes mulheres e profissionais às quais admiro muito.

Ao Ricardo Barros. Obrigado por me apresentar a “política da minhoca”. Realmente ela foi muito útil na minha monografia e tenho certeza que ainda a utilizarei bastante na vida.

À Manuela Mattos. Obrigada pelos “*Fique calma. Tudo vai dar certo!*”. É bom trabalhar ao lado de pessoas otimistas quando se tem uma leve tendência ao pessimismo.

Ao Rafael Cunha, que embora esteja de “férias” nos Estados Unidos, foi também outro grande colega de trabalho. Obrigado por me apresentar aos *business plan*. Ainda falta muito para eu dominar o assunto, mas um dia chego lá.

E a todas as outras pessoas que não foram aqui mencionadas mas que participam, direta ou indiretamente, da minha vida.

---

<sup>3</sup> Eu usava carta e ele A4.



## ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO .....	11
II. AS EXPORTAÇÕES E O AJUSTE MACROECONÔMICO .....	14
III. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS .....	17
III.1. VALOR .....	17
III.2. COMPORTAMENTO DOS ÍNDICES DE <i>QUANTUM</i> e PREÇOS .....	38
III.3. DESTINO DAS EXPORTAÇÕES .....	49
IV. RESENHA DA LITERATURA SOBRE OS DETERMINANTES DAS EXPORTAÇÕES .....	63
V. PROJEÇÕES PARA AS EXPORTAÇÕES EM 2001/02 .....	75
VI. CONCLUSÕES .....	84
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	87
VIII. ANEXO 1 .....	90
IX. ANEXO 2 .....	112

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela III.1.1 – Balança Comercial (US\$ milhões) .....	90
Tabela III.1.2 – Participação nas Exportações Totais .....	90
Tabela III.1.3 – Crescimento das Exportações .....	90
Tabela III.1.4 – Balança Comercial 1986 .....	90
Tabela III.1.5 – Balança Comercial (US\$ milhões) .....	90
Tabela III.1.6 – Crescimento Médio Anual.....	90
Tabela III.2.1 – Taxa de Crescimento dos Índices de Preço e Quantum de Exportações ...	90
Tabela III.2.2 – Taxa de Crescimento dos Índices de Preço e Quantum de Exportações ...	90
Tabela III.3.1 – Exportações Totais: Participação por Blocos de Destino .....	90
Tabela III.3.2 – Crescimento das Exportações Totais por Bloco de Destino.....	90
Tabela III.3.3 – Manufaturados: Participação por Blocos de Destino.....	90
Tabela III.3.4 – Exportação de Manufaturados para a Ásia .....	90
Tabela IV.1 – Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações Totais .....	90
Tabela IV.2 – Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos Manufaturados (1957-1995).....	90
Tabela IV.3 – Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos Semimanufaturados (1958-1995) .....	90
Tabela IV.4 – Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos Básicos (1956-1995) .....	90
Tabela V.1 – Elasticidade-Renda Implícita das Exportações .....	90
Tabela V.2 – Crescimento PIB Real.....	90
Tabela V.3 – Destino das Exportações Brasileiras .....	90
Tabela V.4 – Projeção .....	90

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico III.1.1 – Balança Comercial (1980-out/2000) .....	90
Gráfico III.1.2 – Evolução (1980-2000) .....	90
Gráfico III.1.3 – Balança Comercial Década 80 .....	90
Gráfico III.1.4 – Balança Comercial Década 90 .....	90
Gráfico III.1.5 – Participação de Manufaturados nas Exportações Totais (1997) .....	90
Gráfico III.1.6 – Taxa de Investimento a Preços Constantes de 1980.....	90
Gráfico III.2.1 – Exportações Totais Média Móvel em 12 meses (Jan/80-Jul/01).....	90
Gráfico III.2.2 – Exportações de Manufaturados Média Móvel em 12 meses (Jan/80-Jul/01).....	90
Gráfico III.2.3 – Exportações de Básicos Média Móvel em 12 meses (Jan/80-Jul/01) .....	90
Gráfico III.2.4 – Exportações de Semimanufaturados Média Móvel em 12 meses (Jan/80-Jul/01).....	90
Gráfico III.3.1 – Participação (%) por Principais Blocos Econômicos.....	90
Gráfico III.3.2 – Manufaturados: Participação por Principais Blocos Econômicos.....	90
Gráfico III.3.3 – Estados Unidos .....	90
Gráfico III.3.4 – União Européia .....	90
Gráfico III.3.4 – União Européia .....	90
Gráfico III.3.5 – Mercosul .....	90
Gráfico III.3.6 – Ásia .....	90
Gráfico III.3.7 – Manufaturados: Taxa de Crescimento por Bloco de Destino .....	90
Gráfico III.3.8 – Produtos Importados pelos Principais Parceiros (Setembro 2001) .....	90
Gráfico III.3.9 – Básicos: Participação por Principais Blocos Econômicos .....	90
Gráfico III.3.10 – Semimanufaturados: Participação por Principais Blocos Econômicos ..	90

## I. INTRODUÇÃO

“*Exportar ou Morrer*”, slogan este declarado pelo presidente Fernando Henrique Cardoso no dia 23/08/01 na posse do novo ministro do Desenvolvimento, Sérgio Amaral e retificado duas semanas depois para “*Exportar para Viver*” - imprimindo um tom mais otimista ao slogan - reflete uma preocupação tardia do atual governo em promover nossas exportações.

Podemos perceber pelos slogans acima que exportar é a trajetória a ser perseguida pelo país rumo à sua independência econômica. O financiamento externo não é mais uma alternativa disponível para o crescimento uma vez que o cenário vigente é de desaceleração da economia mundial. Isso significa que o país está diante de uma perspectiva de crescimento mais lento, a menos que, se faça um esforço interno a fim de financiar o seu próprio desenvolvimento. Uma alternativa para atingir esse objetivo é através do aumento das exportações. Nesse contexto, a Câmara de Gestão de Comércio Exterior (Cegex)<sup>4</sup> foi instituída com o objetivo de tentar tirar o país da rota de uma iminente crise nas contas externas.

No entanto, para exportar é necessário produzir. Para produzir é necessário importar, uma vez que o Brasil não é auto-suficiente nem possui vantagens comparativas em tudo que produz. Nesse ciclo produtivo podemos observar que existe uma nítida relação de dependência entre exportações e importações. Aumentar as exportações proporciona uma melhoria na capacidade de importar o que converge com o slogan criado pelo ex-ministro da Fazenda Delfim Netto: “*Exportar é o que importa*”.

---

<sup>4</sup> Criada em 25/09/01 e possui mais poderes que a Camex (Câmara de Comércio Exterior).

Desta forma observa-se que a chave para o crescimento sustentado e saudável pode ser obtido via comércio exterior. Gerar superávits comerciais facilita não somente o fechamento das contas externas como proporciona o crescimento econômico e minimiza a dependência externa no que diz respeito aos humores do mercado financeiro internacional.

Nesse contexto surge o interesse em estudar e desvendar o comportamento das exportações brasileiras, principalmente o perfil da exportação de manufaturados, cuja participação na pauta das exportações é altamente significativa. Em 2000 essa participação representava 59% das vendas externas totais. Além disso, pode-se creditar o volume recorde exportado em 2000 à excepcional performance dos produtos manufaturados cujas vendas também constituíram um recorde histórico: US\$ 32,5 bilhões.

O trabalho está organizado em cinco capítulos além dessa Introdução. O Capítulo II consiste numa breve análise da importância do crescimento das exportações como variável de ajuste das contas externas e, como consequência, de manutenção do equilíbrio macroeconômico.

O Capítulo III descreve o desempenho e o comportamento das exportações brasileiras nas duas últimas décadas do século XX, ressaltando a importância dos produtos manufaturados. Esse capítulo está subdividido em três seções. Na Seção 1 analisar-se-á a evolução do valor das exportações construindo um paralelo com a evolução histórica do país e sua inserção no contexto mundial. Na Seção 2 o desempenho exportador será mensurado pelos índices de preços e *quantum*. A terceira e última Seção se responsabilizará pelo estudo do destino das exportações. Analisar-se-á quem são os potenciais compradores e qual a sua importância na demanda dos produtos manufaturados constitui um bom exercício de verificação da existência ou não de uma concentração geográfica para este tipo de produto.

O Capítulo IV apresentará a contribuição da literatura hoje existente sobre o comportamento e os determinantes das exportações.

Para finalizar e ilustrar todo o aspecto teórico do trabalho, o Capítulo V realizará algumas simulações a fim de projetar como será o comportamento das exportações no

próximo ano. O instrumento para tal projeção reside na bagagem conceitual adquirida na análise teórica. Desta forma, o trabalho não somente “olha pelo retrovisor” como foi a evolução das exportações brasileiras, como também indica como esta se comportará no próximo ano. Obviamente o modelo para tal projeção está longe de ter um caráter conclusivo devido as inúmeras condições *caeteris paribus*.

O Capítulo VI apresenta as considerações finais do trabalho.

## II. AS EXPORTAÇÕES E O AJUSTE MACROECONÔMICO

Analisando a evolução do comércio exterior no Brasil pode-se notar claramente que as transformações da economia brasileira na década de 90 representaram, em vários sentidos, uma ruptura com o padrão de desenvolvimento prevalecente até então.

Este padrão de desenvolvimento estava não somente sustentado pelo governo, como principal agente responsável pelo crescimento, como também pelo fechamento da economia à concorrência dos produtos externos através de elevadas tarifas de importação, diversas barreiras não-tarifárias e restrições ao acesso ao câmbio.

A atuação do governo como força motora para o crescimento pode ser entendida observando sua atuação como investidor em alguns setores ou mesmo pelo concedimento de subsídios para o investimento privado, inclusive estrangeiro, a fim de orientar a expansão da economia na direção desejada por seus dirigentes.

Fica claro que este modelo era viesado a favor do mercado interno já que evitava a concorrência de produtos importados, garantindo assim, a sobrevivência das empresas domésticas. No entanto, ao mesmo tempo em que se protegia o mercado interno não se tinha acesso ao mercado externo, uma importante fonte de crescimento para o país. Fica assim exposta a postura autárquica da economia brasileira.

As primeiras iniciativas de estímulo às exportações ocorreram no final da década de 60. Entre 1967-1973 ocorreu um grande aumento das exportações acompanhado por uma maior diversificação da pauta e por uma crescente participação dos produtos

manufaturados. Observou-se também um forte aumento das importações de bens de capital favorecidas pela existência de isenções e incentivos específicos de política industrial. Desta forma, o comportamento da balança comercial foi em muito influenciado pela política econômica do governo e não por medidas que realmente visassem reais ganhos de produtividade e eficiência. Medidas estas capazes de aproximar os padrões produtivos domésticos dos padrões internacionais e produzir uma estratégia explícita de crescimento orientado para exportações. No entanto, não se pode deixar desmerecer o sucesso dessas políticas de comércio exterior que não somente aumentaram as exportações do país como também a sua capacidade de importar, contribuindo, direta e indiretamente, para o crescimento da indústria e do produto como um todo. Não se pode esquecer que esse período ficou conhecido na história do país como o período do “milagre econômico”.

Um outro ciclo de expansão das exportações ocorreu no início da década de 80. No entanto, este não foi oriundo de uma opção de política econômica e sim da necessidade de ajustar o balanço de pagamentos num momento de escassez de financiamento externo.

Em 1987 a economia brasileira iniciou um processo de liberalização comercial. A abertura do mercado brasileiro à concorrência dos produtos importados tinha como intenção estimular o aumento da eficiência produtiva das empresas brasileiras já que estas teriam que competir e sobreviver num mercado aberto e competitivo. As alternativas anteriores de estímulo à eficiência, via incentivos fiscais ou subsídios oficiais, puderam ser deixadas de lado. Ser um empresa ou indústria eficiente tornou-se uma necessidade para sobreviver num mercado aberto e competitivo, no qual o mercado externo deveria ser enxergado como um elemento importante da demanda potencial do país.

Assim, em uma economia aberta, a dinamização das exportações não é uma opção e sim uma necessidade. Primeiramente, o ritmo de crescimento das exportações deve ser tal que compense, em parte, o rápido crescimento das importações, que sucede qualquer período de liberalização comercial evitando ou suavizando um crescimento explosivo dos déficits comerciais. Em segundo lugar, as exportações devem garantir a sustentabilidade do financiamento nacional via endividamento externo quando se trata de uma conjuntura de elevada liquidez internacional, que não é o caso atual. Nesse momento, o crescimento das



exportações é visto como uma alternativa de auto-financiamento do desenvolvimento visto que o cenário de atuação é o de restrição externa.

No entanto, a liberalização comercial não foi o único grande acontecimento da década de 90. A formação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) em 1991 bem como a estabilização da economia com o Plano Real em Julho de 1994 foram acontecimentos de extrema relevância para o entendimento do comportamento e da evolução do comércio exterior nesse período.

Fica assim exposto um breve painel da trajetória macroeconômica do país que facilitará a visualização da evolução do comportamento das exportações brasileiras, assunto que será abordado no capítulo seguinte.

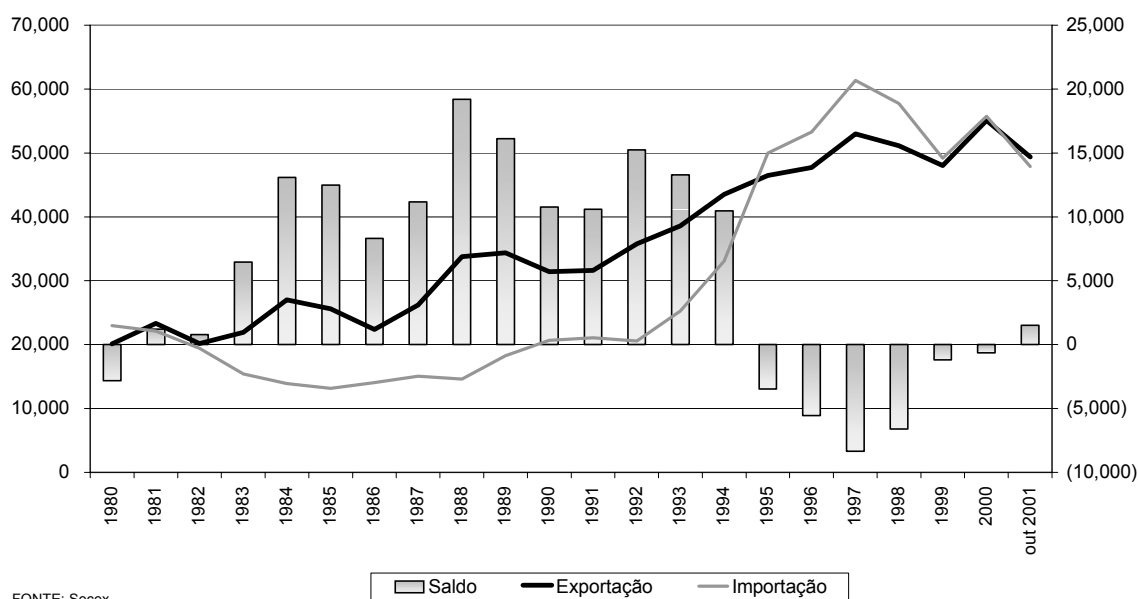
### III. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

#### III.1. VALOR

O período 1980-2001 é bastante interessante em termos de comércio exterior por englobar grandes alterações e ricas experiências em termos de ambiente econômico interno e externo.

Depois de quatorze anos (1981-1994) de superávits na balança comercial, o Brasil pós Plano Real mudou seu perfil. Os megasuperávits obtidos na década de 80 tornaram-se grandes déficits na década de 90. O gráfico abaixo ilustra com precisão esse resultado.

GRÁFICO III.1.1  
Balança Comercial  
(1980 - out/2001)



Sabe-se que um país possui superávit na balança comercial quando o nível das exportações supera o nível de importações. Pode-se observar que, com exceção do ano de 1980, a década de 80 pode ser caracterizada por sucessivos anos de grandes superávits comerciais. No entanto, é válido examinar a natureza desses superávits visto que “grandes” resultados nem sempre são “bons” resultados.

Observando o gráfico pode-se perceber que os megasuperávits obtidos nesse período são, de certa forma, “ilusórios” uma vez que não podem ser creditados à espetacular performance das exportações e sim à medíocre performance das importações.

Para validar com mais clareza esse raciocínio basta observar os superávits da primeira metade da década de 90. Percebe-se claramente que esses superávits comerciais são mais saudáveis do que os anteriormente obtidos, visto que o nível de importações começou a reagir à abertura comercial do país e mesmo assim obtiveram-se elevados superávits comerciais.

Já na segunda metade da década de 90, precisamente 1995, os grandes superávits comerciais transformaram-se em grandes déficits como consequência da política de estabilização do Plano Real. A Tabela III.1.1 é uma alternativa numérica ao gráfico apresentado na página anterior.

TABELA III.1.1  
Balança Comercial  
US\$ milhões

	Exportação	Importação	Saldo
1980	20,132	22,954	(2,822)
1981	23,293	22,091	1,202
1982	20,175	19,395	780
1983	21,899	15,429	6,470
1984	27,005	13,916	13,089
1985	25,639	13,153	12,486
1986	22,349	14,044	8,305
1987	26,224	15,051	11,173
1988	33,789	14,604	19,185
1989	34,383	18,259	16,124
1990	31,414	20,661	10,753
1991	31,620	21,041	10,579
1992	35,793	20,554	15,239
1993	38,555	25,256	13,299
1994	43,545	33,079	10,466
1995	46,506	49,971	(3,465)
1996	47,747	53,300	(5,553)
1997	52,990	61,347	(8,357)
1998	51,125	57,730	(6,605)
1999	48,011	49,210	(1,199)
2000	55,086	55,722	(636)
out 2001	49,376	47,871	1,505

FONTE: Secex

De acordo com a nomenclatura utilizada pela Secex (Secretária do Comércio Exterior) as exportações brasileiras são classificadas de acordo com o grau de elaboração de seus produtos. Estes podem ser básicos, semimanufaturados, manufaturados e operações especiais. Esta última não será tratada no trabalho. A diferença entre o total exportado e as três pautas é justamente as operações especiais.

A Tabela III.1.2 analisa a participação dessas pautas no total das exportações. Pode-se observar nitidamente uma alteração nessa composição. Enquanto no início dos anos 80, os produtos básicos respondiam por 42.2% das exportações totais, hoje, eles respondem por apenas 26.8%. Simultaneamente, houve um aumento da participação dos produtos semimanufaturados e manufaturados, sendo que para este último o aumento foi mais agressivo. No final de 2000, os produtos manufaturados respondiam por aproximadamente 59% do total das exportações brasileiras.

TABELA III.1.2  
Participação nas Exportações Totais

Período	%		
	BÁSICOS	SEMI- MANUFATURADOS	MANUFATURADOS
1964	85.4	8.0	6.2
1965	81.6	9.7	8.2
1966	82.9	8.1	8.7
1967	78.7	8.9	11.9
1968	79.3	9.5	10.7
1969	77.7	9.1	12.3
1970	74.8	9.1	15.2
1971	68.5	8.3	20.0
1972	66.4	10.0	22.5
1973	65.0	9.3	23.1
1974	57.6	11.5	27.0
1975	58.0	9.8	29.8
1976	60.5	8.3	27.4
1977	57.4	8.6	31.7
1978	47.2	11.2	40.2
1979	43.0	12.4	43.6
1980	42.2	11.7	44.8
1981	38.3	9.1	51.0
1982	40.8	7.1	50.8
1983	39.0	8.1	51.5
1984	32.2	10.6	56.0
1985	33.3	10.8	54.9
1986	32.6	11.1	55.5
1987	30.6	12.1	56.6
1988	27.9	14.5	56.8
1989	27.8	16.9	54.2
1990	27.8	16.3	54.2
1991	27.6	14.8	56.2
1992	24.7	16.1	58.0
1993	24.3	14.1	60.8
1994	25.4	15.8	57.3
1995	23.6	19.7	55.0
1996	24.9	18.0	55.3
1997	27.3	16.0	55.1
1998	25.4	15.9	57.4
1999	24.6	16.6	56.9
2000	22.8	15.4	59.0
2001*	26.8	13.9	56.0

\* Outubro

FONTE: Secex

Prolongando a análise para 1964, pode-se observar que os contrastes são amplificados. Pode-se dizer que a exportação do país era exclusivamente de produtos básicos e estes

respondiam por 85% do total exportado. A participação dos produtos semimanufaturados e manufaturados era irrisória.

Percebe-se que a importância dos produtos manufaturados ocorreu concomitantemente à perda da importância dos produtos básicos no total exportado. Uma grande diversificação da pauta ocorreu nesse extenso período o que é completamente compatível e pertinente com o processo de desenvolvimento comercial e industrial do país.

Para tornar a análise mais transparente e completa, um estudo detalhado da evolução do comércio exterior será feito, contrapondo-o com os fatos históricos, a fim de caracterizar o perfil da evolução das exportações brasileiras.

Como apresentado no capítulo anterior, o cenário da década de 70 pode ser considerado o último período de grande surto de investimentos na economia brasileira, no âmbito do II PND, cujos investimentos foram inspirados pela necessidade de substituir importações - especialmente de petróleo, bens de capital e insumos básicos - e de expandir as exportações a fim de manter o equilíbrio do balanço de pagamentos.

No início dos anos 80, a realidade era outra. Ante a segunda crise do petróleo e a crise da dívida externa, a promoção de superávits comerciais tornava-se uma tarefa difícil, mas indispensável em virtude da dificuldade de se obter financiamento externo. Este cenário perdurou até 1984.

De acordo com Carneiro e Modiano (1990), *“a política macroeconômica que prevaleceu em 1981 e 1982 foi basicamente direcionada para a redução das necessidades de divisas estrangeiras através do controle da absorção interna. A lógica dessa política é fazer com que a queda da demanda interna torne as atividades exportadoras mais atraentes, ao mesmo tempo que reduz as importações”*<sup>5</sup>. Em outras palavras, essa estratégia tinha como objetivo gerar superávits comerciais despressionando o balanço de pagamentos. Entretanto, essa política de reorientação de despesas não teve sucesso no Brasil. Primeiro porque, em virtude da recente memória do fracasso da desvalorização de Dezembro de 1979, não era possível contar com substanciais desvalorizações do câmbio

---

<sup>5</sup> pp. 324-325.

para incentivar as exportações; e, segundo, porque realmente se acreditava que as exportações estavam limitadas pela recessão mundial e não pela capacidade produtiva.

No entanto, após um déficit de US\$ 2.8 bilhões em 1980, a balança comercial em 1981 registrou um superávit de US\$ 1.2 bilhões (Tabela III.1.1). Em 1982, a balança comercial também foi superavitária em US\$ 780 milhões fruto da queda das importações, que superou a queda das exportações. Nesse ano, o Brasil exportou US\$ 3 bilhões a menos do que o ano anterior. De acordo com a tabela abaixo as exportações nesse ano declinaram em 13.4% em relação ao ano anterior. Esse declínio superou o declínio no comércio mundial que foi de 8.2%.

TABELA III.1.3  
Crescimento das Exportações

Período	TOTAL	BÁSICOS	SEMI MANUFATURADOS	MANUFATURADOS	EXPORTAÇÕES MUNDIAIS
1980	32.1	29.5	24.5	35.8	19.4
1981	15.7	5.1	(9.9)	31.6	(0.9)
1982	(13.4)	(7.6)	(32.3)	(13.7)	(8.2)
1983	8.5	3.6	24.4	10.0	(1.8)
1984	23.3	2.0	61.2	34.2	6.1
1985	(5.1)	(1.9)	(4.0)	(7.1)	1.7
1986	(12.8)	(14.7)	(9.7)	(11.8)	9.3
1987	17.3	10.2	27.5	19.6	17.3
1988	28.8	17.3	54.1	29.3	14.2
1989	1.8	1.5	18.7	(2.9)	8.7
1990	(8.6)	(8.4)	(12.0)	(8.7)	13.9
1991	0.7	(0.1)	(8.2)	4.4	3.0
1992	13.2	1.1	22.6	16.9	6.0
1993	7.7	6.1	(5.3)	12.9	0.0
1994	12.9	18.1	26.6	6.5	13.0
1995	6.8	(0.8)	32.7	2.4	20.2
1996	2.7	8.5	(5.8)	3.3	4.7
1997	11.0	21.6	(1.6)	10.5	3.8
1998	(3.5)	(10.4)	(4.1)	0.6	(2.2)
1999	(6.1)	(8.8)	(1.8)	(6.9)	3.5
2000	14.7	6.2	6.5	19.0	12.5
2001 08	8.0	21.4	(2.9)	4.8	1.0*
2001 10	7.3	23.7	(2.1)	2.4	1.0*
1980-1990	4.5	0.3	8.1	6.5	6.4
1990-2000	5.8	3.7	5.2	6.7	6.3
1980-2000	5.2	2.0	6.6	6.6	6.0

\* WTO. Realizado até Junho/2001.

FONTE: Secex

Enfim, “a recessão mundial, acentuada pelo comportamento defensivo dos dirigentes das economias centrais e pelo declínio da capacidade de importar de alguns dos novos

*consumidores de manufaturas brasileiras, frustrara a tentativa de produzir um significativo superávit comercial no segundo ano da nova política econômica”<sup>6</sup>.*

A economia brasileira ficou praticamente estagnada em 1982 em virtude da recessão mundial e, em parte, pela redução dos já escassos financiamentos como consequência do anúncio da moratória mexicana em Agosto desse mesmo ano.

O “Programa para o Setor Externo em 1983”, acordado com o FMI determinava “*um teto de US\$ 6.9 bilhões para o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos, o que requereria um superávit comercial de US\$ 6 bilhões e exportações líquidas de bens e serviços de US\$ 4 bilhões*”<sup>7</sup>. No entanto, o fraco desempenho da balança comercial nos primeiros meses de 1983 levou o governo a uma maxidesvalorização do cruzeiro em 30%. Alterações no “Programa para o Setor Externo em 1983” também foram feitas visando incluir novos programas de crédito com o propósito de estimular as exportações e facilitar a substituição de importações.

*“Uma combinação de fatores, tais como a recessão interna, a queda do salário real, a desvalorização cambial, as quedas do preço internacional do petróleo e da taxa de juros, e a recuperação da economia norte-americana, que se fortaleceu durante a segunda metade do ano, contribuiu para o cumprimento de praticamente todas as metas relacionadas com as contas externas de 1983”<sup>8</sup>. Um superávit de US\$ 6.5 bilhões foi obtido em 1983, superando em aproximadamente 8.5% a meta preestabelecida. Esse superávit foi fruto principalmente da redução de 20.4% das importações, já que as exportações cresceram apenas 8.5%, ao invés dos 12% projetados. Pode-se dizer que esse resultado foi satisfatório quando comparado a queda de quase 2% nas exportações mundiais (Tabela III.1.3).*

Apesar do cumprimento das metas externas, a recessão do ano de 1983 impossibilitou o cumprimento das metas internas. O PIB deste ano chegou a cair quase 3% e há registros que neste ano ocorreu a maior recessão experimentada pelo setor industrial.

---

<sup>6</sup> Ver Carneiro e Modiano (1990), p. 328.

<sup>7</sup> Ver Carneiro e Modiano (1990), p. 331.

<sup>8</sup> Ver Carneiro e Modiano (1990), p. 332.



Em 1984, a restrição externa demonstrou sinais de relaxamento, fator positivo para o desempenho da economia brasileira. O PIB cresceu 5.4% em relação ao ano anterior e as exportações cresceram 23.3%. Destaca-se o papel dos semimanufaturados e manufaturados que cresceram respectivamente 61.2% e 34.2% (Tabela III.1.3). É importante ressaltar que o comércio mundial nesse ano cresceu aproximadamente 6%, o que reflete o positivo desempenho do comércio brasileiro, bem acima do mundial. Outro fator que merece destaque é a participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais que nesse ano atingiu aproximadamente, 1.5%, *market-share* recorde nesses 20 anos analisados<sup>9</sup>.

De acordo com Carneiro e Modiano (1990), *“a recuperação iniciada em 1984 levou a uma mudança radical nas perspectivas a respeito das restrições sob as quais a economia brasileira estaria operando nos anos seguintes. O país parecia ser capaz de crescer apesar da crise da dívida”*<sup>10</sup>.

Enfim, o ajustamento externo da economia brasileira, no período 1981-1984 foi bem sucedido no que se diz respeito à produção de superávits comerciais e do reequilíbrio da conta corrente do balanço de pagamentos. Não se pode inferir o mesmo diagnóstico em termos de ajuste interno: não houve ajustamento capaz de evitar a escalada da inflação.

De acordo com o Gráfico III.1.2 pode-se observar uma clara tendência ascendente das exportações totais e das exportações de manufaturados, que, conforme mencionado anteriormente, respondem por parcelas crescentes do total exportado. No entanto, não se pode camuflar momentos de forte retração das exportações.

Estas ocorreram em 1982 (recessão mundial), 1986 (Plano Cruzado), 1990 (Plano Collor), 1999 (desvalorização do Real).

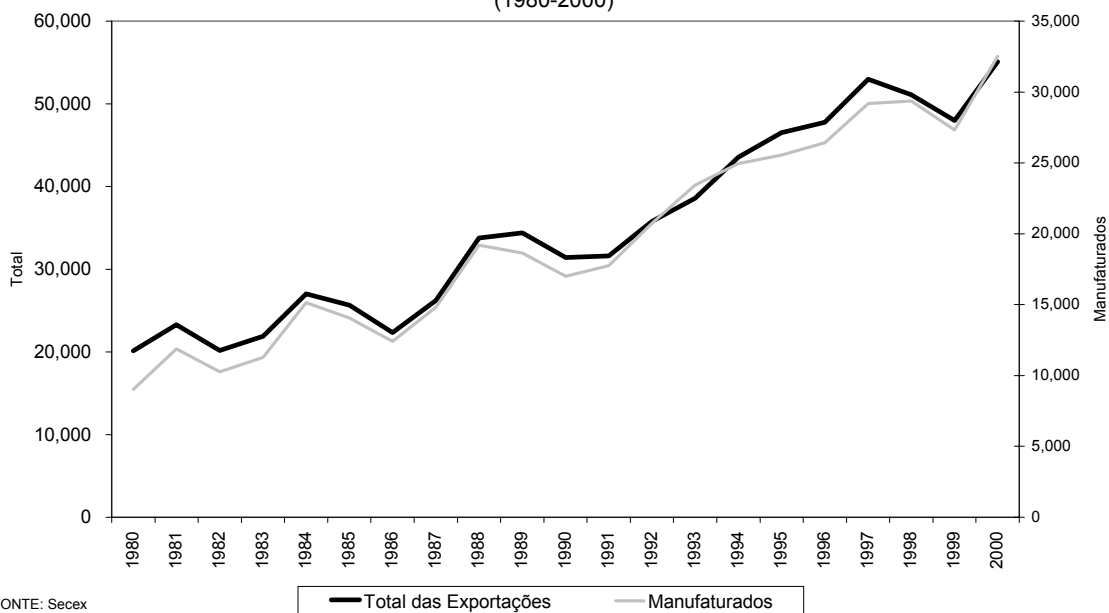
Pode-se notar que o perfil das curvas é bastante similar tanto para as exportações totais como para as exportações dos manufaturados o que comprova novamente a importância destes na evolução das exportações.

---

<sup>9</sup> Ver Tabela A.1.3.

<sup>10</sup> Ver Carneiro e Modiano (1990), pp. 341-342.

GRÁFICO III.1.2  
Evolução  
(1980-2000)



FONTE: Secex

Como anteriormente mencionado, o período de 1981-1984 não conseguiu estancar a escalada inflacionária o que viria a ser um dos grandes objetivos dos planos de estabilização de 1985-1989. Não obstante, estes também não solucionaram o problema inflacionário brasileiro.

Em 1986, a implementação do Plano Cruzado gerou uma explosão de demanda e uma imediata reorientação da oferta para o mercado interno. No entanto, até Agosto de 1986, os elevados superávits da balança comercial não refletiam o excesso de demanda que se observava no mercado doméstico.

TABELA III.1.4  
Balança Comercial (1986)

1986	Mensal		Saldo
	Exportação	Importação	
Jan	1,907	1,208	699
Fev	1,750	1,123	627
Mar	2,156	1,021	1,135
Abr	2,171	880	1,291
Mai	2,289	951	1,338
Jun	1,999	929	1,070
Jul	2,204	1,199	1,005
Ago	2,094	1,149	945
Set	1,847	1,313	534
Out	1,337	1,420	(83)
Nov	1,270	1,308	(38)
Dez	1,325	1,543	(218)

FONTE: Secex

Analisando a Tabela III.1.4 pode-se observar que essa situação se alterou em Setembro e mais drasticamente em Outubro, com a queda da receita de exportações para US\$ 1.3 bilhões após uma receita de aproximadamente US\$ 2.1 bilhões em Agosto.

*“A especulação a cerca de uma maxidesvalorização do cruzado levou o ágio no mercado paralelo de dólares para 90%. Ainda em Outubro, o governo descongelou a taxa de câmbio, promovendo uma modesta desvalorização do cruzado de 1.8% e anunciando uma política de minidesvalorizações eventuais, baseadas num indicador de câmbio-salário. Como o indicador sugeria que a taxa de câmbio estava sobrevalorizada em, pelo menos, 10% em relação a fins de Fevereiro de 1986, a expectativa de uma nova e maior desvalorização do Cruzado estimulou ainda mais o adiamento de exportações e a antecipação de importações, levando a uma deterioração maior das contas externas nos meses posteriores”<sup>11</sup>.*

Assim, as perspectivas de novas desvalorizações do Cruzado levaram a uma postergação das exportações o que justifica sua queda no período. As exportações totais reduziram-se 12.8% impulsionadas, em parte, pela queda de 11.8% nas exportações dos produtos manufaturados (Gráfico III.1.2 e Tabela III.1.3). Entre os fatores que contribuíram para essa queda pode-se citar o grande aumento da utilização da capacidade instalada; o aumento dos salários; e a expectativa crescente de outra maxidesvalorização para corrigir a taxa de câmbio.

Esse péssimo desempenho comercial brasileiro em 1986 ocorreu num momento em que as exportações mundiais cresceram 9% em relação ao ano anterior. O resultado só não foi pior porque a balança comercial, apesar de todos obstáculos, fechou superavitária em US\$ 8.3 bilhões. No entanto, o mérito desse superávit deve ser creditado à baixa performance das importações.

Em suma, pode-se dizer que o ano de 1986 foi realmente atípico. A reação negativa das exportações já parecia indicar um aspecto que se tornaria mais evidente nos anos seguintes: uma maior sensibilidade das exportações às variações da demanda interna<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Ver Modiano (1990), p. 363.

<sup>12</sup> Pode-se fazer um paralelo entre o Plano Cruzado e o Plano Real.

O final da década de 80 continuou sendo um período de superávits na balança comercial. Em 1987 e 1988, as exportações totais cresceram 17.3% e 28.8%, respectivamente. Esse crescimento pode ser creditado à performance dos produtos industriais (semimanufaturados e manufaturados) cujas vendas externas superaram o crescimento das exportações mundiais (Tabela III.1.3).

Já o ano de 1989 não teve o mesmo brilho do que o biênio anterior. Nesse ano as exportações cresceram apenas 1.8% em relação ao ano anterior, patamar esse, bastante inferior aos 8.7% obtidos pelas exportações mundiais. Nesse ano, os produtos manufaturados, foco desse trabalho, tiveram um declínio de 3% em relação ao ano anterior.

Assim sendo, o ano de 1989 foi mais um ano de “ilusórios” superávits na balança comercial. Este resultado pode ser creditado muito mais a má performance das importações do que ao extraordinário desempenho das exportações.

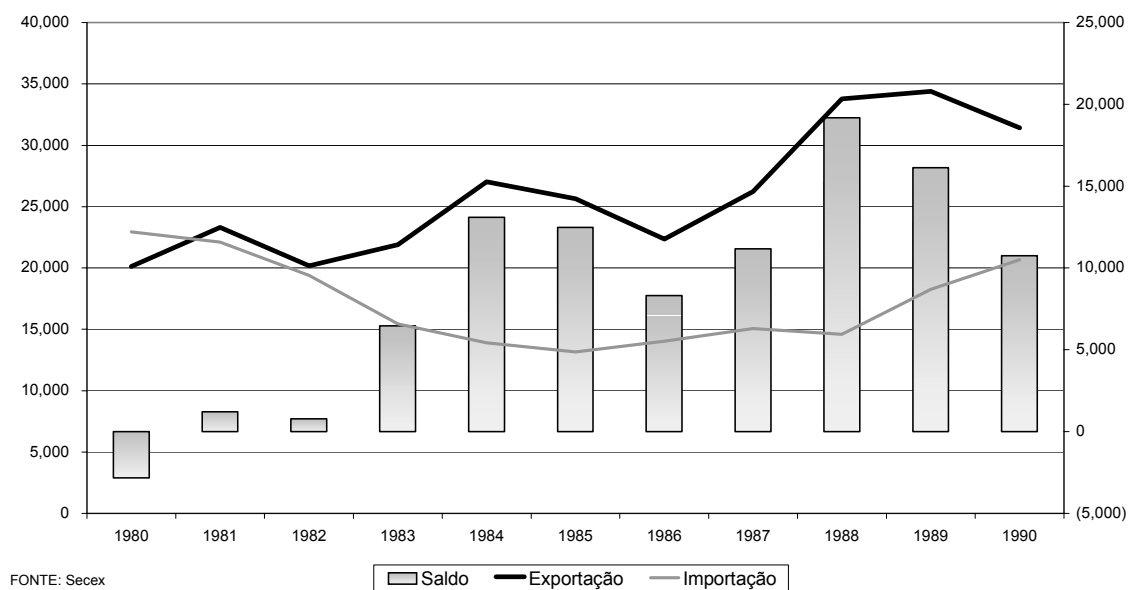
Em resumo, pode-se dizer que a política externa do Brasil na década de 80 esteve dominada pela necessidade de acumular grandes superávits comerciais que permitissem o pagamento da dívida externa. O reduzido dinamismo da economia interna conjuntamente com uma política cambial agressiva, com incentivos às exportações e uma série de barreiras às importações, possibilitaram esses vultosos superávits comerciais, principalmente, no período de 1984-1989. Nessa década as exportações cresceram em média 4.5% aa, sendo que esse crescimento foi, em grande parte, puxado pelo crescimento dos produtos semimanufaturados e manufaturados, que cresceram em média 8.1% e 6.5% aa, respectivamente. Vale mencionar que nesse mesmo período o crescimento médio das exportações mundiais foi de 6.4% aa, superior em 1.9% o crescimento das exportações brasileiras (Tabela III.1.3) e o crescimento do comércio de produtos manufaturados foi de 8.5%<sup>13</sup>, performance 2% superior a brasileira.

De acordo com o Gráfico III.1.3, um mero corte do Gráfico III.1.1., pode-se observar claramente os resultados supra citados sobre a década de 80, especialmente no que tange aos “mega” e em certo grau “ilusórios” superávits comerciais.

---

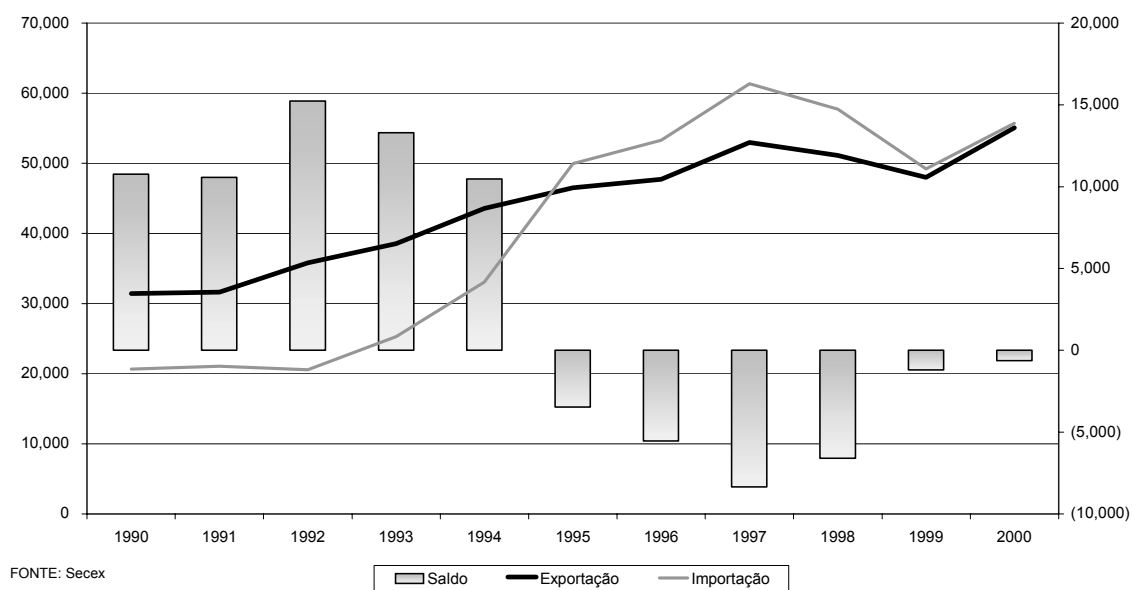
<sup>13</sup> World Trade Organization (2001), p.112, Tabela IV.25.

GRÁFICO III.1.3  
Balança Comercial  
Década 80



Por outro lado, observando o gráfico abaixo, pode-se dizer que os superávits da primeira metade da década de 1990 podem ser considerados mais saudáveis do que os superávits obtidos na década anterior visto que houve um grande aumento das importações.

GRÁFICO III.1.4  
Balança Comercial  
Década 90



Pode-se caracterizar a década de 90 por uma ruptura com o padrão vigente até a década anterior. O processo de liberalização comercial iniciado em 1987, que alterou a estrutura tarifária pela primeira vez em trinta anos, a criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul) em 1991 e a implementação do Plano Real em 1994 foram alguns dos principais destaques da política econômica desta década.

Dois períodos fundamentalmente distintos em termos de comportamento das principais variáveis macroeconômicas podem ser distinguidos. A essência do primeiro período, que vai de 1990 até 1993, não se distinguiu muito da década de 80: alta inflação e baixo crescimento econômico destacando-se a profunda recessão de 1990-1992<sup>14</sup>. Assim, a produção de elevados superávits na balança comercial fazia frente aos compromissos da dívida externa. O segundo período, na prática, iniciou-se com a implementação do Plano Real em Julho de 1994. O plano de estabilização, que teve a taxa de câmbio como a sua principal âncora, gerou uma redução rápida da inflação e uma aceleração do crescimento econômico. Em termos de desempenho comercial, o ano de 1994 foi o último ano superavitário.

A partir de 1995, o perfil da balança comercial sofreu grandes transformações. A apreciação do câmbio juntamente com o aquecimento da demanda interna foram alguns dos fatores que podem ter interferido no desempenho das exportações.

De acordo com Baumann e Mussi (1999), *“el proceso de reducción arancelaria se aceleró en dos oportunidades, en 1990 y en 1994. En ambos casos el principal argumento utilizado fue la necesidad de dar un remezón competitivo a los productores nacionales, mediante la reducción o eliminación de prácticas monopólicas y el uso de la política comercial externa como herramienta complementaria de las medidas de estabilización de los precios. La reforma de 1990 incluyó además una disminución de las bareras no arancelarias, la eliminación de diversos incentivos a las exportaciones y la modificación de la estructura institucional del comercio exterior. La reforma realizada en el segundo semestre de 1994 consistió en un anticipo parcial del arancel externo común del Mercosur, que debía entrar en vigencia a comienzos del año siguiente”*<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Ver Tabela A.1.3.

<sup>15</sup> p. 22.

Neste período, a boa performance da balança comercial pode ser creditada às exportações que, mesmo com o aumento extraordinário das importações, oriundo da abertura comercial, conseguiu manter o saldo positivo. A Tabela III.1.5 reflete esses resultados. Enfim, o ano de 1994 apresentou um superávit de US\$ 10.5 bilhões num ano que as importações cresceram 31% e as exportações cresceram apenas 13% em relação ao ano anterior.

TABELA III.1.5  
Balança Comercial  
US\$ milhões

Período	Exportação	%	Importação	%	Saldo
1990	31,414	(8.6)	20,661	13.2	10,753
1991	31,620	0.7	21,041	1.8	10,579
1992	35,793	13.2	20,554	(2.3)	15,239
1993	38,555	7.7	25,256	22.9	13,299
1994	43,545	12.9	33,079	31.0	10,466
1995	46,506	6.8	49,971	51.1	(3,465)
1996	47,747	2.7	53,300	6.7	(5,553)
1997	52,990	11.0	61,347	15.1	(8,357)
1998	51,125	(3.5)	57,730	(5.9)	(6,605)
1999	48,011	(6.1)	49,210	(14.8)	(1,199)
2000	55,086	14.7	55,722	13.2	(636)
2001*	49,376	7.3	47,871	4.5	1,505

\* até Outubro

FONTE: Secex

Vale ressaltar que parte do ano de 1994 já estava com o câmbio valorizado refletindo que não houve um efeito imediato sobre a balança comercial. Esse efeito, provavelmente, só começou a ser sentido no ano seguinte. Outro ponto que merece destaque é a produção de saldos positivos na balança comercial em praticamente todos os meses do ano de 1994. A estrutura da balança só inverteu em Novembro e Dezembro<sup>16</sup>.

O ano de 1995 pode ser considerado o ponto de inflexão na balança comercial. Os grandes superávits converteram-se em permanentes déficits e este perfil tornou-se constante até 2000. O ano de 2001, até então, é uma grande incógnita devido aos inúmeros acontecimentos<sup>17</sup> que abalaram o percurso da história e conseqüentemente a economia mundial. Entretanto, tudo indica que esse ano será novamente um ano de reversão na

<sup>16</sup> Ver Tabela A.1.1.

<sup>17</sup> Referência aos ataques terroristas de 11/09/01 que juntamente com a desaceleração mundial tornou o ano de 2001, um ano de inúmeras incertezas.

balança comercial. Até Outubro de 2001, a balança comercial acumula um superávit de aproximadamente US\$ 1.5 bilhões.

De acordo com a Tabela III.1.5, o ano de 1995 não pode ser considerado o pior em termos de déficit na balança comercial. O crescimento das importações nesse ano foi 51.1% superior ao ano anterior refletindo um forte aumento das compras externas após a liberalização comercial e apreciação da taxa de câmbio. Nesse ano, as exportações cresceram apenas 6.8% em relação ao ano anterior. No tocante aos produtos manufaturados, estes cresceram apenas 2.4%. O crescimento das exportações totais nesse ano foi influenciado fortemente pelo crescimento de 32.7% dos produtos semimanufaturados. As exportações de produtos básicos nesse ano declinou 0.8% em relação à 1994. Pode-se dizer que o desempenho comercial brasileiro nesse ano foi realmente decepcionante, uma vez que as exportações mundiais tiveram uma excelente performance: cresceram 20.2% em relação à 1994 (Tabela III.1.3).

Os efeitos da crise mexicana também influenciaram, em certo grau, o desempenho comercial brasileiro já que alteraram a política cambial naquele ano. De acordo com Baumann e Mussi (1999): *“Los efectos de la crisis mexicana obligaron a realizar una primera modificación de la política de tipo de cambio ya a fines de 1994, consistente en la introducción de bandas cambiarias. En marzo de 1995 el creciente desequilibrio externo condujo al ajuste de algunos aranceles y la adopción de una intrabanda con variaciones casi puntuales del tipo de cambio, conforme a una política de flotación sucia. Según el argumento oficial en respuesta a las críticas que apuntaban a una excesiva valorización de la moneda, los “fundamentos” de la economía se habían alterado en un contexto de estabilización, por lo que los precios anteriores a la adopción del real no debían considerarse como referencia”*<sup>18</sup>.

O ano de 1996 não se diferenciou muito do ano anterior. O déficit comercial se ampliou mas as importações não obtiveram um crescimento tão “exagerado” como no ano anterior. De acordo com a Tabela III.1.5, as importações cresceram 6.7% e as exportações cresceram apenas 2.7% em relação ao ano anterior. Pode-se creditar o crescimento do total

---

<sup>18</sup> p. 22.



exportado ao crescimento dos produtos básicos que nesse ano cresceram 8.5%. Os produtos manufaturados cresceram 3.3% em relação ao ano anterior e os produtos semimanufaturados, que no ano anterior tiveram um crescimento surpreendente, nesse ano decepcionaram. Tiveram uma queda de 5.8%. As exportações mundiais, por sua vez, cresceram 4.7% em relação à 1995.

De acordo com a teoria econômica seria razoável esperar uma bruta desaceleração das exportações, por conta do aquecimento da demanda interna e da valorização cambial. No entanto, os números não comprovam a expectativa. No período de 1993-1996 as exportações cresceram em média 7.4% aa enquanto que no período 1989-1993 as exportações cresceram apenas 2.9% aa, indicando assim uma melhora de desempenho exportador no período mais recente, ao contrário do esperado.

Segundo o grau de elaboração do produto, o período mais recente também obteve um melhor desempenho, com exceção dos produtos manufaturados. Para tais produtos, o período de 1989-1993, obteve um melhor desempenho reagindo conforme a expectativa econômica. Os dados correspondentes a essa análise encontram-se na tabela abaixo.

TABELA III.1.6  
Crescimento Médio Anual

Período	Total	Básico	Semi Manufaturados	Manufaturados	%
					Comércio Mundial
1989-93	2.9	(0.5)	(1.6)	5.9	5.6
1993-96	7.4	8.3	16.5	4.1	12.5

FONTE: Secex

Tal movimento indica uma perda da competitividade dos produtos manufaturados *vis-à-vis* os produtos com menor grau de elaboração, refletindo, de acordo com a teoria do comércio internacional, uma movimentação no sentido da exploração das vantagens comparativas em virtude da liberalização comercial.

Analisando a Tabela III.1.6, pode-se inferir que esse resultado esteve de certa forma associado com às tendências do comércio mundial. Este, por sua vez, também apresentou aceleração no período mais recente tendo crescido em média 5.6% aa de 1989-1993 e

12.5% ao no período entre 1993-1996. Isto significa que parte desse maior crescimento no período mais recente está de certa forma atrelado ao fator demanda externa.

No entanto, em ambos os períodos, as exportações brasileiras cresceram abaixo do comércio mundial o que reflete que a participação brasileira no comércio mundial continua caindo, um fato negativo para uma economia que pretende aprofundar sua presença no comércio mundial.

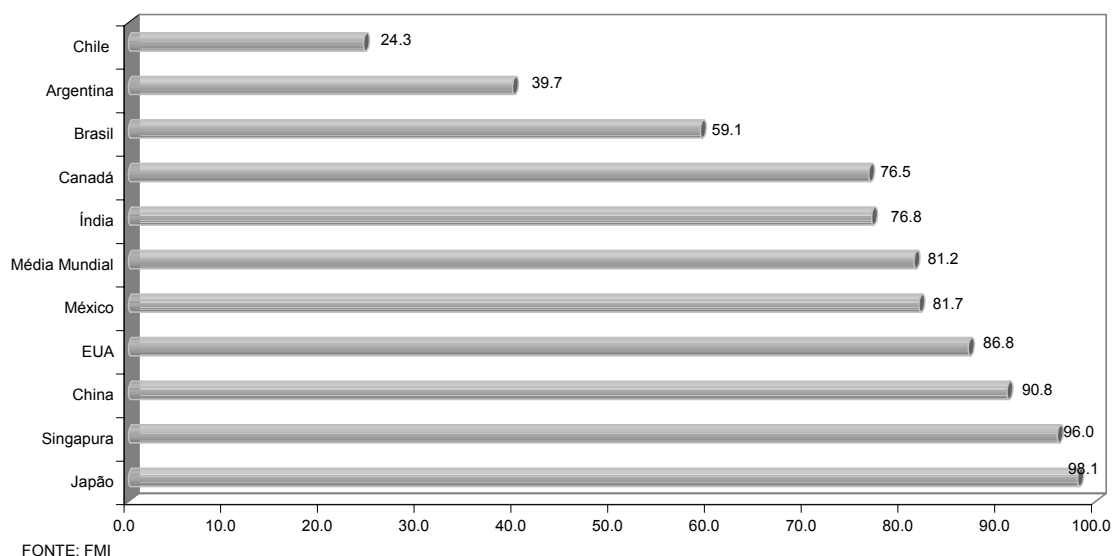
O biênio 1997-1998 foram anos de fortes déficits comerciais. Ambos os anos foram abalados por crises externas o que influenciou em muito a saúde financeira do país. Apesar da crise asiática de 1997, tanto as exportações quanto as importações cresceram à taxas elevadas nesse período, 11% e 15.1%, respectivamente. Pode-se considerar um resultado positivo já que as exportações mundiais cresceram apenas 3.8% em relação ao ano anterior. É importante mencionar que 1997 foi um dos anos em que mais se exportou. As receitas de exportação atingiram US\$ 53 bilhões. Esse recorde foi superado pelas exportações de 2000 cuja receita foi da ordem de US\$ 55 bilhões. A excelente performance das exportações em 1997 pode ser creditada ao desempenho dos produtos básicos que cresceram 21.6% em relação ao ano anterior e à performance, mais modesta, dos produtos manufaturados que cresceram 10.5%. Os produtos semimanufaturados tiveram uma queda de 1.6% (Tabela III.1.3).

Um estudo<sup>19</sup> realizado conjuntamente pelo Banco Mundial (BIRD) e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentou para o ano de 1997 um *ranking* de 65 países, englobando aqueles que mais exportam produtos manufaturados em relação ao total exportado. O Brasil aparece em 41º lugar, atrás de países como Índia, China e México. Além disso, o Brasil encontra-se bem abaixo da média mundial que é de 81.2%. O Gráfico III.1.5 apresenta esse resultado.

---

<sup>19</sup> Ver Secex, Acompanhamento Internacional (2001).

GRÁFICO III.1.5  
Participação (%) de Manufaturados nas Exportações Totais  
(valores de 1997)



Já o ano de 1998 foi um ano de queda tanto das exportações (3.5%) quanto das importações (5.9%). Essa queda das exportações pode ser justificada pela má performance dos produtos básicos que declinaram 10.4% em relação ao ano anterior. Os produtos semimanufaturados também tiveram uma queda de 4.1% enquanto os produtos manufaturados tiveram um pequeno crescimento de 0.6% em relação à 1997. O comércio mundial nesse ano também não obteve um bom desempenho: as exportações mundiais tiveram uma queda de 2.2%. Pode-se creditar à crise russa de Agosto de 1998 as dificuldades incorridas pelo comércio mundial nesse ano.

Em Novembro desse ano, o Brasil formalizou um acordo com o FMI com o objetivo de estancar a perda de reservas e a propagação da crise internacional. Entretanto, a insustentabilidade da trajetória de endividamento externo e os novos ataques especulativos ao Real levaram a uma mudança na política cambial. Em Janeiro de 1999, o regime cambial tornou-se flutuante.

A desvalorização do Real em Janeiro de 1999 não reverteu, como esperado, o saldo deficitário da balança, ainda que tenha reduzido sensivelmente sua magnitude - que passou de US\$ 6.6 bilhões em 1998 para US\$ 1.2 bilhões em 1999. Longe de afastar o pessimismo

sobre o dinamismo das exportações, a desvalorização contribuiu para acentuá-lo. Em 1999, a redução do déficit comercial foi resultado da maior queda das importações relativamente às exportações. Enquanto a primeira declinou 14.8%, a segunda caiu apenas 6.1%, contradizendo as expectativas de impulso às exportações oriundo do câmbio depreciado. Houve uma queda nas exportações de todos os produtos sendo que esta foi mais acentuada para os produtos básicos e manufaturados.

Segundo as projeções do IEDI (2000), o incentivo da desvalorização sobre as exportações apresenta reflexo maior no ano 2000 do que em 1999. O estudo mostra através da análise das elasticidades do *quantum* importado e exportado que *“a desvalorização reduz fortemente o quantum importado, sendo que a grande parte da redução ocorre ao longo do ano que se segue à desvalorização. A dinâmica do ajuste do quantum exportado é mais complexa. Os efeitos levam mais tempo e o quantum reage mais fortemente apenas a partir do segundo ano pós desvalorização, ou seja, como a desvalorização ocorreu no início de 1999, o crescimento do quantum exportado é maior no ano 2000”*<sup>20</sup>.

Assim, em 2000, a balança comercial registrou exportações de US\$ 55 bilhões, recorde histórico nesses vinte anos de análise. As importações registraram US\$ 55.7 bilhões totalizando um saldo negativo de US\$ 636 milhões (Tabela III.1.5). As vendas externas desempenharam um excelente papel, superando em 4% o recorde anterior de US\$ 53 bilhões exportados em 1997. Em termos de volume, nossas vendas registraram incremento de 14.5% em relação ao ano anterior superando o crescimento de 12.5% das vendas mundiais. Pode creditar esse excepcional resultado ao desempenho dos produtos manufaturados que nesse ano corresponderam a 59% das vendas externas e obtiveram um crescimento de 19% em relação ao ano anterior constituindo também um recorde histórico: US\$ 32.5 bilhões. Vale mencionar que o crescimento do comércio mundial de manufaturados nesse ano foi de 10%<sup>21</sup> o que valoriza ainda mais essa performance.

As importações registraram um crescimento de 13.2% e este resultado deveu-se ao aumento dos preços do petróleo bem como pelo aquecimento da demanda por matérias-primas e bens intermediários, em razão da expansão da economia que foi da ordem de

---

<sup>20</sup> p. 50.

<sup>21</sup> World Trade Organization (2001), p. 112, Tabela IV.25.

4.2%<sup>22</sup>. É importante mencionar também que parte das importações de insumos e componentes destina-se a atender à produção de bens para exportação.

Sem dúvida, até o presente momento, o ano de 2000 foi o que mais se destacou entre os anos de vigência do Plano Real. Entretanto, tudo indica que a balança comercial brasileira fechará positiva neste ano. Até Outubro de 2001 a balança comercial registrou superávit da ordem de US\$ 1.505 milhões, recorde histórico para o período Janeiro-Outubro. A crise num vizinho e grande parceiro comercial, a desaceleração do crescimento mundial aprofundado pelo atentado terrorista de 11 de Setembro fazem com que o destino das exportações brasileiras seja algo imprevisível, mas imprescindível para a sustentabilidade do crescimento brasileiro num ano de profunda restrição de recursos externos. Como mencionado anteriormente, a preocupação no tocante à evolução das exportações é tão grande que em Setembro foi criada a Câmara de Gestão de Comércio Exterior (Cegex), em caráter de urgência, nos mesmos moldes da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica.

A nova Câmara dará amplos poderes e independência ao ministro Sérgio Amaral e terá como tarefa garantir um aumento no saldo comercial previsto a fim de afastar os temores da incapacidade do governo de cumprir suas obrigações financeiras com o exterior. Para atingir tal objetivo uma drástica redução das importações terá que ser feita o que não será tão complicado em virtude do encarecimento do dólar e da recessão interna<sup>23</sup>. A política de substituição de importações tende a ser a chave para o sucesso do resultado da balança comercial visto que o aumento das exportações não será uma tarefa muito fácil já que os grandes compradores dos produtos brasileiros estão em desaquecimento, apesar, é claro, da vantagem cambial.

Para finalizar não se pode deixar de mencionar a importância e a influência da taxa de investimento como porcentagem do PIB na capacidade exportadora do país. Durante a década de 70 as taxas foram, em média, maiores do que 20% em função do surto de investimentos proporcionados pelo II PND. No entanto, nos anos 80 houve uma brusca queda dos investimentos como consequência da menor disponibilidade de crédito e da

---

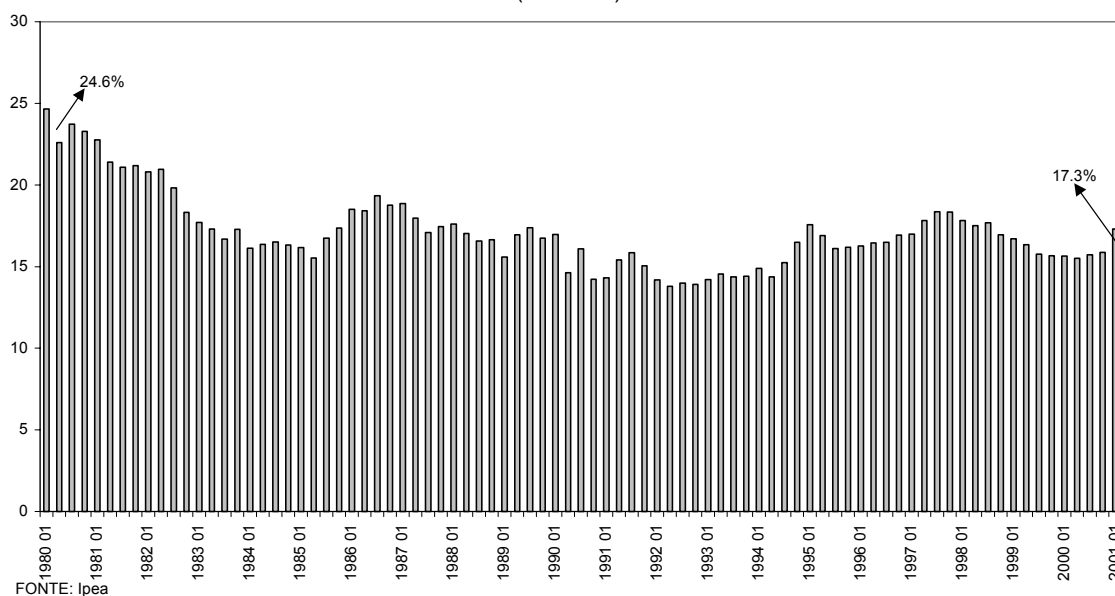
<sup>22</sup> Ver Tabela A.1.3.

<sup>23</sup> Dois trimestres seguidos de queda no PIB.

grande incerteza quanto a condução da política econômica. O Gráfico III.1.6 reflete esse acontecimento.

Após atingir o ponto mínimo em 1992, os investimentos voltaram a se recuperar nos últimos anos mas numa taxa bem inferior à de 1970. A recuperação do nível de investimento, num período de desaceleração mundial é difícil e ao mesmo tempo imprescindível para o desempenho do país no mercado mundial. Uma baixa taxa de investimento reduz a capacidade do país em produzir bens destinados à exportação tornando o desempenho do setor fortemente dependente da capacidade doméstica.

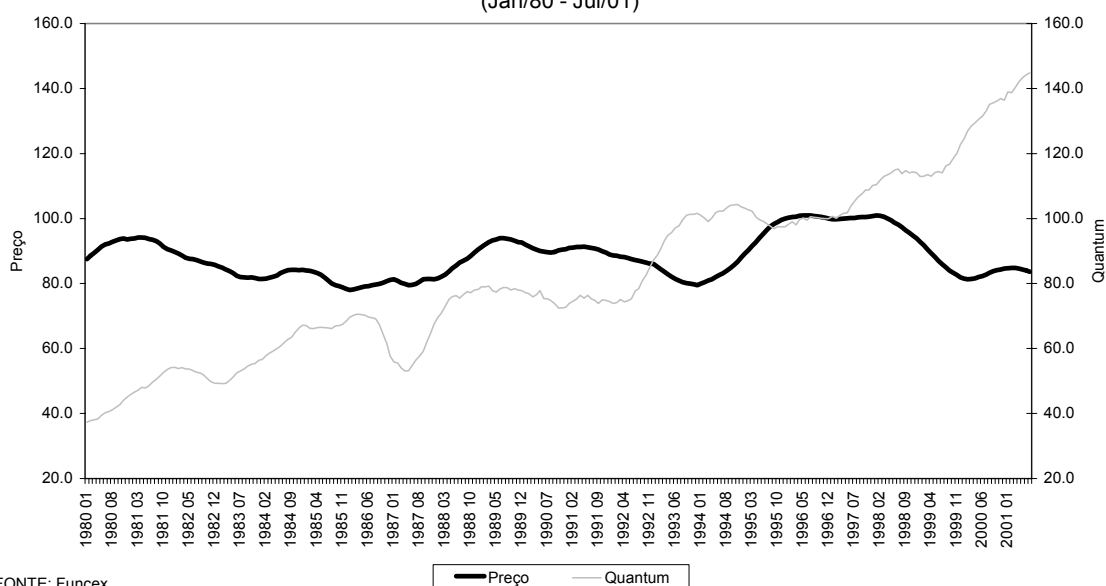
GRÁFICO III.1.6  
Taxa de Investimento a Preços Constantes de 1980  
(% do PIB)



### III.2. COMPORTAMENTO DOS ÍNDICES DE *QUANTUM* e PREÇOS

Como se sabe, o valor das exportações é determinado não só pelo desempenho do *quantum* como também pelo comportamento do índice de preços. O gráfico abaixo mostra que o índice de preços sofreu uma oscilação significativa ao longo do período e não se pode identificar uma tendência histórica clara, nem de crescimento nem de queda. Já o índice de *quantum* apresenta uma forte trajetória ascendente, embora esta não seja homogênea.

GRÁFICO III.2.1  
Exportações Totais  
Média Móvel em 12 Meses  
(Jan/80 - Jul/01)



FONTE: Funcex

Pode-se observar que replicando essa análise para os produtos segundo seu grau de elaboração um resultado interessante, porém previsível, é encontrado. O perfil das curvas dos produtos manufaturados é bem similar, para não dizer idêntica, à curva das exportações totais. Esse resultado previsível é consequência da participação dos produtos manufaturados no total exportado, que como mencionado anteriormente, corresponde a mais de 50% da pauta das exportações nessas duas últimas décadas.

Já os produtos básicos e semimanufaturados apresentam curvas distintas. Em termos de índice de preços, os produtos básicos apresentam uma tendência decrescente enquanto os produtos semimanufaturados apresentam uma relativa estabilidade. Os índices de *quantum*, em ambas as categorias, apresentaram uma tendência crescente. Para os produtos básicos esta trajetória foi mais lenta e para os produtos semimanufaturados esta trajetória apresentou um crescimento contínuo.

Os gráficos a seguir refletem esse diagnóstico:

GRÁFICO III.2.2  
Exportações de Manufaturados  
Média Móvel em 12 Meses  
(Jan/80 - Jul/01)

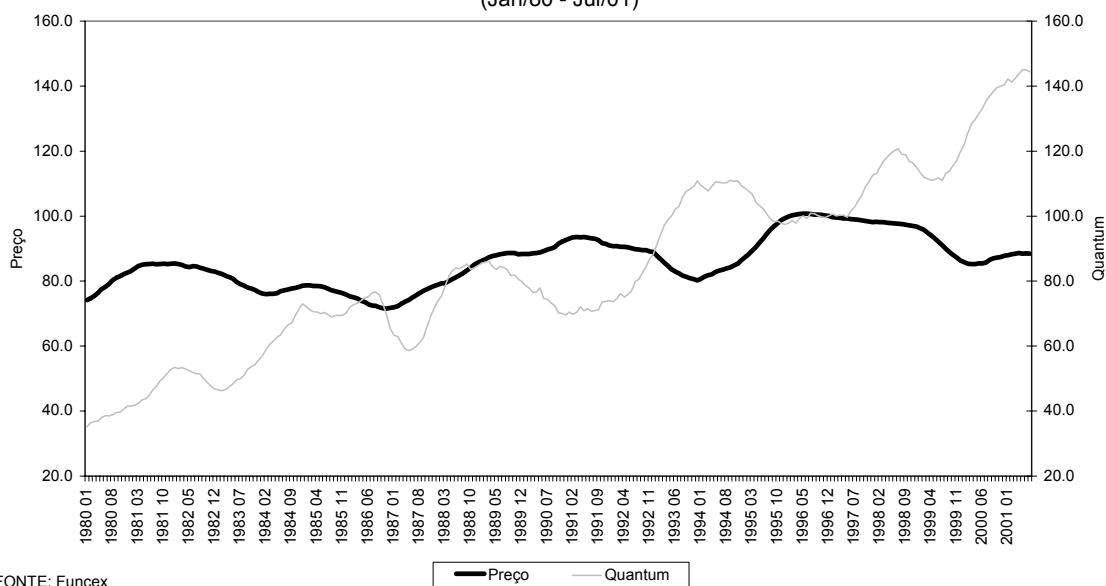




GRÁFICO III.2.3  
Exportações de Básicos  
Média Móvel em 12 Meses  
(Jan/80 - Jul/01)

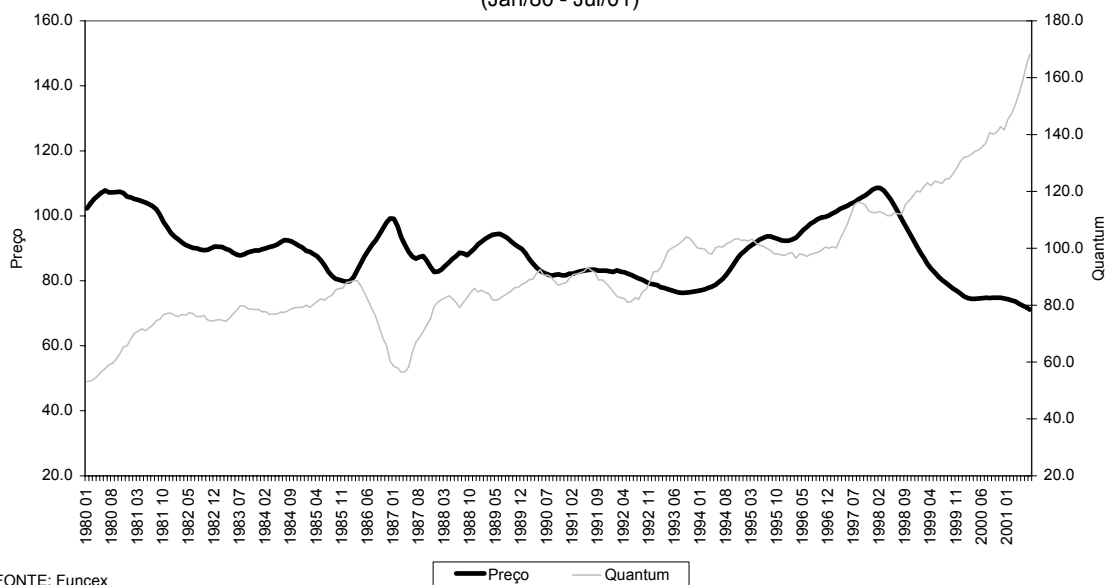
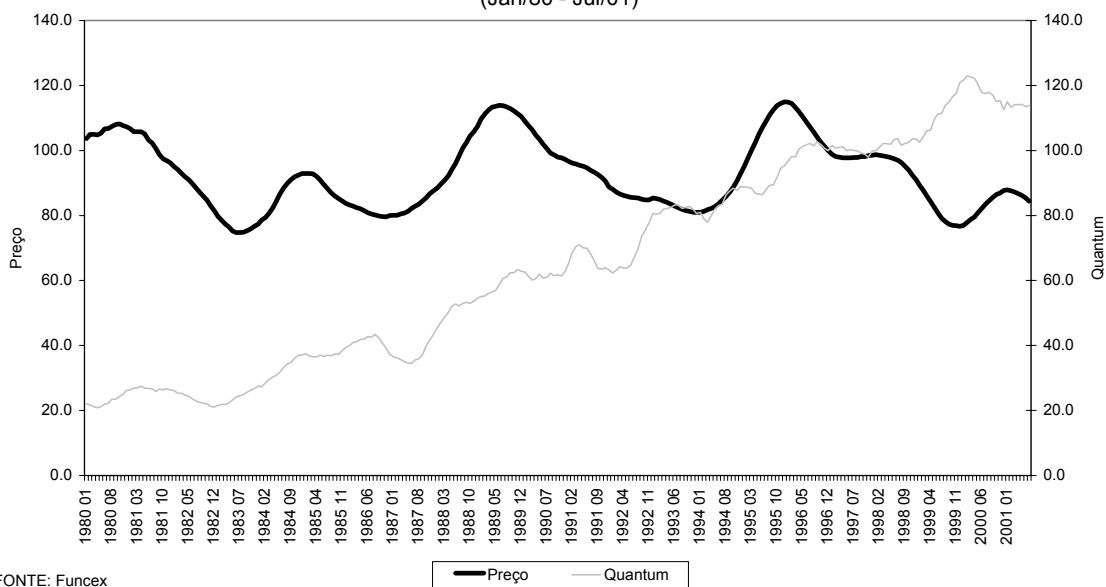


GRÁFICO III.2.4  
Exportações de Semimanufaturados  
Média Móvel em 12 Meses  
(Jan/80 - Jul/01)



Retomando o Gráfico III.2.1, pode-se observar dois períodos de quedas nos movimentos dos preços. Esses períodos compreendem os anos de 1981-1983 e de 1990-1993. No entanto, em 1994-1995 houve um aumento impressionante do índice de preços.

Em relação a evolução do *quantum*, pode-se dizer que a década de 80 foi um período de crescimento quase que contínuo, com retrações apenas em 1982 e 1986. A década de 90 também apresentou elevações rápidas no índice de *quantum* em alguns anos, como em 1992 e 1993. Os demais anos foram de relativa estagnação da quantidade exportada e pode-se dizer que os únicos anos da década que apresentaram queda no *quantum* das exportações totais foram 1990 e 1995.

De acordo com a Tabela III.2.1, o índice de preços sofreu um declínio de 0.5% em média ao longo desses vinte anos enquanto o índice de *quantum* apresentou um crescimento de 5.7% em média ao longo desse mesmo período. Pode-se creditar essa performance do *quantum* aos produtos industrializados, semimanufaturados e manufaturados, que cresceram em média 7.6% e 6.3% ao ano, respectivamente. A queda dos preços pode ser creditada, em grande parte, à queda do preço dos produtos básicos e em menor grau à queda dos preços dos produtos semimanufaturados.

TABELA III.2.1  
Taxas de Crescimento dos Índices de Preço e Quantum das Exportações

Período	Total		Básicos		Semi Manufaturados		Manufaturados	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
<b>1980-2000</b>	<b>(0.5)</b>	<b>5.7</b>	<b>(1.7)</b>	<b>3.9</b>	<b>(1.0)</b>	<b>7.6</b>	<b>0.3</b>	<b>6.3</b>
1981-1982	(5.0)	(8.8)	(4.5)	(3.3)	(15.3)	(20.0)	(2.9)	(11.2)
1983-1985	(1.9)	10.3	(5.5)	5.9	4.0	19.6	(0.5)	12.3
<b>1980-1985</b>	<b>(3.5)</b>	<b>8.8</b>	<b>(5.5)</b>	<b>6.0</b>	<b>(4.8)</b>	<b>8.5</b>	<b>(1.7)</b>	<b>11.2</b>
1986	3.5	(15.8)	24.4	(31.5)	(4.5)	(5.4)	(5.4)	(6.8)
1987-1989	6.7	7.3	4.1	4.8	12.3	20.4	6.1	5.6
<b>1986-1990</b>	<b>2.8</b>	<b>5.9</b>	<b>(4.7)</b>	<b>9.9</b>	<b>5.0</b>	<b>13.9</b>	<b>6.6</b>	<b>1.5</b>
<b>1980-1990</b>	<b>(0.3)</b>	<b>4.9</b>	<b>(2.6)</b>	<b>2.9</b>	<b>(1.0)</b>	<b>9.1</b>	<b>1.2</b>	<b>5.3</b>
1990-1992	(2.6)	9.5	(1.7)	2.2	(6.3)	13.3	(2.0)	12.7
1992-1994	1.1	9.1	5.8	5.8	4.3	5.0	(1.5)	11.3
1990-1994	(0.7)	9.3	2.0	4.0	(1.2)	9.0	(1.8)	12.0
<b>1990-1995</b>	<b>2.0</b>	<b>6.0</b>	<b>2.5</b>	<b>2.1</b>	<b>3.4</b>	<b>8.7</b>	<b>1.4</b>	<b>7.0</b>
<b>1996-2000</b>	<b>(4.1)</b>	<b>8.1</b>	<b>(7.1)</b>	<b>9.1</b>	<b>(3.2)</b>	<b>3.0</b>	<b>(3.2)</b>	<b>8.8</b>
<b>1990-2000</b>	<b>(0.7)</b>	<b>6.5</b>	<b>(0.9)</b>	<b>4.9</b>	<b>(1.0)</b>	<b>6.0</b>	<b>(0.5)</b>	<b>7.3</b>

FONTE: Funcex

A recessão de 1982 que reduziu o valor da receita das exportações em 13.4% deveu-se em grande parte a queda de 8.8% do *quantum* e também pela queda de 5% dos preços. Segundo o grau de elaboração dos produtos pode-se observar os mesmos resultados: preços

e *quantum* despencando. As maiores quedas são observadas nos produtos industrializados. Segundo Iglesias (2001), “...a existência de capacidade ociosa não gera automaticamente exportações, fato que voltaria a se repetir em 1990. A desorganização da produção, típica do início do processo recessivo, reduz o ritmo de crescimento ou até mesmo contrai o *quantum* exportado de industrializados, especialmente se a recessão é acompanhada de uma taxa de câmbio real apreciada”<sup>24</sup>.

TABELA III.2.2  
Taxas de Crescimento dos Índices de Preço e Quantum das Exportações  
Base 1996=100

Período	Total		Básicos		Semi Manufaturados		Manufaturados	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
1980	8.3	21.8	4.9	23.4	4.8	18.6	12.8	20.4
1981	(3.6)	20.1	(10.5)	17.4	(10.4)	0.5	3.4	27.3
1982	(5.0)	(8.8)	(4.5)	(3.3)	(15.3)	(20.0)	(2.9)	(11.2)
1983	(5.0)	14.2	(1.4)	5.0	(5.1)	31.0	(7.7)	19.1
1984	3.4	19.2	1.0	1.0	20.1	34.2	2.6	30.8
1985	(7.0)	2.1	(11.6)	11.0	(9.8)	6.5	(3.6)	(3.6)
1986	3.5	(15.8)	24.4	(31.5)	(4.5)	(5.4)	(5.4)	(6.8)
1987	0.2	17.1	(16.5)	32.0	9.6	16.3	9.5	9.3
1988	11.3	15.7	10.2	6.4	22.7	25.6	9.3	18.3
1989	2.3	(0.5)	(1.6)	3.1	2.9	15.4	3.1	(5.8)
1990	(2.1)	(6.6)	(9.0)	0.7	(12.0)	(0.1)	4.8	(12.9)
1991	(1.8)	2.5	1.6	(1.7)	(8.8)	0.7	(1.8)	6.3
1992	(3.3)	17.1	(5.0)	6.3	(3.8)	27.4	(2.2)	19.5
1993	(7.6)	16.5	(2.6)	8.9	(5.2)	(0.1)	(9.8)	25.2
1994	10.7	2.1	14.9	2.8	14.7	10.3	7.6	(1.1)
1995	13.6	(6.0)	4.5	(5.1)	23.8	7.2	15.2	(11.1)
1996	0.0	2.6	8.4	2.5	(13.0)	5.0	0.6	2.6
1997	0.7	10.2	8.0	12.6	(1.5)	(0.1)	(1.9)	12.6
1998	(6.8)	3.5	(16.1)	6.7	(7.7)	3.6	(1.4)	2.0
1999	(12.8)	7.7	(16.1)	8.7	(15.7)	16.8	(10.8)	4.3
2000	3.3	11.0	(2.1)	8.5	14.4	(6.9)	1.7	17.1
2001*	(2.0)	10.9	(7.6)	32.9	(6.5)	1.9	1.3	5.0

\* julho

FONTE: Funcex

Em 1983, a maxidesvalorização do cruzeiro em 30% permitiu uma nova expansão das exportações no contexto de uma ampla capacidade ociosa. O *quantum* exportado expandiu 14.2% de acordo com a tabela anterior. O *quantum* dos produtos manufaturados cresceu 19.1% enquanto que o *quantum* dos produtos semimanufaturados tiveram um crescimento espetacular de 31%. Em todas as categorias houve um declínio dos preços das exportações.

<sup>24</sup> p. 7.

De acordo com Horta (1983) a desvalorização parece ter sido suficiente para promover a competitividade dos produtos brasileiros no mercado internacional no curto prazo. No entanto, apesar da retomada do crescimento do *quantum* exportado de manufaturados, este não atingiu os níveis anteriores à recessão. Essa menor intensidade do crescimento pode estar relacionada à uma falta de expansão efetiva da produção manufatureira em relação ao padrão anterior ao da recessão.

Em 1984, com a retomada do crescimento mundial, as exportações cresceram 23.3% e este crescimento foi fruto da expansão do *quantum* em 19.2%. Nesse ano os produtos manufaturados conseguiram novamente obter a performance que tinham anteriormente à recessão.

Observa-se pela Tabela III.2.1 que apesar da recessão mundial de 1982, a primeira metade da década de 80 registrou uma boa expansão do *quantum* exportado. Em média, 8.8% aa. Esse crescimento pode ser creditado à evolução dos produtos manufaturados que tiveram seu *quantum* expandido em 11.2%. Esse resultado converge com o encontrado por Iglesias (2001) que afirma que o *quantum* exportado dos produtos industrializados registraram taxas mais elevadas na segunda metade da década de 70, na primeira metade da década de 80 e na primeira metade da década de 90.

A expansão do *quantum* exportado na segunda metade da década de 70 foi um exemplo de expansão como consequência do crescimento da produção e da capacidade produto em virtude do surto de investimentos ocorridos com o II PND. Já as expansões da década de 80 e 90 refletem a dificuldade de expandir o *quantum* exportado de forma sustentada e contínua em função da ausência de aumentos na capacidade produtiva e da produção.

Vale ressaltar que o crédito do crescimento do *quantum* em 5.7% nesses vinte anos está relacionada com a performance do sub-período compreendido entre 1980-1985. A pequena queda nos preços é justificada pelas quedas de 1980-1985 como também pelas quedas de 1996-2000 (Tabela III.2.1).

Como mencionado na seção anterior, em 1986, o Plano Cruzado foi implementado e expandiu fortemente a absorção doméstica estimulando a produção industrial. Esse

movimento reflete uma reorientação da oferta para o mercado interno em detrimento do mercado externo. Assim a receita de exportação foi reduzida em 12.8% e esta redução é completamente explicada pela redução do *quantum* em 15.8%. Esse resultado foi originado por todas as pautas que compõem as exportações mas a queda foi mais acentuada nos produtos básicos.

Este fenômeno de redução do *quantum* exportado como resultado de uma política de estabilização com expansão do consumo voltou a se repetir em 1994 com a implementação do Plano Real.

Após o Cruzado, no período 1987-1988 houve um novo ciclo de expansão do *quantum* exportado. Esse “salto” deveu-se a expansão dos produtos manufaturados, significando que estes parecem ser efetivamente mais sensíveis a oscilações do câmbio real e da demanda interna, sendo portanto, mais sensíveis a restrições de oferta.

De acordo com Cavalcanti e Ribeiro (1998) esse momento de salto no *quantum* exportado pode ser caracterizado “*por grandes desvalorizações cambiais e recessão que, ao mesmo tempo, reduzem a demanda interna, aumentando os excedentes exportáveis, e elevavam fortemente a rentabilidade das exportações. No entanto, uma vez passados os efeitos imediatos dessas medidas, o quantum permanecia estagnado e não configurava uma trajetória de crescimento sustentado*”<sup>25</sup>. Em outras palavras, pode-se dizer que os produtos manufaturados são mais sensíveis às desvalorizações e aos períodos recessivos do país, pois os produtores seriam mais dinâmicos no sentido de redirecionar a produção para o mercado externo se a rentabilidade aumentasse (desvalorização) e se existisse capacidade de produção ociosa (recessão).

Desta forma, esse ciclo expansivo não se sustentou. A apreciação da taxa de câmbio real em 1989 e o crescimento do consumo doméstico, como resultado da implementação do Plano Verão, contraíram o *quantum* exportado de manufaturados refletindo conseqüentemente no *quantum* exportado total.

---

<sup>25</sup> p. 10.

Pode-se dizer que a capacidade de crescimento sustentado das exportações, e mais especialmente das de manufaturados, nos últimos anos da década de 80 pode estar comprometida por restrições na capacidade de produção e por problemas de rentabilidade, fato que não se observava até meados da década de 80. Isto significa que o menor nível de investimento e a instabilidade cambial teriam contribuído, de certa forma, para reduzir o dinamismo das exportações brasileiras comprometendo seu potencial de crescimento.

Em 1990, a recessão juntamente com a forte desvalorização da taxa de câmbio real, contraiu o *quantum* exportado de produtos manufaturados em 12.9%. Esta queda impulsionou a queda de 6.6% no *quantum* total. Os preços nesse ano também tiveram uma queda de 2.1% mas os responsáveis por este declínio foram os produtos semimanufaturados e básicos.

Em 1991 houve uma suave recuperação das exportações em 0.7%. O *quantum* exportado cresceu 2.5% impulsionado pelo crescimento de 6.3% do *quantum* dos produtos manufaturados. Em relação ao nível de preços, houve um declínio constante nos primeiros anos da década de 90, mais especificamente, de 1990-1993 (Tabela III.2.2).

Essa queda nos preços foi acompanhada de um forte ciclo de expansão no *quantum* nos anos de 1992 e 1993. As quantidades exportadas de manufaturados voltaram a crescer a taxas semelhantes as taxas do início da década de 80. De acordo com a Tabela III.2.1, o *quantum* exportado no período 1990-1994 superou o *quantum* exportado na primeira metade da década de 80 assim como o *quantum* dos produtos manufaturados. Pode-se dizer que a essa extraordinária performance está relacionada às tendências do comércio mundial e ao efeito da liberalização comercial. Papageorgiou, Michaely e Choksi (1991)<sup>26</sup> verificaram que a liberalização tende a aumentar as exportações dos países. Esta regularidade foi observada em 31 episódios de liberalização em diversos países estudados pelos autores.

De acordo com Iglesias (2001), “o crescimento do *quantum* exportado às taxas médias de 1992-1994 não era sustentável. Assim que o crescimento da demanda (doméstica e

---

<sup>26</sup> p. 192.

*externa) levasse a economia até um alto nível de utilização da capacidade produtiva, a fase depressiva do ciclo de quantum exportado de manufaturados voltaria a se repetir”<sup>27</sup>.*

A contração do *quantum* exportado é um fato típico de programas de estabilização com âncora cambial, como é o caso do Plano Real. Assim sendo, os impactos da implementação desse plano foram sentidos em 1995. O *quantum* exportado declinou em 6.6% e os preços elevaram-se em 13.6%. Pela perspectiva do *quantum*, os responsáveis foram os produtos manufaturados que tiveram uma queda de 11.1%. Já quanto ao nível de preços, os responsáveis foram os produtos semimanufaturados que tiveram uma elevação de 23.8%.

A justificativa para tal resultado reside na apreciação da taxa de câmbio real e da expansão da demanda doméstica que reorientaram a produção para o mercado doméstico. Para atender o maior consumo doméstico, houve uma contração do *quantum* como também um forte aumento das compras de produtos importados. Na seção anterior foi exposto que esse aumento das importações, em valor, foi da ordem de 51.1%.

O desempenho global das exportações nesse ano não foi pior porque o Real foi implementado numa conjuntura internacional favorável. Os preços dos produtos exportados em todas as categorias experimentaram uma alta no período. Esta elevação mais do que compensou a redução do *quantum* garantindo assim a receita de exportação.

Em 1996, o *quantum* cresceu 2.6% recuperando parte da queda do ano anterior e os preços praticamente não cresceram (0.03%). O *quantum* dos produtos semimanufaturados mantiveram seu crescimento praticamente ininterrupto desde meados da década de 80 e os produtos manufaturados tiveram seu *quantum* elevado a mesma taxa das exportações totais, 2.6%. Realmente a receita de exportação nesse ano não obteve uma boa performance crescendo, apenas, 2.7% em relação à 1995.

O ano de 1997 foi excepcional. A receita de exportação cresceu 11% estimulada pelo crescimento do *quantum* em 10.2%. O *quantum* exportado de produtos manufaturados cresceram 12.7%, taxa que na experiência brasileira só era possível com forte desvalorização e com ampla capacidade ociosa. No entanto, essa não era a realidade de

---

<sup>27</sup> p. 10.

1997. O PIB registrou um crescimento de 3.3%<sup>28</sup> enquanto que a produção física da indústria de transformação registrava uma taxa de crescimento de 3.6%.

Nesse ano o *quantum* exportado superou o crescimento médio anual do *quantum* exportado para os períodos de 1980-1985 e 1996-2000 que foram de 8.8% e 8.1%, respectivamente.

Em 1998, após a crise asiática, o governo precisou, mais uma vez, aumentar as taxas de juros a fim de defender a política cambial contraindo a demanda doméstica e reduzindo em 3.3% a produção industrial. O comércio mundial também passava por uma forte desaceleração o que dificultava ainda mais as vendas externas. A expansão de 3.5% no *quantum* exportado não neutralizou a queda de 6.8% no índice de preços gerando, assim, uma queda de 3.5% no valor das exportações.

Apesar da implementação do Real, tanto o período de 1990-1995 como o de 1996-2000 obtiveram fortes expansões do *quantum* exportado, resultado obtido também pelos produtos manufaturados. Segundo Iglesias (2001), *“a melhor explicação para esta expansão do quantum exportado de produtos industrializados parece ter sido a expansão da oferta global resultante do aumento das importações. As importações atenderam uma parte da maior demanda doméstica de bens finais e intermediários, permitindo o direcionamento de uma parcela maior da produção local para as exportações. A abertura econômica permitiu, quebrar o dilema existente em uma economia fechada, com uma dada capacidade produtiva, entre expansão da demanda doméstica e crescimento do quantum exportado”*<sup>29</sup>.

Mesmo com a desvalorização do Real em Janeiro de 1999, as exportações brasileiras registraram uma queda de 6.1% influenciada pela variável preço que obteve uma queda de 12.8% contra um aumento de *quantum* de 7.7%. Para os produtos manufaturados o resultado foi semelhante: uma queda de 6.9%, principalmente devido a queda de 10.8% nos preços, já que o aumento de 4.3% no *quantum* não foi suficiente para neutralizar essa queda.

---

<sup>28</sup> Ver Tabela A.1.3.

<sup>29</sup> pp. 15-16.



A demora da reação das exportações de produtos manufaturados esteve relacionada com as restrições macroeconômicas que acompanharam a desvalorização. As altas taxas de juros inibiram a produção industrial e, conseqüentemente, a oferta de produtos exportáveis. As incertezas quanto a economia brasileira diminuiu o financiamento externo às exportações e com isso as vendas. Fica exposto que o desempenho da exportação de produtos manufaturados depende, em grande parte, ao desempenho da indústria manufatureira.

Os efeitos da desvalorização só foram sentidos em 2000, quando a receita de exportações cresceu 14.7%. A redução dos juros reais permitiu uma expansão de 5.9% na produção industrial o que possibilitou o crescimento do *quantum* de produtos manufaturados em 17.1% (Tabela III.2.2).

Os dados mais recentes para o ano de 2001 são de Julho. Pode-se dizer que o *quantum* exportado cresceu aproximadamente 10% em relação à Julho de 2000. Esse crescimento pode ser creditado à performance do *quantum* dos produtos básicos que cresceram 32.9% em relação à Julho de 2000. Já os produtos manufaturados tiveram um crescimento do *quantum* de apenas 5% em relação à Julho de 2000. Por outro lado, o índice de preços das exportações agregadas está caindo 2% em virtude da queda dos índices de preços dos produtos básicos e semimanufaturados que foram de 7.6% e 6.5%, respectivamente.

Em resumo, o período 1980-2000 foi um período de expansão do índice de *quantum* e de uma pequena queda no índice de preços. A expansão do *quantum* deve ser creditada à performance dos produtos industrializados. O índice de *quantum* dos produtos manufaturados cresceram, em média, 6.3% aa nesse período. Pode-se dizer que os produtos manufaturados tiveram um bom desempenho uma vez que o crescimento mundial do *quantum* exportado de manufaturados foi da ordem de 6.6%<sup>30</sup> aa no mesmo período. Paralelamente, a queda do índice de preços deve ser creditada à queda do índice de preços dos produtos básicos (Tabela III.2.1).

---

<sup>30</sup> World Trade Organization (2001), p.29, Tabela II.1.

### III.3. DESTINO DAS EXPORTAÇÕES

Analisada a evolução das receitas de exportação é necessário verificar como esta foi alocada entre os diversos mercados que consomem nossos produtos. Um estudo dos principais e potenciais mercados compradores de nossas exportações, destacando os mercados compradores dos produtos manufaturados, ajudará na compreensão de como foi e de como é a alocação das exportações brasileiras pelos diversos blocos econômicos. Nessa análise descobrir-se-á quais são os mercados cujo nosso foco deve estar dirigido tanto no presente quanto no futuro.

Observando a Tabela III.3.1, pode-se verificar que a participação dos blocos de destino nas compras de nossas exportações sofreu algumas mudanças nesses últimos vinte anos. Em 1980 metade do total exportado era absorvido pelos Estados Unidos e pela União Européia sendo o primeiro responsável por 17.4% das compras e o segundo pelos outros 32.6%. Em 2000, esses mesmos blocos continuam responsáveis pelo consumo da metade de nossas exportações. No entanto, a alocação entre os dois blocos está mais equilibrada: os Estados Unidos absorvem 23.8% de nossas exportações e a União Européia 26.7%.

Em 1980, os países que hoje compõem o Mercosul compravam apenas 9% do total exportado. Em 2000 eles compravam 14% do total exportado. O bloco asiático também era um importante consumidor dos produtos brasileiros em 1980, sendo responsáveis pelas compras de quase 10% do total exportado. Já em 2000, esse percentual elevou-se para 11.5%.

TABELA III.3.1  
Exportações Totais: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	17.4%	32.6%	14.8%	9.0%	5.8%	1.2%	6.1%	4.4%	9.9%	6.5%	0.6%	5.2%
1981	17.7%	29.3%	15.3%	7.3%	8.0%	1.0%	6.7%	4.3%	9.7%	8.4%	0.7%	5.5%
1982	20.0%	31.6%	12.6%	5.6%	7.0%	1.0%	5.0%	5.3%	11.1%	6.9%	0.8%	4.7%
1983	23.1%	31.2%	8.6%	4.5%	4.1%	0.9%	5.8%	6.4%	12.6%	5.7%	0.7%	3.7%
1984	28.5%	27.5%	9.4%	4.9%	4.5%	1.0%	4.3%	4.4%	11.6%	7.3%	0.8%	4.0%
1985	27.1%	28.9%	7.8%	3.9%	4.0%	1.1%	3.6%	4.8%	12.4%	7.9%	0.7%	4.7%
1986	28.2%	28.5%	10.6%	5.2%	5.3%	1.2%	3.2%	4.3%	13.3%	4.2%	0.7%	4.9%
1987	27.9%	28.6%	10.7%	5.3%	5.4%	1.2%	4.1%	4.8%	12.7%	4.0%	0.7%	4.7%
1988	26.6%	30.4%	10.1%	4.8%	5.3%	0.8%	2.7%	3.9%	15.1%	3.3%	0.8%	5.3%
1989	23.4%	30.1%	8.8%	4.0%	4.9%	0.8%	2.5%	3.4%	16.0%	2.8%	1.0%	8.5%
1990	24.6%	32.5%	8.5%	4.2%	4.4%	1.0%	2.1%	3.4%	16.8%	3.2%	0.7%	5.5%
1991	19.9%	32.0%	13.2%	7.3%	5.9%	0.7%	1.2%	3.6%	18.0%	3.3%	0.8%	5.8%
1992	19.7%	30.1%	18.1%	11.4%	6.7%	0.6%	1.1%	3.6%	15.6%	3.2%	0.7%	5.9%
1993	20.8%	26.4%	21.1%	14.0%	7.1%	0.7%	1.4%	3.2%	15.8%	3.2%	0.7%	5.5%
1994	20.5%	27.9%	19.9%	13.6%	6.3%	0.9%	1.2%	2.5%	16.2%	3.1%	0.7%	4.4%
1995	18.8%	27.6%	20.3%	13.2%	7.1%	1.0%	2.1%	2.7%	17.6%	3.4%	0.8%	3.0%
1996	19.2%	26.8%	21.4%	15.3%	6.1%	1.0%	2.2%	2.8%	16.3%	3.2%	0.6%	5.1%
1997	17.7%	27.3%	24.1%	17.1%	7.0%	0.7%	2.5%	2.7%	14.6%	2.9%	0.6%	5.5%
1998	19.2%	28.8%	24.1%	17.4%	6.7%	0.7%	2.3%	3.1%	11.0%	3.2%	0.4%	6.0%
1999	22.5%	28.5%	19.6%	14.1%	5.5%	0.8%	2.4%	3.1%	11.9%	2.8%	0.6%	6.0%
2000	23.8%	26.7%	20.1%	14.0%	6.1%	1.4%	1.8%	2.4%	11.5%	2.4%	0.7%	7.3%
2001 jul	23.6%	26.0%	21.8%	12.3%	9.6%	1.2%	2.7%	3.0%	11.5%	2.7%	0.5%	3.9%
2001 set	24.4%	26.4%	21.8%	11.9%	9.9%	1.3%	2.9%	3.4%	12.4%	3.2%	0.5%	3.8%

(1) Inclusive Porto Rico.

(2) Associação Européia de Livre Comércio.

(3) Exclusive Oriente Médio.

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

Em Setembro de 2001, pode-se dizer que a União Européia continua absorvendo a maior parte das exportações brasileiras. Em seguida aparece os Estados Unidos e a Aladi<sup>31</sup> que absorvem 24.4% e 21.8% do total exportado, respectivamente. Do total exportado para a Aladi, o Mercosul absorve 11.9% enquanto os demais países membros da Aladi absorvem 9.9%. Houve uma queda na absorção do Mercosul nos últimos 12 meses em virtude da crise Argentina, grande parceiro comercial do Brasil. De Julho a Setembro de 2001, houve uma queda de 0.4% nas aquisições do Mercosul e um aumento de 0.3% nas aquisições dos demais integrantes da Aladi o que conseqüentemente manteve a participação da Aladi estável.

No entanto, essa queda não se restringiu somente ao Mercosul. Outros parceiros comerciais como os Estados Unidos, a União Européia e a AELC<sup>32</sup> também tiveram quedas nas compras de produtos brasileiros. Uma justificativa para tal movimento reside na desaceleração do crescimento dessas economias, que por sua vez, tem seus efeitos refletidos no comércio internacional.

<sup>31</sup> Associação Latino Americana de Integração (Aladi): Mercosul, Chile, México, Venezuela e Bolívia.

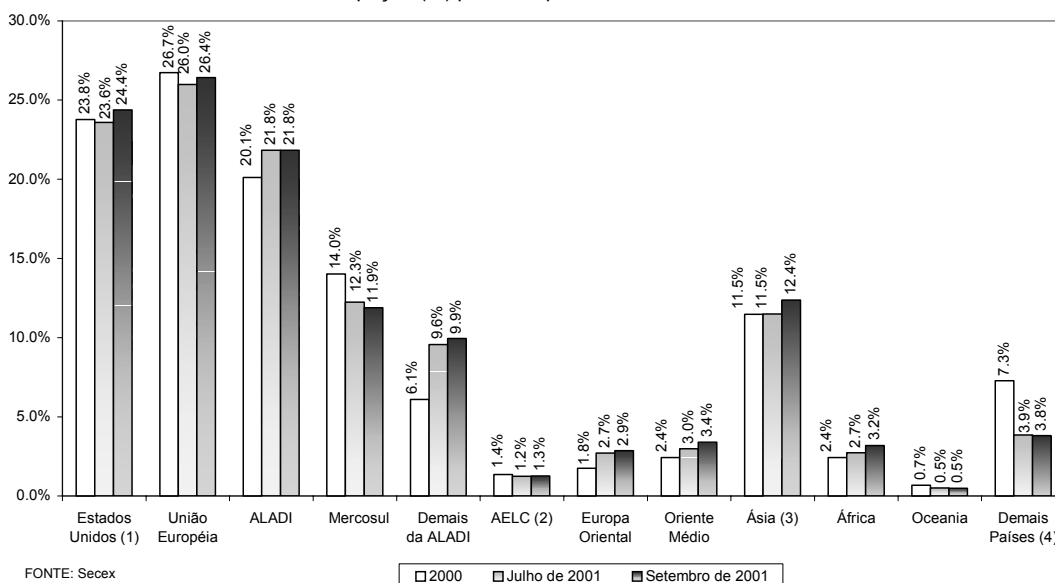
<sup>32</sup> Associação Européia de Livre Comércio (AELC): Formado pela Islândia, Noruega, Suíça e Principado de Liechtenstein.

Assim sendo, uma política eficaz reside na busca de mercados alternativos para nossas exportações. É com esse intuito que o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Sérgio Amaral, apóia uma política que visa a conquista de novos mercados na Ásia, África, Oriente Médio e no antigo bloco comunista da Europa.

Pode-se observar pela análise da Tabela III.3.1 que de Dezembro de 2000 para Julho e Setembro de 2001, o *market-share* desses mercados alternativos na absorção das exportações brasileiras já sofreram aumentos graduais. A Europa Oriental, que em 2000, absorvia 1.8% do total exportado passou a absorver 2.9%, em Setembro de 2001. O Oriente Médio passou de 2.4% em 2000 para 3.4%, em Setembro de 2001. A África elevou em 0.8% sua absorção: passou de 2.4% em 2000 para 3.2% em Setembro de 2001. A Ásia, até Julho de 2001, manteve sua participação inalterada apesar das políticas explícitas de exploração de novos nichos de mercado nessa região. Não obstante, no acumulado até Setembro, já se observa uma melhor adequação dos dados à nova política e a participação do bloco elevou-se em quase 1% em dois meses. Ainda é cedo para argumentar a eficácia dessa política mas os números já refletem um esforço na busca desses mercados não tradicionais.

O gráfico abaixo é uma alternativa visual a Tabela III.3.1 e reflete o exposto no parágrafo acima.

GRÁFICO III.3.1  
Participação (%) por Principais Blocos Econômicos



Em termos de crescimento, pode-se observar pela tabela abaixo que o mercado que mais cresceu nesses últimos vinte anos foi o Mercosul, atingindo um crescimento médio de 7.5% aa de 1980-2000. No entanto, esse crescimento não foi igualmente distribuído nesse período. De 1980-1990 essa região obteve um declínio médio de 3.1% aa na compra de produtos brasileiros principalmente devido a hiperinflação argentina do final da década de 90. Já de 1990-2000, esse declínio transformou-se num crescimento médio de 19.3% aa.

TABELA III.3.2  
Crescimento das Exportações Totais por Bloco de Destino

Período	Total	Estados Unidos <sup>(1)</sup>	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC <sup>(2)</sup>	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia <sup>(3)</sup>	África	Oceania	Demais Países <sup>(4)</sup>
1981	15.7	17.1	4.0	19.3	(6.0)	58.3	(7.6)	27.6	12.6	14.0	49.5	31.5	21.5
1982	(13.4)	(1.9)	(6.7)	(28.8)	(33.7)	(24.4)	(13.5)	(35.8)	7.6	(1.4)	(29.2)	5.1	(26.0)
1983	8.5	25.5	7.2	(25.8)	(12.1)	(36.7)	2.1	27.7	30.3	23.9	(11.0)	1.6	(14.7)
1984	23.3	52.2	8.8	34.9	33.2	36.9	35.8	(9.7)	(14.0)	13.4	59.6	39.4	32.9
1985	(5.1)	(9.8)	(0.5)	(21.1)	(25.1)	(16.8)	1.0	(20.4)	2.3	1.1	2.3	(18.6)	12.9
1986	(12.8)	(9.4)	(13.8)	17.7	18.1	17.4	3.3	(21.5)	(20.9)	(6.3)	(53.3)	(13.4)	(9.7)
1987	17.3	16.2	17.5	18.5	18.6	18.5	11.7	48.7	28.8	11.9	12.3	7.8	13.1
1988	28.8	22.7	36.9	22.4	18.0	26.6	(9.5)	(16.0)	5.4	53.8	5.9	59.7	44.3
1989	1.8	(10.5)	0.9	(11.4)	(17.0)	(6.4)	(2.1)	(3.5)	(11.4)	7.6	(14.1)	19.5	63.5
1990	(8.6)	(4.0)	(1.3)	(11.4)	(3.0)	(18.3)	18.5	(25.5)	(7.6)	(4.3)	5.1	(29.8)	(40.9)
1991	0.7	(18.6)	(0.8)	55.2	74.6	36.4	(29.9)	(43.4)	4.5	8.2	2.3	5.7	6.1
1992	13.2	12.3	6.3	55.5	78.0	27.7	(3.9)	2.7	15.0	(2.1)	9.8	(3.9)	15.5
1993	7.7	13.5	(5.4)	25.5	31.3	15.5	23.3	40.2	(3.9)	9.4	(2.4)	8.0	(0.3)
1994	12.9	11.3	19.4	6.6	9.8	0.5	38.9	0.8	(13.5)	15.3	21.3	14.0	(9.6)
1995	6.8	(2.2)	5.7	8.7	3.8	19.2	20.0	84.5	18.9	16.2	17.4	20.3	(27.6)
1996	2.7	4.8	(0.4)	8.5	19.0	(11.0)	10.1	7.3	5.1	(4.6)	(3.9)	(15.5)	74.8
1997	11.0	2.5	13.1	24.6	23.8	26.6	(24.9)	24.4	8.3	(1.1)	(0.5)	(1.6)	20.5
1998	(3.5)	4.9	1.6	(3.5)	(1.8)	(7.5)	(4.9)	(11.5)	10.7	(27.4)	8.8	(27.9)	4.7
1999	(6.1)	9.9	(6.9)	(23.5)	(23.7)	(23.1)	7.4	1.1	(7.1)	2.1	(19.2)	27.9	(4.7)
2000	14.7	21.2	7.6	17.7	14.1	27.0	95.6	(17.3)	(10.6)	10.4	0.8	39.6	38.4
2001 jul	8.8	6.5	0.8	4.1	(3.1)	15.2	(3.1)	103.9	60.9	2.1	36.2	(18.9)	(17.8)
2001 set	5.0	5.3	0.2	(0.7)	(10.0)	13.5	0.7	100.5	52.4	11.3	43.0	(78.0)	17.4
<b>1980-1990</b>	<b>4.5</b>	<b>8.2</b>	<b>4.5</b>	<b>(1.1)</b>	<b>(3.4)</b>	<b>1.5</b>	<b>3.1</b>	<b>(6.1)</b>	<b>2.0</b>	<b>10.2</b>	<b>(2.6)</b>	<b>7.2</b>	<b>5.1</b>
1980-1985	5.0	14.7	2.4	(7.7)	(11.4)	(2.9)	2.3	(5.5)	6.8	9.8	9.0	9.8	2.9
1985-1990	4.1	2.1	6.7	6.0	5.9	6.1	3.9	(6.7)	(2.5)	10.7	(12.9)	4.6	7.3
<b>1990-2000</b>	<b>5.8</b>	<b>5.4</b>	<b>3.7</b>	<b>15.2</b>	<b>19.3</b>	<b>9.4</b>	<b>8.6</b>	<b>4.1</b>	<b>2.2</b>	<b>1.8</b>	<b>2.9</b>	<b>4.9</b>	<b>8.8</b>
1990-1995	8.2	2.5	4.7	28.6	36.0	19.2	6.7	8.7	3.5	9.2	9.3	8.5	(4.4)
1995-2000	3.4	8.5	2.8	3.3	4.7	0.4	10.5	(0.2)	0.9	(5.0)	(3.3)	1.4	23.8
<b>1980-2000</b>	<b>5.2</b>	<b>6.8</b>	<b>4.1</b>	<b>6.8</b>	<b>7.5</b>	<b>5.4</b>	<b>5.8</b>	<b>(1.1)</b>	<b>2.1</b>	<b>6.0</b>	<b>0.1</b>	<b>6.0</b>	<b>6.9</b>

(1) Inclusive Porto Rico.

(2) Associação Européia de Livre Comércio.

(3) Exclusive Oriente Médio.

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

Seccionando a década de 90, em dois subperíodos de cinco anos, pode-se observar que esse crescimento é fruto da performance do primeiro período, de 1990-1995, em virtude da própria criação do bloco. O processo de integração do Mercosul foi oficializado em 1991 com a assinatura do Tratado de Assunção e vem desenvolvendo-se gradualmente até os dias de hoje, com a instituição da zona de livre comércio, a concretização da união aduaneira e a gradativa criação do mercado comum entre os quatro países membros. De acordo com Averbug (1999), “alguns dos principais fatores que impulsionaram o comércio exterior brasileiro na década de 90 foram as iniciativas de integração regional: o Mercosul e a Alca”<sup>33</sup>. Observe as taxas de crescimento das compras do Mercosul e da

<sup>33</sup> p. 52.

Aladi no período de 1991-1993. Pode-se dizer que houve um crescimento extraordinário dessas regiões em termos de absorção dos produtos brasileiros.

Os Estados Unidos, a AELC, a Ásia e a Oceania também obtiveram crescimentos superiores ao crescimento médio anual das exportações totais nesses últimos 20 anos. A União Européia, apesar de ser o maior parceiro comercial do Brasil, cresceu em média 4.1% aa de 1980-2000, patamar inferior a média de crescimento de 5.2% aa das exportações totais.

Com exceção dos Estados Unidos, da União Européia, da Ásia e da Oceania que obtiveram taxas de crescimento superiores no período de 1980-1990, as demais regiões tiveram melhor performance na última década, de 1990-2000. Pode-se justificar essa configuração do comércio observando a Tabela III.3.2. Os Estados Unidos, de 1989-1991, obteve grande queda na sua demanda por produtos brasileiros, fruto da própria recessão que o país incorria, o que comprometeu o resultado da década inteira. A União Européia também obteve vários anos de queda na absorção nessa última década. Mas ao contrário dos Estados Unidos, esses anos não foram contínuos e os maiores declínios ocorreram em 1990, 1993 e 1999. A Ásia teve seu crescimento na década de 90 comprometido pela crise asiática de 1997. O triênio 1997, 1998 e 1999 foram de grandes quedas na absorção desse bloco. A Oceania tem um perfil similar ao asiático: os mesmos anos de queda podem ser observados para essa região.

Após essa breve introdução da alocação das exportações totais no mundo voltar-se-á a atenção para nossa variável de interesse: a distribuição dos produtos manufaturados por bloco de destino. Com essa análise descobrir-se-á quem são os potenciais compradores desse tipo de produto.

Pela Tabela III.1.2 pode-se observar que em 1980 as exportações brasileiras estavam distribuídas da seguinte forma: 42.2% do total exportado eram produtos básicos; 11.7% eram produtos semimanufaturados; e 44.8% eram produtos manufaturados. Estes, por sua vez, estavam alocados em sua maior parte nos países da Aladi, responsável pela absorção de 28.2% do total da exportação de manufaturados. Desses 28.2%, 16.1% eram absorvidos pelo Mercosul e o restante pelos demais países da Aladi. Em seguida encontravam-se a

União Européia e os Estados Unidos que compravam 20.4% e 18.5% do total exportado de manufaturados, respectivamente.

Em 2000, último ano em que se possui os dados completos, as exportações de manufaturados representavam 59% do total exportado o que reflete, de certa forma, uma grande dependência brasileira na exportação desse produto. Nesse ano, os maiores compradores desse tipo de produto foram os países da Aladi, absorvendo 31.2% das exportações de manufaturados. O Mercosul era responsável pelo consumo de 21.8% desse total. Em seguida encontravam-se os Estados Unidos e a União Européia com 29.9% e 18.1% do consumo, respectivamente. Esses dados estão apresentados na tabela seguinte.

TABELA III.3.3  
Manufaturados: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	18.5%	20.4%	28.2%	16.1%	12.1%	0.7%	1.7%	4.7%	4.8%	11.3%	1.2%	8.3%
1981	20.8%	19.0%	25.9%	12.0%	14.0%	0.6%	1.7%	3.4%	5.8%	13.3%	1.1%	8.3%
1982	25.2%	21.3%	20.5%	8.4%	12.1%	0.6%	1.0%	5.3%	6.9%	11.1%	1.4%	6.7%
1983	32.3%	19.5%	13.4%	6.9%	6.5%	0.4%	1.6%	9.0%	9.3%	8.4%	1.3%	4.8%
1984	38.1%	17.1%	13.2%	6.7%	6.5%	0.6%	1.1%	4.5%	8.5%	11.0%	1.3%	4.7%
1985	35.6%	15.9%	11.9%	5.6%	6.2%	0.5%	1.4%	5.4%	9.8%	12.4%	1.1%	6.0%
1986	37.1%	17.6%	16.1%	7.4%	8.7%	0.6%	0.8%	4.7%	9.8%	6.1%	1.1%	6.1%
1987	36.9%	20.0%	16.3%	7.7%	8.6%	0.7%	0.6%	5.5%	7.8%	5.4%	0.9%	5.9%
1988	35.3%	20.6%	15.0%	6.8%	8.2%	0.6%	0.6%	4.0%	12.0%	4.2%	1.2%	6.5%
1989	34.9%	22.8%	14.0%	6.0%	7.9%	0.8%	0.6%	4.1%	11.9%	3.6%	1.4%	6.0%
1990	34.6%	25.6%	13.8%	6.5%	7.3%	0.8%	0.6%	4.0%	11.4%	3.8%	1.1%	4.4%
1991	25.4%	23.7%	20.5%	11.2%	9.3%	0.7%	0.4%	3.7%	12.7%	4.0%	1.0%	7.9%
1992	25.4%	21.1%	28.5%	17.8%	10.7%	0.5%	0.6%	3.6%	10.1%	3.9%	0.9%	5.3%
1993	26.2%	17.2%	31.7%	20.7%	11.0%	0.7%	0.7%	2.4%	10.3%	3.0%	0.9%	7.0%
1994	26.3%	18.1%	31.7%	21.3%	10.4%	0.4%	0.8%	1.7%	8.9%	3.7%	1.0%	7.4%
1995	23.3%	20.4%	33.5%	21.5%	12.1%	0.4%	1.5%	2.1%	9.7%	3.5%	1.2%	4.5%
1996	23.5%	18.6%	35.3%	24.8%	10.4%	0.4%	1.7%	1.5%	9.4%	3.4%	0.9%	5.3%
1997	21.2%	16.4%	40.0%	28.0%	12.0%	0.4%	2.3%	1.8%	6.9%	3.3%	0.8%	6.8%
1998	23.6%	19.3%	38.2%	27.2%	11.0%	0.6%	1.4%	1.5%	4.5%	3.7%	0.6%	6.5%
1999	27.9%	20.4%	31.4%	22.4%	8.9%	0.6%	1.1%	1.3%	5.5%	3.4%	0.8%	7.6%
2000	29.9%	18.1%	31.2%	21.8%	9.5%	1.1%	1.1%	1.1%	5.4%	2.8%	1.0%	8.2%
2001 jul	33.0%	16.1%	34.3%	19.3%	15.0%	1.3%	1.0%	1.5%	4.3%	3.2%	0.8%	4.4%
2001 set	33.6%	15.7%	33.7%	18.5%	15.2%	1.2%	0.9%	1.7%	4.5%	3.7%	0.8%	4.3%

(1) Inclusive Porto Rico.

(2) Associação Européia de Livre Comércio.

(3) Exclusive Oriente Médio.

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

Tanto hoje como em 1980, os maiores compradores de produtos manufaturados são os mesmos atores. A diferença reside na importância de cada um. Os países membros da Aladi mantiveram mais ou menos equilibrada sua participação nesse período. No entanto, a importância do Mercosul aumentou bastante nesses vinte anos em detrimento da importância dos demais países membros da Aladi. A importância dos Estados Unidos como um mercado potencial para este tipo de produto é inegável. Por outro lado, a União Européia perdeu importância: em 1980 absorvia 20.4% e em 2000 esse percentual caiu para 18.1%.

No entanto, a configuração nem sempre foi essa. Em 1984, por exemplo, os Estados Unidos eram disparado o maior mercado consumidor dos produtos manufaturados absorvendo 38.1% do total exportado. Nesse mesmo ano, a participação da União Européia (17.1%), em termos percentuais, era relativamente mais importante do que a da Aladi (13.2%). Pode-se justificar esse configuração pelo relaxamento da restrição externa americana após a grande recessão mundial de 1982. Nesse ano, as exportações cresceram 23.3%, impulsionadas, em parte, pelo crescimento de 34.2% das exportações de produtos manufaturados. Outro fator que merece destaque é a participação das exportações brasileiras nas exportações mundiais que nesse ano atingiu aproximadamente, 1.5%, *market-share* recorde nesses vinte anos analisados<sup>34</sup>.

Outro ponto a destacar é o ganho de importância da Aladi na década de 90. O aumento desse bloco na absorção dos produtos manufaturados, como mencionado anteriormente, é oriundo do ganho de importância do Mercosul como um importante parceiro comercial, a partir de 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção. Em 1997, a Aladi chegou a absorver 40% das vendas de produtos manufaturados sendo 28% referentes às aquisições do Mercosul.

A Ásia também deve ser vista como um importante parceiro comercial brasileiro. De 1988-1993 ela adquiriu mais de 10% das vendas dos produtos manufaturados. Entretanto nos últimos anos, especialmente após a crise asiática, a participação desse bloco na absorção dos produtos manufaturados vem se reduzindo.

Um estudo publicado na Revista do BNDES<sup>35</sup> defende a tese que as exportações brasileiras de manufaturados para a Ásia podem e devem aumentar, uma vez que diminuíram proporcionalmente e em valores absolutos nos últimos anos. A tabela ao lado apresenta essa colocação.

TABELA III.3.4

Exportação de Manufaturados para a Ásia			
Período	Valores Absolutos	% Participação	Crescimento
1996	2,488	9.4%	0.4
1997	2,007	6.9%	(19.3)
1998	1,330	4.5%	(33.7)
1999	1,497	5.5%	12.6
2000	1,746	5.4%	16.6
2001*	1,108	4.5%	(5.1)

\* Acumulado até Setembro.  
Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

<sup>34</sup> Tabela A.1.3.

<sup>35</sup> Ver Averbug (2000).

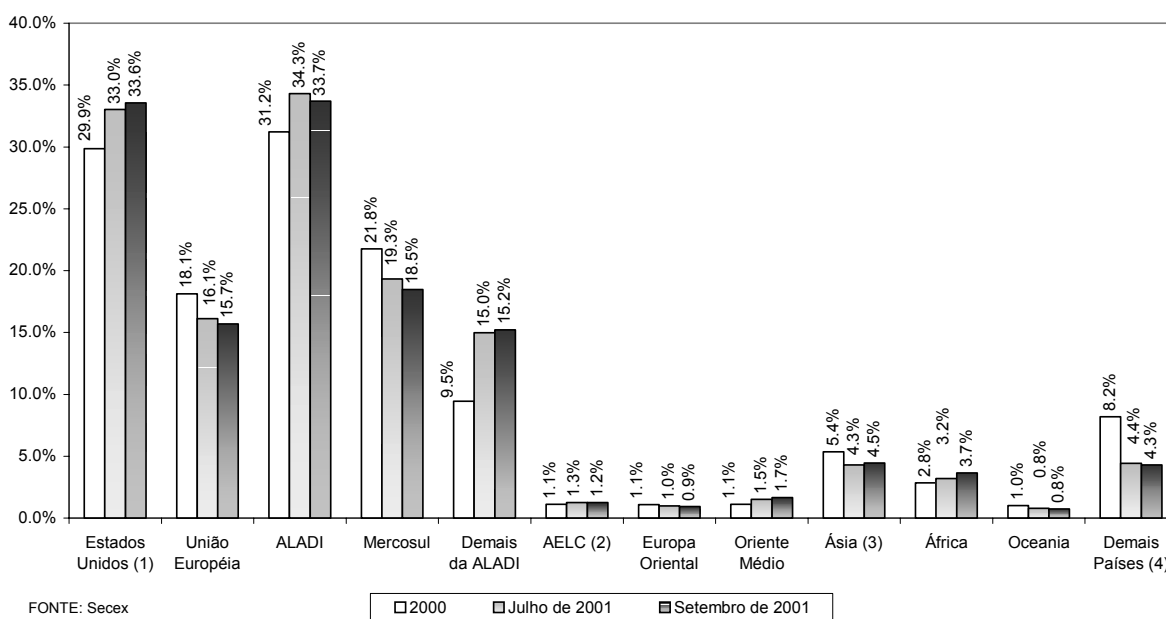


De acordo com o estudo, os números mostram que existe um potencial de crescimento para as exportações brasileiras de manufaturados para a Ásia, uma vez que, no passado recente o país lograva exportar uma parcela relativamente maior dessa gama de produtos. Em 1996 essa parcela era da ordem de 9.4% mas pode-se dizer que no início da década de 1990 essa parcela era da ordem de 12.7% (Tabela III.3.3).

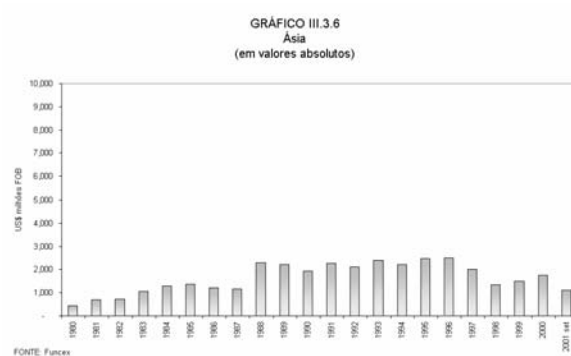
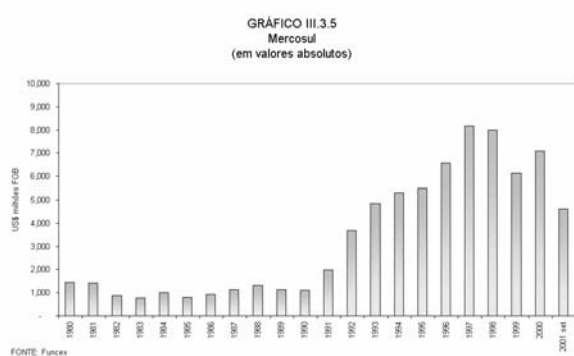
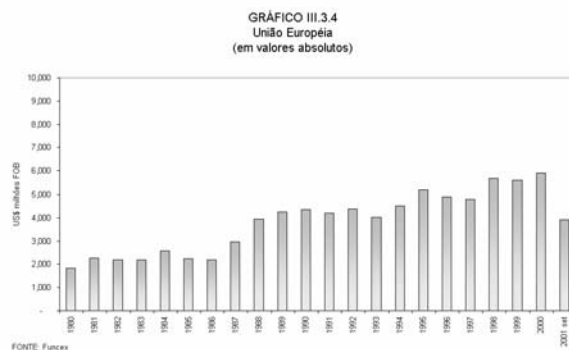
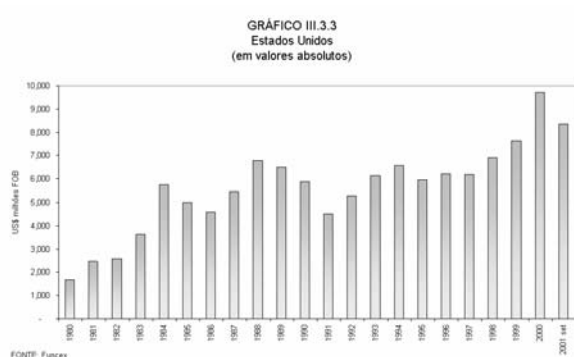
Desta forma, o resultado desse trabalho converge com as novas propostas do ministro Sérgio Amaral em desenvolver novos nichos de mercado nessa região.

Outro ponto a focalizar é o ano de 2001. Mesmo com as inúmeras dificuldades enfrentadas esse ano, como a crise argentina, a desaceleração das economias norte americana, europeia e japonesa, os efeitos sobre a alocação no que diz respeito aos produtos manufaturados ainda são pequenos. Talvez, essa afirmativa ainda seja prematura, uma vez que os dados ainda não se ajustaram ao novo cenário nem as novas políticas propostas pelo ministro Sérgio Amaral, já mencionadas anteriormente. A participação dos Estados Unidos na aquisição de produtos manufaturados aumentou em 3.6%, de 2000 para Setembro de 2001. Ao mesmo tempo, houve uma queda nas aquisições da União Europeia e do Mercosul. O gráfico abaixo reflete esse resultado.

GRÁFICO III.3.2  
Manufaturados: Participação (%) por Principais Blocos Econômicos

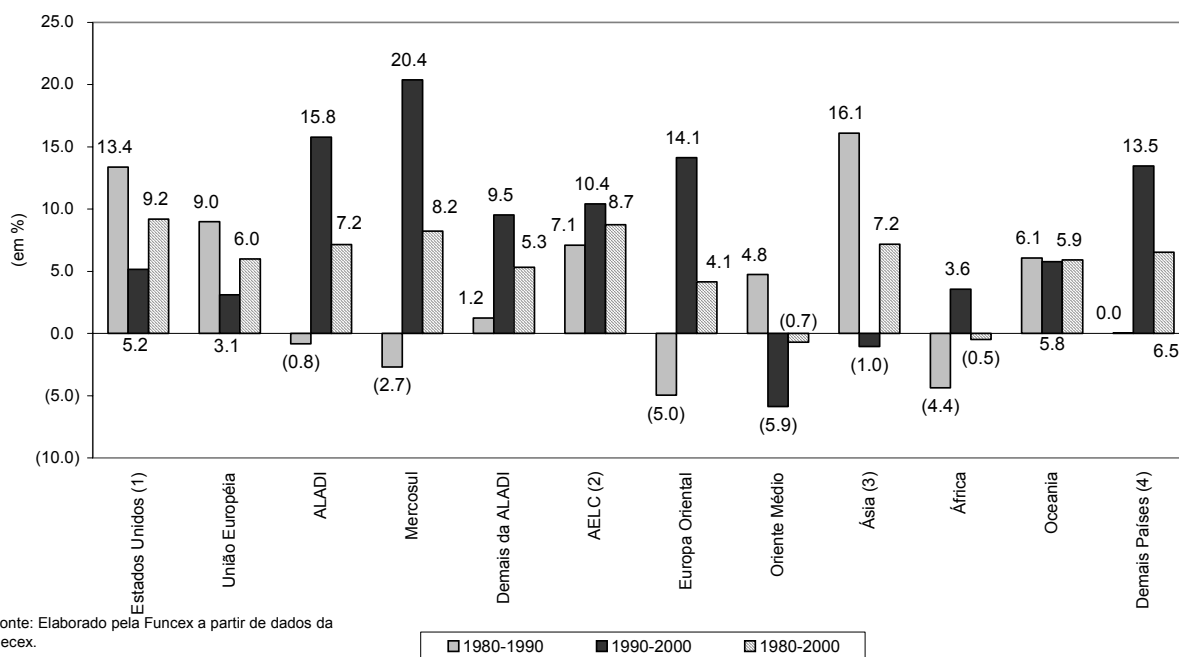


A seguir, somente à título de ilustração, encontra-se a evolução das exportações brasileiras de manufaturados para os principais mercados de destino.



Pela ótica do crescimento dos mercados pode-se dizer que no período 1980-2000, o mercado que mais cresceu foi os Estados Unidos atingindo um crescimento médio de 9.2% aa. Em seguida encontra-se a AELC, que também obteve uma ótima performance nesse período, atingindo um crescimento médio de 8.7% aa e em terceiro lugar aparece o Mercosul, com um crescimento médio de 8.2% aa. A performance asiática de 7.2% aa também pode ser considerado um bom desempenho. O gráfico a seguir apresenta esses resultados.

GRÁFICO III.3.7  
Manufaturados: Taxa de Crescimento por Bloco de Destino



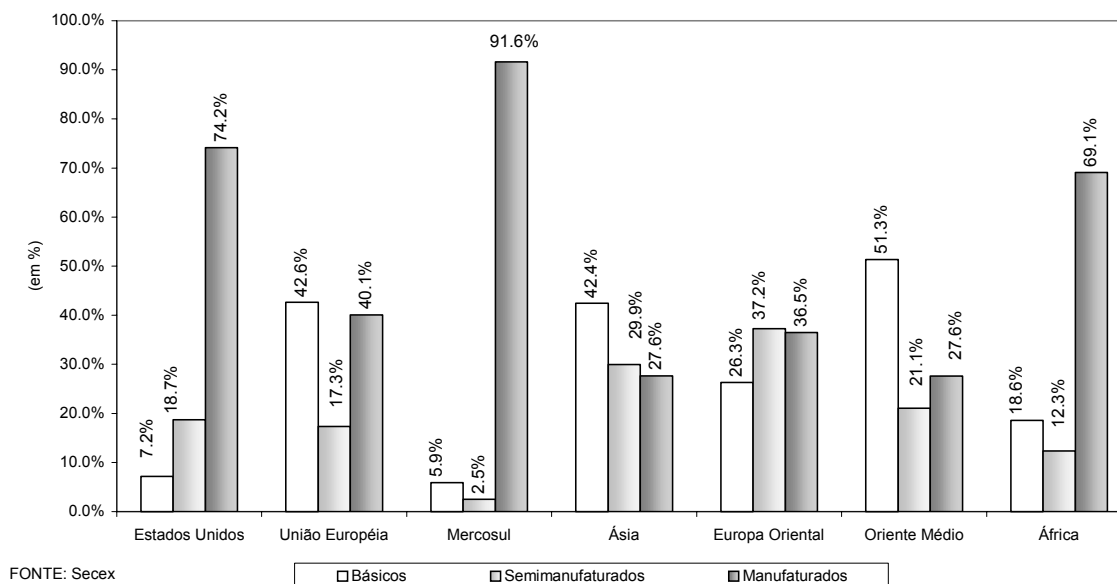
É importante notar que as exportações agregadas, ao contrário dos produtos manufaturados, mostram um melhor desempenho no que se refere às políticas sugeridas pelo ministro Sérgio Amaral<sup>36</sup>. Essa conclusão reflete a necessidade de desvendar que tipo de produto cada bloco importa do Brasil, o que conseqüentemente dará sentido à política sugerida pelo ministro. Em outras palavras, deve-se exportar para cada mercado o produto no qual se possui vantagem comparativa.

Pelo Gráfico III.3.8 pode-se observar que o nicho a ser explorado na Ásia deve ser os de produtos básicos já que estes representam aproximadamente 42% do total importado do Brasil. Na Europa Oriental, deve-se focalizar nos produtos industrializados, semimanufaturados e manufaturados, cujas participações representam 37.2% e 36.5%, respectivamente. No Oriente Médio, o esforço para aumentar as exportações deve estar focalizado nos produtos básicos. Já na África, o foco deve ser nos produtos manufaturados que representam 69.1% do total comprado do Brasil<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> No Capítulo V estudar-se-á a eficácia e a sustentabilidade dessa política empiricamente fazendo uso de outras premissas auxiliares. Desta forma, será possível extrair resultados mais conclusivos e confiáveis do que a mera observação dos dados.

<sup>37</sup> Optou-se pela utilização dos dados de 2000, apesar de se já obter dados mais recentes, para expurgar os problemas enfrentados nesse ano. Assim o ano de 2000 estaria isento de efeitos desaceleração, atentado e outros.

GRÁFICO III.3.8  
Produtos Importados pelos Principais Parceiros  
2000



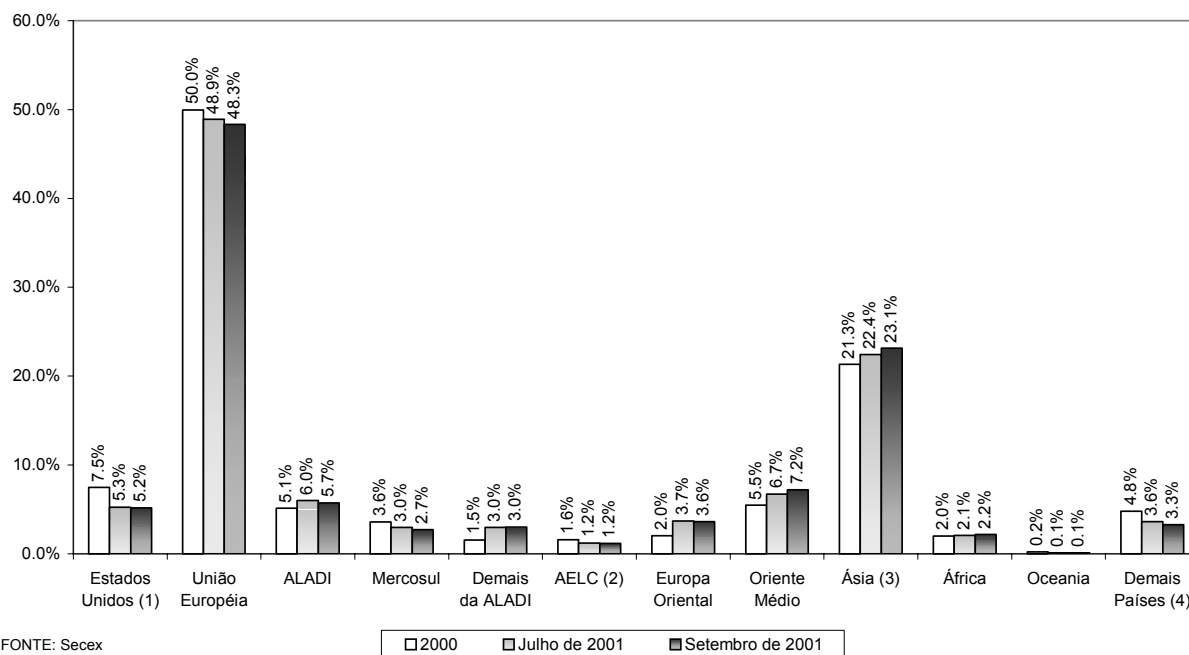
Nos mercados tradicionais, o foco deve continuar sendo produtos manufaturados para os Estados Unidos e o Mercosul e produtos básicos para a União Européia.

Detalhando melhor a análise mercado-produto, pode-se concluir que os produtos manufaturados estão sim apresentando um comportamento na direção da política implementada pelo governo. Como mencionado acima, os produtos manufaturados são de grande importância para o mercado africano e de acordo com o Gráfico III.3.2, a participação desse mercado aumentou em quase 1%: de 2.8% em 2000 para 3.7% em Setembro de 2001. Entretanto, um grande esforço terá que ser feito para realmente conquistar esse mercado, uma vez que, nos últimos vinte anos as exportações de manufaturados para esse bloco caiu em 0.5%, fruto do péssimo desempenho da década de 80. O Oriente Médio, apesar da pequena participação nas aquisições de produtos manufaturados, nos últimos 12 meses obteve um crescimento de 60.5% em suas aquisições.

Para verificar se os demais mercados não tradicionais estão respondendo à nova política vale reapplicar a análise para os produtos básicos e semimanufaturados.

O gráfico abaixo reflete que, tanto a Ásia como o Oriente Médio, aumentaram suas participações nas aquisições de produtos básicos nos últimos meses. Não foi um aumento significativo mas já representa um redirecionamento em prol da exploração desses mercados não tradicionais.

GRÁFICO III.3.9  
Básicos: Participação (%) por Principais Blocos Econômicos

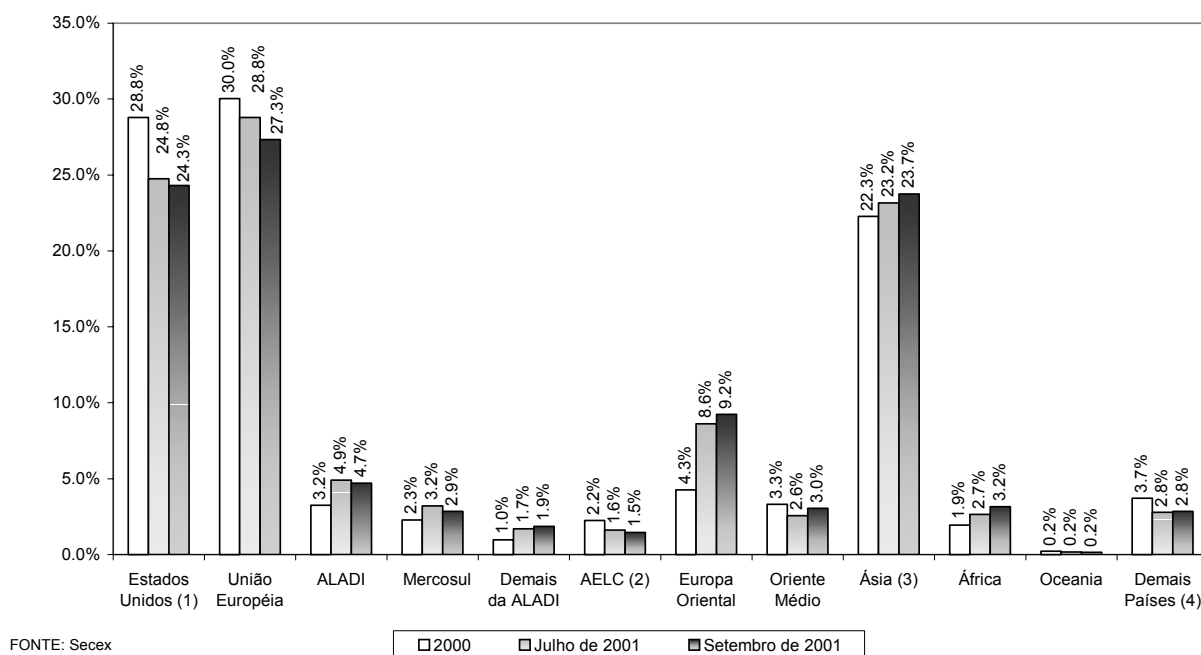


É interessante observar que a União Européia, por excelência, o maior mercado consumidor de produtos básicos, está tendo um declínio contínuo na participação nas aquisições desse tipo de produto. Dois fatores podem justificar tal movimento: a desaceleração do crescimento das economias europeias, que reduzem a capacidade de importar desses países, e o aumento relativo de importância dos mercados não tradicionais, que crescem às custas do próprio enfraquecimento dos mercados tradicionais.

Outro ponto interessante a enfatizar é o crescimento das exportações de produtos básicos para esse bloco. Apesar da alta concentração (esse bloco consome mais de 50% da exportação de produtos básicos), o crescimento do volume exportado para essa região foi ínfimo: em média 2.2% aa de 1980-2000.

Para a Europa Oriental, a atenção deve estar voltada para os produtos semimanufaturados e em menor grau para os produtos básicos. Pelo Gráfico III.3.9, pode-se observar que a participação dos produtos básicos aumentou de 2% em 2000, para 3.6% em Setembro de 2001. Já para os produtos semimanufaturados, o desempenho foi extraordinário. A participação aumentou em 5% de 2000 para Setembro de 2001. O gráfico a seguir mostra esse resultado.

GRÁFICO III.3.10  
Semimanufaturados: Participação (%) por Principais Blocos Econômicos



Os mercados tradicionais para esse tipo de produto são os Estados Unidos e a União Européia e nos últimos meses já se pode observar uma queda nas participações desses blocos.

Ainda é cedo para festejar o sucesso dessa política de exploração de novos mercados mas os números já mostram que está havendo um grande esforço para atingir esse objetivo. No entanto, o governo também deveria estar preocupado em explorar mercados os quais possuímos vantagens comparativas explícitas e ainda não exportamos.

No Capítulo V serão feitas simulações empíricas que irão confirmar, ou não, a eficácia dessa política.

Fica assim exposto que os potenciais mercados consumidores para os produtos manufaturados são os Estados Unidos e a Aladi. Dada as dificuldades que esses blocos enfrentam, mercados não tradicionais tornam-se opções. Nesse contexto, surge a oportunidade de explorar o mercado africano e, em menor grau, o Oriente Médio. Bons resultados num curto espaço de tempo estão sendo obtidos, no entanto, ainda está cedo para dimensionar se essa política terá sustentabilidade no longo prazo<sup>38</sup>, em parte, devido as indefinições comerciais e econômicas que afligem o mundo todo<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Simulações empíricas realizadas no Capítulo V produzirão conclusões mais transparentes sobre este questionamento.

<sup>39</sup> Fica claro que as exportações brasileiras dependem da manutenção das taxas de crescimento dos mercados demandantes de nossos produtos.

#### IV. RESENHA DA LITERATURA SOBRE OS DETERMINANTES DAS EXPORTAÇÕES

Finalizada essa completa análise da performance da evolução das exportações brasileiras, com foco especial no papel dos produtos manufaturados, é interessante relacioná-la com a literatura existente sobre o assunto. Contrapor os resultados obtidos no capítulo anterior com os estudos sobre comércio já existentes facilitará a construção das projeções para 2001 e 2002, matéria do capítulo seguinte.

Horta (1983) avalia o desempenho comercial do Brasil na década de 70 enfatizando o papel dos produtos manufaturados nesse desempenho. O objetivo desse trabalho era separar a parcela do crescimento das exportações que seria explicada pela tendência do comércio mundial daquela que seria explicada por ganhos ou perdas de participação nas exportações mundiais, isto é, pelo desempenho comercial do Brasil em relação aos demais países.

Para obter tal resultado, Horta (1983) utilizou análise do tipo *constant-market-shares*. Essa técnica permite decompor a taxa de crescimento em quatro componentes a fim de avaliar a contribuição de cada um deles para explicar o crescimento das exportações em determinado período.

$$g_b \equiv g_w + \left[ \sum_i (1 + g_w^i) \alpha_i - (1 + g_w) \right] + \left[ \sum_j \sum_i (1 + g_w^{ij}) \alpha_{ij} - \sum_i (1 + g_w^i) \alpha_i \right] + \left[ (1 + g_b) - \sum_j \sum_i (1 + g_w^{ij}) \alpha_{ij} \right]$$

(1)                      (2)                                      (3)                                      (4)

sendo,



$g_b$  = taxa de crescimento das exportações brasileiras;  
 $g_w$  = taxa de crescimento das exportações mundiais;  
 $g_w^i$  = taxa de crescimento das exportações mundiais do produto  $i$ ;  
 $g_w^{ij}$  = taxa de crescimento das exportações mundiais do produto  $i$  para o país  $j$ ;  
 $\alpha_i$  = participação do produto  $i$  no valor total das exportações brasileiras no período - base;  
 $\alpha_{ij}$  = participação das exportações do produto  $i$  para o país  $j$  no valor total das exportações brasileiras no período - base.

Assim, o crescimento das exportações pode ser explicado por um *efeito crescimento do comércio mundial*, que seria a taxa observada se as exportações do país tivessem crescido a mesma taxa do comércio mundial; por um *efeito composição da pauta*, que permite a identificação dos ganhos (ou perdas), em termos de taxa de crescimento, em virtude da concentração da pauta em produtos que apresentam taxas de crescimento mais elevadas (ou menores) que a média de todos os produtos; por um *efeito destino das exportações*, que representa ganhos (ou perdas), em termos da taxa de crescimento, devido ao fato do país exportar para mercados que cresceram a taxa superior a média observada para todos os países; e um último efeito denominado *efeito competitividade* que refletiria os ganhos (ou perdas) de participação dos diversos produtos que compõem a pauta nos diversos mercados seja em termos de preços, custos, melhorias na qualidade dos bens oferecidos bem como nas condições de financiamento.

Segundo Horta (1983), “*pode-se afirmar que ao longo da década de 70 verificaram-se tanto uma diversificação de produtos como uma desconcentração de mercados de nossa pauta de exportações...a diversificação da pauta é um fenômeno que pode ser constatado ao longo de todo o período, a redução na participação de mercados tradicionais, como os dos países considerados nas nossas exportações totais, ocorre apenas entre 1971 e 1974*”<sup>40</sup>. Vale ainda mencionar que o movimento de diversificação da pauta ocorreu, como previsto pela teoria econômica, no sentido de aumentar a participação das exportações de manufaturados nas nossas exportações totais.

A principal conclusão desse trabalho é que o excelente desempenho das exportações de manufaturados na década de 70 ocorreu no período 1971-74 quando o Brasil mais que

---

<sup>40</sup> p. 512.

dobrou sua participação no comércio mundial (efeito competitividade). Esse ganho de *market-share* é resultado de três fatores: evolução favorável dos preços dos produtos manufaturados exportados pelo Brasil, pela política cambial em execução nesse período e pela política de subsídios às exportações.

Os números refletem com precisão o acima descrito: os ganhos de mercado no período 1971-74 explicam 48.9% do crescimento das exportações totais e 70.6% do crescimento das exportações de manufaturados nesse período. É interessante ainda associar os ganhos de mercado com a evolução do índice de rentabilidade das exportações. A elevação da rentabilidade das exportações nesse período é, sem dúvida, um dos responsáveis pela ótima performance comercial no período em questão.

Recentemente, Horta e Souza (2000) avaliaram a evolução das exportações brasileiras entre 1980 e 1996 desagregados em 19 setores<sup>41</sup> e em 10 mercados-destinos<sup>42</sup> em três subperíodos (1980-84, 1984-90, 1990-96). Embora não esteja no escopo deste trabalho esse nível de desagregação, os resultados encontrados fornecem importantes conclusões em qualquer tipo de estudo sobre a evolução das exportações brasileiras.

Os autores procuraram demonstrar que o desempenho comercial das exportações brasileiras apresentou-se fortemente condicionado à existência de vantagens comparativas reveladas (VCR) e à inconstante capacidade de identificar e orientar-se para setores e mercados mais aquecidos em determinados períodos. Em outras palavras, os maiores ganhos de mercado observados concentraram-se em setores efetivamente de baixo dinamismo, nos quais o país tradicionalmente já possuía vantagens comparativas reveladas (VCR).

O indicador de vantagem comparativa revelada (VCR) consiste na razão entre a participação relativa de um setor nas exportações totais de um país e a participação relativa

---

<sup>41</sup> Produtos Básicos: Agropecuária, Extrativa Mineral e Oleaginosos; Produtos Industrializados: Minerais Não-Metálicos, Siderúrgicos, Metalurgia de Não-Ferrosos, Mecânica, Eletroeletrônicos, Material de Transportes, Madeira e Mobiliário, Papel e Celulose, Borracha, Químicos, Petroquímicos, Farmacêuticos, Têxteis, Alimentos, Abates e Carnes e Produtos Diversos.

<sup>42</sup> Nafta, Europa Ocidental (15 países da União Européia, mais Suíça e Noruega), Japão, Argentina, Andinos (Chile, Colômbia, Venezuela, Equador e Peru), demais países da América Latina, Leste Europeu, NICS Asiáticos (Hong Kong, Taiwan, Cingapura e Coréia do Sul), Emergentes Asiáticos (China, Índia, Indonésia, Malásia, Tailândia e Filipinas) e resto do mundo.

desse setor no comércio mundial. Esse tipo de indicador é usado em outros diversos estudos. Quando o indicador é maior que 1 o país detém vantagem comparativa.

Pode-se dizer que, entre 1980 e 1996, ocorreu um substancial aumento da participação dos produtos industrializados na pauta das exportações totais brasileiras e, dentre estes, um efetivo processo de desconcentração. Este movimento refletiu-se contrário ao verificado na evolução da estrutura setorial do comércio mundial. Dentre os 16 setores de produtos industrializados analisados, o Brasil apresentou vantagem comparativa na metade deles. Essa metade era justamente os setores intensivos em recursos naturais e trabalho. Já em termos geográficos, como mencionado anteriormente, observou-se uma crescente perda da capacidade de concentrar esforços e inserir-se nos nichos de mercados mais dinâmicos e aquecidos do comércio mundial. Isso ocorre justamente porque os setores os quais o Brasil possui vantagem comparativa (recursos naturais e trabalho) são setores de pequeno dinamismo no comércio mundial.

Horta e Souza (2000) afirmam que a performance das exportações na primeira metade da década de 80 foi surpreendente uma vez que, o cenário existente era de um ambiente macroeconômico desfavorável, de maneira geral, bastante desaquecido e com uma composição da pauta relativamente desfavorável, isto é, concentrada nos setores e mercados menos dinâmicos.

Já no período seguinte, 1984-90, verificou-se que o desempenho comercial do Brasil foi apenas parcialmente estimulado pelo surto de reaquecimento do comércio mundial, com os efeitos destino, composição da pauta, competitividade e um forte viés antiexportador contribuindo negativamente para a expansão das exportações.

No período mais recente, 1990-96, as vendas externas dos produtos industrializados acompanharam o ritmo de expansão do comércio mundial, e até destinaram-se aos mercados relativamente mais dinâmicos, embora novamente, a concentração se apresente em produtos e setores cuja demanda expandiu-se mais lentamente e cuja capacidade de auferir ganhos efetivos de *market-share* era baixa.

Em resumo, os autores concluíram que os setores mais dinâmicos do comércio mundial variam não apenas no tempo mas também entre blocos de países, sugerindo uma estratégia de investir na conquista de mercados específicos, nos quais o Brasil possua vantagem comparativa e tenham elevada participação na pauta. No entanto, o que a história revela é que os maiores ganhos de *market-share* ocorrem em setores de baixo dinamismo. A exceção à regra ocorreu na década de 90 nos mercados latino-americanos, revelando a existência de um padrão de intercâmbio diferenciado nas transações do país com a região quando comparado as demais transações do resto do mundo.

Cavalcanti e Ribeiro (1998) estimaram equações para as exportações totais e desagregadas por fator agregado (produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados). As funções de oferta e demanda, em geral, seguiram a especificação abaixo:

$$X^D = X^D \left( \frac{P_X}{P_W}, Y_W \right)$$

$$X^S = X^S \left( \frac{P_X S_X E}{P_D}, C_D, U, Y_P \right)$$

onde,

$X_D$  = Quantidade demandada de exportação;

$X_S$  = Quantidade ofertada de exportação;

$Y_W$  = Proxy da renda mundial;

$P_X$  = Preço das exportações;

$P_W$  = Preço dos bens concorrentes;

$S_X$  = Índice de incentivo às exportações,

$E$  = Taxa de câmbio nominal;

$P_D$  = Índice de preços doméstico dos produtos exportados;

$C_D$  = Índice de custo de insumos e/ou fatores de produção;

$U$  = Utilização da capacidade produtiva e;

$Y_P$  = Índice de produto potencial.

Os dados de exportação correspondem aos índices de *quantum* e preço divulgados mensalmente pela Funcex. O procedimento adotado para a estimação baseou-se nos seguintes passos. Primeiro, estimou-se um modelo auto-regressivo vetorial (VAR) onde a determinação da ordem de defasagem baseou-se em critérios de informação de Schwarz e Hannan-Quinn e em testes de autocorrelação dos resíduos. Em seguida, realizou-se a análise de co-integração buscando aferir a consistência dos vetores de co-integração com os argumentos analíticos da evolução das exportações. Testou-se também a exogeneidade fraca das variáveis explicativas para os parâmetros de longo prazo. A aceitação dessa hipótese permite estimar a relação de longo prazo e realizar inferências estatísticas sem perda de eficiência a partir de uma equação única. Neste caso, é possível estimar uma equação auto-regressiva com defasagens distribuídas (ADL).

É relevante mencionar que não foi encontrado um resultado satisfatório para a estimação da equação de *quantum* das exportações totais. A dificuldade está associada à tentativa de proporcionar uma única representação para a evolução de um agregado econômico que é composto por setores bastantes distintos e que apresentam comportamentos bem diferenciados.

Os principais resultados encontrados pelos autores estão apresentados a seguir: “O preço é um determinante fundamental das exportações brasileiras para todas as categorias de produtos analisadas”; “A hipótese de homogeneidade no preço é aceita em todos os casos”, “As equações de longo prazo estimadas para as exportações de manufaturados e semimanufaturados são consistentes com uma relação de oferta”; “A equação de longo prazo para as exportações de básicos é consistente com uma relação de demanda”; “A evolução das exportações de manufaturados sofreu uma mudança estrutural a partir de 1986, ao passo que as exportações de semimanufaturados e básicos não apresentam quebras estruturais” e; “O crescimento das exportações de manufaturados e semimanufaturados no período é explicado por uma tendência de longo prazo”.

Os resultados acima refletem a existência de diferentes determinantes do desempenho exportador para cada categoria de produto. A trajetória das exportações dos produtos básicos depende, essencialmente, das condições de demanda no mercado internacional, isto

é, da renda mundial e da razão de preços entre os produtos exportados e os seus substitutos. As exportações de produtos industrializados, além de dependerem fundamentalmente da renda mundial, também respondem fortemente a fatores de oferta - taxa de rentabilidade e a capacidade produtiva – e em menor grau a magnitude do comércio externo.

Cavalcanti e Ribeiro (1998) afirmam assim que as flutuações no desempenho das exportações dos produtos industriais e conseqüentemente das exportações totais na década de 90 estão associadas às variações no índice de rentabilidade. A partir de 1994, a estagnação do *quantum* exportado pode ser explicado basicamente pela deterioração da taxa de rentabilidade das exportações juntamente com a valorização real do câmbio que acarretou quedas significativas nas exportações de manufaturados<sup>43</sup>, além de, impedir o crescimento mais forte dos produtos semimanufaturados.

Castro e Cavalcanti (1997) estimaram equações de exportação e importação, totais e desagregadas por fator agregado e categoria de uso, respectivamente, para o Brasil, a partir de dados anuais em valor para o período 1955-1995.

Embora esse trabalho seja um estudo completo do comércio exterior analisar-se-á aqui apenas os resultados inerentes às exportações.

Assim, em conformidade com os estudos anteriormente apresentados do comportamento das exportações brasileiras, as variáveis explicativas utilizadas no modelo consistem na taxa de câmbio real, numa *proxy* para o nível de renda mundial e num indicador do nível de atividade doméstica. De acordo com a teoria econômica, espera-se que aumentos da taxa de câmbio real e da renda mundial acarretem efeitos positivos, enquanto que, elevações no nível de atividade doméstica proporcionem efeitos negativos sobre as exportações.

Através de estimadores de máxima verossimilhança denominados pelos autores de FIML encontrou-se a seguinte relação de longo prazo:

---

<sup>43</sup> Ver Tabela III.2.2: em 1995, o *quantum* exportado de manufaturados declinou em 11.1% em relação ao ano anterior.

TABELA IV.1  
Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações Totais  
1956-1995

Vetor de Co-Integração (normalizado)

$x$	$mw$	$e$
1.0000	-0.9316	-0.6120

onde,  $x$ ,  $mw$  e  $e$  são respectivamente os logs das exportações totais, das importações mundiais e da taxa de câmbio real.

Os resultados obtidos para as exportações totais convergem com a intuição econômica. Segundo os autores, *“a relação de longo prazo correspondente ao primeiro autovetor, normalizado para  $x$ , parece comprovar a importância do nível de renda mundial e da taxa de câmbio real enquanto determinantes do nível de exportações totais: um aumento de 10% nas importações mundiais deve corresponder, no longo prazo, a um aumento de 9% nas exportações brasileiras, ao passo que uma desvalorização real do câmbio em 10% deve produzir uma elevação de 6% no nível das exportações”*<sup>44</sup>.

Para a estimação de curto prazo o modelo exclui as variações na taxa de câmbio real, uma vez que, são de pequena relevância sobre as exportações no curto prazo. Nesse caso, o único efeito sobre as exportações seriam as variações nas importações mundiais, *proxy* para o nível de renda do mundo.

A estimação para os produtos manufaturados apresentam resultados interessantes. A relação de longo prazo sugere que a elasticidade-preço e a elasticidade-renda das exportações de produtos manufaturados são substancialmente mais elevadas do que para o total das exportações. O modelo também captura efeitos associados às variações no nível de atividade doméstica. Abaixo, estão apresentados esses resultados.

<sup>44</sup> p. 8.

TABELA IV.2  
Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos Manufaturados  
1957-1995

Vetor de Co-Integração (normalizado)

<i>xm</i>	<i>mw</i>	<i>u</i>	<i>em</i>
1.000	-2.002	0.652	-1.727

onde, *x*, *mw*, *u* e *em* são respectivamente os logs das exportações de produtos manufaturados, das importações mundiais, da taxa de utilização da capacidade e da taxa de câmbio real.

Já para os produtos semimanufaturados observa-se a seguinte relação de longo prazo:

TABELA IV.3  
Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos  
Semimanufaturados: 1958-1995

Vetor de Co-Integração (normalizado)

<i>xs</i>	<i>mw</i>	<i>es</i>
1.0000	-1.3830	-0.1199

onde, *xs*, *mw* e *es* são respectivamente os logs das exportações de semimanufaturados, das importações mundiais e da taxa de câmbio real.

Pode-se inferir que o comportamento das exportações de semimanufaturados depende, fortemente, da evolução das importações mundiais, ao passo que, a taxa de câmbio real parece ter efeitos relativamente pouco significativos. Comparativamente aos produtos manufaturados, os semimanufaturados possuem efeitos elasticidade-renda e elasticidade-preço mais baixos.



Por fim, para completar a análise da pauta de exportações, os produtos básicos apresentaram os seguintes resultados:

TABELA IV.4  
Análise de Co-Integração por FIML para as Exportações de Produtos Básicos  
1956-1995

Vetor de Co-Integração (normalizado)

<i>xb</i>	<i>mw</i>	<i>eb</i>
1.0000	-0.2716	-0.9120

onde, *xs*, *mw* e *eb* são respectivamente os logs das exportações de básicos, das importações mundiais e da taxa de câmbio real.

Os resultados indicam uma alta elasticidade de longo prazo das exportações de básicos em relação à taxa de câmbio real e uma elasticidade relativamente pequena no que se refere às importações mundiais. Esse trabalho auxiliará nas projeções que serão realizadas no próximo capítulo uma vez que auxiliou na construção das premissas sobre a elasticidade-renda usada nas simulações.

Motta (2001) estimou os determinantes das exportações brasileiras de manufaturados setoriais e agregados. Os setores selecionados foram o setor siderúrgico, o de calçados, o de papel e celulose, o de automóveis, o eletrônico, o têxtil e o químico.

Inicialmente estimou-se um modelo simultâneo de oferta e demanda por exportações de manufaturados agregados a fim de identificar a elasticidade-renda, a elasticidade-rentabilidade e a elasticidade-preço. Para as exportações de manufaturados setoriais, o autor optou por uma estimação sob a forma reduzida considerando assim que a elasticidade-preço da demanda era infinitamente elástica para aqueles setores em análise.

Em relação aos determinantes das exportações agregadas de manufaturados observou-se que os coeficientes das variáveis que medem as importações mundiais e a rentabilidade das exportações são superiores a 1. Isso significa que as exportações de manufaturados são

um importante instrumento para que se possa acompanhar o crescimento da economia mundial. Em outras palavras, esse resultado mostra quanto a renda mundial e a taxa de câmbio real influenciam o desempenho das exportações de manufaturados. Não foi encontrado um coeficiente bem especificado para a utilização da capacidade industrial instalada.

O autor ressalva que *“a existência de inúmeros pontos de quebra estrutural, apesar dos esforços para tentar incorporá-los ao modelo através de variáveis dummies, sugere cautela na interpretação das elasticidades estimadas para as exportações de manufaturados”*<sup>45</sup>.

Para as exportações de manufaturados setoriais, como mencionado anteriormente, tentou-se estimar um modelo sob a forma reduzida mas não foi possível encontrar a relação para alguns setores tais como eletrônico e o químico.

Os coeficientes encontrados nas relações de co-integração variam de setor para setor. Em relação ao coeficiente para as exportações mundiais, o setor de automóveis é o que responde com a maior variação nas exportações a um aumento nas importações mundiais. O setor de calçados é o que apresenta a menor variação. Esse resultado é oriundo do fato dos calçados serem um bem inferior no principal mercado consumidor desse produto, no caso, nos Estados Unidos.

Em relação a rentabilidade das exportações, o resultado encontrado foi o mesmo: o setor de automóveis foi o que apresentou o maior coeficiente e o setor de calçados o menor.

Motta (2001) argumenta que *“não se deve tomar esses resultados como sendo absolutos, até porque o montante de subsídios concedido à indústria automobilística através do Regime Automotivo, por exemplo, pode estar mascarando o valor real de tais coeficientes”*<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> p. 138.

<sup>46</sup> p. 138.

O setor de papel foi o único que apresentou um coeficiente significativo para a utilização da capacidade industrial instalada. Resultado este previsível, uma vez que, o setor de papel é altamente dependente do nível de renda doméstico.

Vale mencionar que o conhecimento das elasticidades das exportações de manufaturados setoriais é de extrema importância para se avaliar como deverá ser a evolução das elasticidades das exportações agregadas de manufaturados. Uma presença maior de setores de baixas elasticidades nas exportações totais de manufaturados impacta em elasticidades mais baixas no futuro para o setor agregado de manufaturados. Uma presença maior de setores de altas elasticidades produzirá o efeito contrário.

O autor afirma que os setores estudados necessitam de uma política comercial mais eficaz visando abrir e expandir para novos mercados, consolidando marcas e nomes e diferenciando os produtos a fim de promover um consumo mais sofisticado. Óbvio que são políticas que só geram resultados a médio e longo prazos mas estas devem ser adotadas o quanto antes, uma vez que, o crescimento das exportações brasileiras foram inegavelmente inferiores às importações nos anos recentes.

Somente à título de informação, o crescimento médio das exportações brasileiras de 1990-2000 foi 5.8% aa enquanto o crescimento das importações foi de 10.4% aa no mesmo período.

Concluída essa resenha da literatura sobre os determinantes das exportações, obteve-se os instrumentos necessários para realizar as projeções do comportamento das exportações brasileiras, totais e desagregadas, através de algumas simulações de cenários.

## V. PROJEÇÕES PARA AS EXPORTAÇÕES EM 2001/02

Como anteriormente mencionado, este capítulo tem como objetivo construir projeções do comportamento das exportações, agregadas e desagregadas, para o biênio 2001/2002.

As premissas utilizadas para a construção desse modelo de projeção são sustentadas pelos resultados de alguns trabalhos econométricos recentes que estudam o desempenho e os determinantes das exportações brasileiras. Esses trabalhos foram apresentados no capítulo anterior e os resultados relevantes, que servirão de instrumento para a modelagem da projeção, serão aqui recordados.

Sabe-se que a receita de exportação é função, basicamente, de duas variáveis: preço e quantidade. Logo, variações no preço e/ou na quantidade implicam em variações no valor exportado.

Para simplificar o modelo, duas hipóteses são usadas como premissas básicas:

1. O Brasil é uma economia pequena, incapaz de afetar preços. Em outras palavras, o Brasil é um *price-taker*. Embora essa hipótese não seja razoável para alguns produtos, ela aplica-se adequadamente para as exportações em nível agregado.
2. O modelo não captura variações no preço. Assim o único fator que poderia aumentar as receitas de exportações é a variação na quantidade exportada.

Pode-se observar que o objetivo do modelo é mensurar, apenas, o aumento da receita de exportação oriundo do aumento das quantidades exportadas. É uma hipótese bastante simplista mas proporciona resultados interessantes.

Entretanto, outras hipóteses se fazem necessárias para a modelagem das projeções. Premissas sobre as elasticidade-renda e elasticidade-preço são indispensáveis. A relevância dessas variáveis surgem no momento que quanto maior for a elasticidade-renda da demanda por exportações, mais eficientes serão as exportações como um mecanismo propulsor do crescimento econômico. Desta forma, as exportações são uma das formas que o país possui para acompanhar o crescimento econômico. A elasticidade-preço embora importante não será relevante na modelagem em virtude da hipótese 2. À título de informação, quanto maior a elasticidade-preço, maior será a probabilidade de sucesso de uma desvalorização real com o instrumento de promoção das exportações.

A seguir são apresentadas três hipóteses sobre a elasticidade-renda dos produtos exportados. Essas elasticidades, que servirão de instrumentos para as projeções, são denominadas elasticidade-renda implícita<sup>47</sup>.

TABELA V.1  
Elasticidade-Renda Implícita das Exportações

	Hipótese 1	Hipótese 2	Hipótese 3
Totais	1.0	1.5	2.0
Básicos	0.1	0.3	0.5
Semimanufaturados	1.5	2.0	2.5
Manufaturados	2.0	2.5	3.0

Foram feitas 3 hipóteses sobre as elasticidades mas neste capítulo usaremos apenas a hipótese 2. As demais serão apresentadas no Anexo 2. As premissas utilizadas para a criação dessas hipóteses surgiram dos seguintes trabalhos: Castro e Cavalcanti (1997), Motta (2001), Cavalcanti e Frischtak (2001).

<sup>47</sup> Construídas a partir da leitura de inúmeros trabalhos. Pode-se dizer que é uma média dos valores encontrados nos trabalhos.

Pode-se observar pela tabela anterior que a elasticidade-renda implícita<sup>48</sup> dos produtos manufaturados encontram-se entre 2 e 3 sugerindo que este tipo de produto responde fortemente às mudanças na renda dos países consumidores deste tipo de produto. Esse nível encontra-se um pouco acima daqueles calculados para os produtos semimanufaturados e para as exportações agregadas, apesar, de ambos sofrerem também forte influência deste tipo de variável.

Por outro lado, pode-se verificar que para os produtos básicos esse tipo de variável não é muito relevante. Os resultados encontrados por Castro e Cavalcanti (1997) indicam uma alta elasticidade de longo prazo das exportações de básicos em relação à taxa de câmbio real e uma elasticidade relativamente pequena no que se refere às importações mundiais.

No entanto, essas premissas de elasticidade-renda só são válidas quando ponderadas pelo crescimento de cada mercado e pela participação deles nas aquisições dos produtos brasileiros. Não se pode criar uma medida única para todos os mercados-destino uma vez que a participação de cada um diverge muito de produto para produto.

Desta forma, utilizou-se os dados do World Economic Outlook<sup>49</sup> para as premissas sobre o crescimento dos mercados para os quais o Brasil exporta. A tabela a seguir apresenta essas premissas.

TABELA V.2  
Crescimento PIB Real

	1999	2000	2001	2002	%
Mundo	3.6	4.7	2.6	3.5	
Estados Unidos	4.1	4.1	1.3	2.2	
União Européia	2.7	3.4	1.8	2.2	
Mercosul	-0.3	3.1	1.4	3.2	
Demais da Aladi	-3.7	16.2	8.3	6.9	
Europa Oriental	-0.7	2.8	4.2	4.6	
Oriente Médio	3.0	5.5	4.5	4.4	
Ásia	6.1	6.8	5.8	6.2	
África	2.5	2.8	3.8	4.4	
Demais Países	3.7	4.8	2.8	3.7	

FONTE: World Economic Outlook, Outubro/2001.

<sup>48</sup> Geralmente utiliza-se o nível de importações mundiais como *proxy* para o cálculo da elasticidade-renda.

<sup>49</sup> International Monetary Fund (2001).

Para as premissas de participação dos mercados utilizou-se os dados da Secex, apresentados anteriormente na Seção 3 do Capítulo III. À título de recordação a tabela abaixo apresenta essas participações para os anos em análise.

TABELA V.3  
Destino das Exportações Brasileiras

Destino		Estados Unidos	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia	África	Demais Países
Total	1999	22.5%	28.5%	19.6%	14.1%	5.5%	2.4%	3.1%	11.9%	2.8%	7.4%
	2000	23.8%	26.7%	20.1%	14.0%	6.1%	1.8%	2.4%	11.5%	2.4%	9.3%
	2001	23.6%	26.0%	21.8%	12.3%	9.6%	2.7%	3.0%	11.5%	2.7%	8.7%
Básicos	1999	9.2%	51.7%	4.7%	3.7%	1.0%	1.9%	5.4%	19.6%	1.7%	5.8%
	2000	7.5%	50.0%	5.1%	3.6%	1.5%	2.0%	5.5%	21.3%	2.0%	6.6%
	2001	5.3%	48.9%	6.0%	3.0%	3.0%	3.7%	6.7%	22.4%	2.1%	4.9%
Semimanufaturados	1999	26.2%	24.9%	3.5%	2.6%	1.0%	8.2%	6.1%	24.0%	2.6%	4.5%
	2000	28.8%	30.0%	3.2%	2.3%	1.0%	4.3%	3.3%	22.3%	1.9%	6.2%
	2001	24.8%	28.8%	4.9%	3.2%	1.7%	8.6%	2.6%	23.2%	2.7%	4.6%
Manufaturados	1999	27.9%	20.4%	31.4%	22.4%	8.9%	1.1%	1.3%	5.5%	3.4%	9.0%
	2000	29.9%	18.1%	31.2%	21.8%	9.5%	1.1%	1.1%	5.4%	2.8%	10.3%
	2001	33.0%	16.1%	34.3%	19.3%	15.0%	1.0%	1.5%	4.3%	3.2%	6.5%

FONTE: Secex

Desta forma, obteve-se todos os instrumentos necessários para a modelagem da projeção. O cálculo das projeções foram realizados anualmente e por país de destino, para as exportações agregadas e desagregadas.

Assim sendo, o modelo de projeção resume-se a uma única fórmula apresentada abaixo:

$$X_j \text{ em } t = X_j \text{ em } t-1 * e - \text{renda implícita} * \text{crescimento do PIB}_j \text{ em } t * \text{participação do mercado}_j \text{ nas X brasileiras}$$

onde,

X = exportações

j = país de destino

Essa fórmula é aplicada, separadamente, para cada mercado de destino e através do somatório do resultado obtido para cada um dos mercados obtêm-se a projeção segundo o grau de elaboração do produto bem como para as exportações totais.

A tabela a seguir apresenta os resultados<sup>50</sup> obtidos segundo esse modelo de projeção. As previsões para os anos de 1999 e 2000 podem ser contrapostos aos resultados realizados para esses anos e isso constitui um bom exercício de verificação da eficácia e do ajuste do modelo.

Para o ano de 2001 foi feito apenas um cenário de simulação, cenário 1, dado que o ano já está acabando e a série já está praticamente completa<sup>51</sup>. Para o ano de 2002 foram simulados 3 cenários:

1. Cenário 1: Manutenção das elasticidades apresentadas na Tabela V.1 e manutenção das participações de 2001 para os mercados de destino.
2. Cenário 2: Manutenção das participações de 2001 para os mercados de destino e aumento das elasticidades para os mercados os quais o ministro Sérgio Amaral possui interesse de aumentar as exportações brasileiras. Embora já mencionados anteriormente, os mercados-alvos são: Europa Oriental, Oriente Médio, Ásia e África. O aumento aplicado nas elasticidades variou de acordo com o grau de elaboração do produto.
  - a. Exportações Totais: aumento de 25% para os quatro mercados-alvos.
  - b. Básicos: aumento de 25% para Oriente Médio e Ásia. Não foi aplicado nenhum aumento para a Europa Oriental nem para a África uma vez que na Seção 3 do Capítulo III observou-se que esses mercados não são grandes demandantes de produtos básicos.
  - c. Semimanufaturados: aumento de 25% para Europa Oriental e Ásia, mercados que do total importado do Brasil absorvem 45.7% e 27.2% em produtos semimanufaturados, respectivamente. Os demais mercados-alvos não são grandes consumidores relevantes para esse tipo de produto.
  - d. Manufaturados: aumento de 50% para Europa Oriental e África, mercados os quais os produtos manufaturados respondem por grande parcela das importações brasileiras e aumento de 25% para a Ásia e o Oriente Médio, mercados com um potencial um pouco menor.

---

<sup>50</sup> Usando a hipótese 2 da elasticidade-renda implícita.

<sup>51</sup> Valores até Outubro/2001.



3. Cenário 3: Manutenção das participações de 2001 para os mercados de destino e aumento das elasticidades para todos os mercados-destino na mesma magnitude segundo a seguinte especificação:
- Exportações Totais: aumento das elasticidades em 15%.
  - Básicos: aumento das elasticidades em 10%.
  - Semimanufaturados: aumento das elasticidades em 10%.
  - Manufaturados: aumento das elasticidades em 15%.

As participações utilizadas para a construção da série de 2001 é datada de Julho. Optou-se por este mês, apesar de já se possuir dados mais recentes, justamente para não capturar os possíveis efeitos já embutidos da política sugerida pelo ministro Sérgio Amaral em conquistar mercados não tradicionais. Estas estarão sendo refletidas nos cenários de 2002 através das alterações nas elasticidades. Embora tenham ocorrido algumas variações nessas participações nos últimos meses, em virtude dessa nova política, essas ainda são pouco significativas e, em termos de projeção, a magnitude de seus efeitos ainda não pequenos<sup>52</sup>.

As projeções encontradas foram as seguintes:

TABELA V.4  
Projeção

Período		Total	Básicos	Semi Manufaturados	Manufaturados
1999	Realizado	48,011	11,828	7,982	27,329
	Previsto	52,561	13,479	8,592	30,665
2000	Realizado	55,086	12,561	8,499	32,528
	Previsto	50,278	12,428	8,537	29,465
2001	Realizado*	49,376	13,255	6,866	27,672
	Previsto	56,429	12,751	8,939	34,276
2002	Cenário 1	59,342	13,279	9,457	36,389
	Cenário 2	59,384	13,282	9,504	36,422
	Cenário 3	59,475	13,283	9,530	36,522

\* até outubro de 2001

Notas:

1) Utilização da hipótese 2 sobre elasticidades.

2) De acordo, com as especificações do modelo mencionadas no texto.

<sup>52</sup> Os efeitos foram pequenos quando o cálculo foi realizado usando as participações de Setembro de 2001 ao invés de Julho. Por este motivo, na definição da equação de exportação, não é colocado um índice de tempo nessa variável. No último biênio, não houveram grandes variações nas participações tal que influenciem os cálculos.

Comparando os dados realizados com os previstos para o ano de 1999 e 2000 observa-se algumas diferenças. Essas diferenças surgem uma vez que, como já mencionado anteriormente, o modelo só captura as variações nas exportações oriundas de variações na quantidade. Somente à título de recordação, o modelo prevê que não há variações nos preços.

Observando o ano de 1999, a diferença entre o realizado e o previsto é justamente a variação no preço, hipótese não prevista pelo modelo. Essa variação de 10% entre o previsto e o realizado para as exportações totais em 1999 está bastante próxima da queda de 12.8% nos preços das exportações totais. Realmente se o modelo estivesse capturando esse efeito o previsto estaria mais próximo do realizado. Esse tipo de raciocínio vale para as demais categorias.

Já para o ano de 2000, a maior parte das projeções foram abaixo do realizado. Mas isso não deve ser visto como uma ineficiência do modelo, uma vez que, os anos de 1999 e 2000 estiveram bastante influenciados por variações nos preços em virtude da desvalorização do Real em Janeiro de 1999. Esta proporcionou uma queda dos índices de preços em 1999 e um forte aumento do índice de *quantum* no ano 2000. Essas variações, por sua vez, não foram computadas integralmente pelo modelo.

Tudo indica que, para o ano de 2001, o total exportado ficará bem próximo do projetado ainda que haja algum efeito de preços que não esteja mensurado. A forte desvalorização do Real está tornando os produtos brasileiros mais competitivos. No entanto, os efeitos desta desvalorização terão maiores repercussões ano que vem, uma vez que os efeitos de uma desvalorização são ampliados no segundo ano após a desvalorização.

Por outro lado, esses efeitos podem ser minimizados pela desaceleração da economia mundial cuja projeção de crescimento para o ano de 2002 é de 3.5%. O crescimento do volume do comércio mundial será da ordem de 5.8% segundo estimativas recentes<sup>53</sup>. Observe que o crescimento entre o previsto para 2001 e o previsto para o cenário 3 de 2002 é aproximadamente 5.4%, crescimento este bastante próximo aos 5.8% projetados pelo FMI.

---

<sup>53</sup> International Monetary Fund (2001).

Uma vez que o ano de 2001 já está praticamente terminado utilizou-se como simulação para seu fechamento apenas o cenário 1. Neste as exportações atingirão US\$ 56.4 bilhões dos quais US\$ 34.2 bilhões são fruto das exportações de produtos manufaturados.

No entanto, deve-se atentar para as simulações projetadas para o ano que vem. Resultados bastante interessantes surgem. É indispensável, nesse momento, que todas as especificações do modelo estejam em mente para que se possa fazer uma leitura correta das projeções.

O resultado mais promissor em termos de volume exportado é o cenário 3<sup>54</sup>. Conforme mencionado anteriormente, esse cenário prescreve um aumento da elasticidade-renda para todos os mercados. Mesmo com um aumento bastante conservador os resultados são melhores que os demais cenários. Vale mencionar que, mesmo com aumentos ainda menores, da ordem de 10% para todos os produtos, o cenário 3 ainda se apresenta favorável.

Devido a esse conservadorismo as diferenças entre os cenários são pequenas<sup>55</sup> mas isso pode ser facilmente revertido flexibilizando os aumentos nas elasticidades. A escolha pelo conservadorismo é apenas para aumentar o mérito do resultado que mostra que um esforço horizontal é preferível à um esforço local (cenário 2). Isto quer dizer que, é melhor aumentar um pouco as exportações para todos os mercados do que tentar aumentar muito as exportações para poucos mercados. Em outras palavras, sugere-se descentralizar o esforço.

Os mercados-alvo ou mercados não tradicionais, segundo a denominação do ministro Sérgio Amaral, são mercados cuja importância ainda é pequena na nossa pauta e cujo crescimento nos últimos vinte anos foram relativamente menores do que os mercados tradicionais.

Realmente é hora de repensar na eficácia da política do ministro Sérgio Amaral uma vez que um aumento significativo nesses mercados não tradicionais será uma tarefa muito

---

<sup>54</sup> As conclusões são idênticas para as demais hipóteses apresentadas no Anexo 2.

<sup>55</sup> Especialmente para os produtos básicos. Como mencionado anteriormente, a elasticidade-renda implícita para esse tipo de produto é pouco relevante o que torna as diferenças marginais.

mais difícil de ser cumprida do que um pequeno aumento descentralizado. Apesar disso, a Seção 3 do Capítulo III mostrou que está ocorrendo um certo ajuste dos números à proposta do ministro. Mas isso, como mostram as projeções, não é uma condição suficiente para garantir o sucesso e a sustentabilidade desta.

Talvez a melhor política não seja de conquista de novos mercados e sim de retenção. Isso não quer dizer que um esforço local não é válido. No entanto, será mais eficiente uma política que contemple um esforço horizontal. Manter as posições nos mercados tradicionais, explorando-os ao máximo, paralelamente a conquista de novos, talvez, fosse a melhor alternativa.

Nesse contexto, os Estados Unidos, a União Européia, a Aladi e a Ásia continuam sendo os mercados os quais nossa participação não deve nem pode ser perdida, uma vez que, absorvem aproximadamente 84% do total exportado.

Esse percentual dirigido aos mercados tradicionais comprova, novamente, que um esforço horizontal que contemple um pequeno aumento nas exportações para todos os mercados será muito mais produtivo do que um aumento local nesses outros 16%, mercados denominados não tradicionais.

## VI. CONCLUSÕES

A evolução das exportações brasileiras é, sem dúvida, influenciada em grande parte, pelo comportamento e pelo perfil das exportações de manufaturados. Desta forma, uma atenção especial deve ser dirigida a essa pauta que correspondia, em Outubro de 2001, a aproximadamente 56% do total exportado.

À título de informação a participação dessa mesma pauta em 1980 era 44.8%. Naquele tempo o Brasil ainda era visto como um país agro-exportador uma vez que os produtos básicos correspondiam a 42.2% do total exportado. Vale mencionar que muitos ainda possuem essa visão, errônea, que a pauta de exportação brasileira é predominantemente agrícola<sup>56</sup>.

De 1980-2000, as exportações de produtos manufaturados cresceram, em média, 6.6% aa. Esse crescimento pode ser creditado ao desempenho do índice de *quantum* que nesse período cresceu, em média, 6.3% aa. Os preços mantiveram-se praticamente estáveis nesses vinte anos<sup>57</sup>.

Esses resultados tornam-se mais atraentes quando comparados ao desempenho do comércio mundial. Pode-se dizer que os produtos manufaturados tiveram um bom desempenho uma vez que o crescimento mundial do *quantum* exportado de manufaturados foi da ordem de 6.6%<sup>58</sup> aa no mesmo período. Em termos de valor, o crescimento dos

---

<sup>56</sup> Foi perguntado para algumas pessoas o que o Brasil exporta mais e a resposta foi produtos agrícolas.

<sup>57</sup> Ver Tabela III.2.1: Crescimento Médio de 0.3% aa.

<sup>58</sup> World Trade Organization (2001), p. 29, Tabela II.1.

produtos manufaturados ficou aquém da média de crescimento do comércio mundial para este tipo de produto que foi da ordem de 7.6% aa de 1980-2000<sup>59</sup>.

Os principais mercados consumidores desse tipo de produto são os países da Aladi, os Estados Unidos e, em menor grau, a União Européia. Tanto hoje como em 1980, os potenciais compradores de produtos manufaturados são os mesmos atores. A diferença reside na importância de cada um. Os países membros da Aladi mantiveram mais ou menos equilibrada sua participação nesse período. Esse fato está atrelado ao aumento da importância do Mercosul em detrimento da importância dos demais países membros da Aladi. Pode-se creditar essa ocorrência à própria criação do Mercosul que foi oficializada em 1991 com o Tratado de Assunção. A importância dos Estados Unidos como um mercado potencial para este tipo de produto é inegável. Por outro lado, a União Européia perdeu importância nesse período.

A Ásia também deve ser vista como um importante parceiro comercial brasileiro. De 1988-1993 ela adquiriu mais de 10% das vendas dos produtos manufaturados. Entretanto, nos últimos anos, especialmente após a crise asiática, a participação desse bloco na absorção dos produtos manufaturados vem se reduzindo.

Vale mencionar que a Ásia é um dos mercados-alvo da nova política do ministro Sérgio Amaral em conquistar mercados não tradicionais como solução para as dificuldades encontradas nos mercados tradicionais. A Europa Oriental, a África e o Oriente Médio são os demais alvos do ministro.

Verificou-se através das simulações realizadas no Capítulo V que um esforço horizontal que contemple um pequeno aumento em todos os mercados-destino brasileiros é preferível à um esforço local nos mercados-alvo. Isso é facilmente justificável pela pequena participação e pela baixa performance comercial, da maior parte desses mercados, nesses últimos vinte anos.

Independente de qual seja a política adotada pelo governo para aumentar as exportações ela se torna indispensável. Vive-se um momento de grande restrição externa e

---

<sup>59</sup> World Trade Organization (2001), p. 29, Tabela II.1.

aumentar as exportações deve ser visto como a chave para o crescimento sustentado e saudável nos próximos anos. Gerar superávits comerciais facilitará não somente o fechamento das contas externas como proporcionará o crescimento econômico e minimizará a dependência externa no que diz respeito aos humores do mercado financeiro internacional.

## VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Averbug, A (2000). “Exportações de Manufaturados Brasileiros para a Ásia: Perfil e Desafios”. *Revista do BNDES*, vol.7, n.13, pp. 49-64, Junho.
- Averbug, A. (1999). “Abertura e Integração Comercial Brasileira na Década de 90” em Giambiagi, F. e M. M. Moreira (orgs). *A economia brasileira nos anos 90*. Rio de Janeiro: BNDES.
- Baumann, R. e C. Mussi (1999). “Algunas Características de la Economía Brasileña desde la Adopción del Plan Real”. *Serie Temas de Coyuntura n.5*, Septiembre. Santiago de Chile: Cepal.
- Carneiro, D. e E. Modiano (1990). “Ajuste Externo e Desequilíbrio Interno: 1980-1984” em Abreu, M. P. (org.). *A Ordem do Progresso: Cem anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- Castro, A. S. e M. A. F. H. (1997). “Estimação de Equações de Exportação e Importação para o Brasil – 1955/95”. *Texto para Discussão n° 469*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Março.
- Cavalcanti, M. A. F. H. e C. R. Frischtak (2001). “Crescimento Econômico, Balança Comercial e a Relação Câmbio-Investimento”. *Texto para Discussão n° 821*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Setembro.



Cavalcanti, M. A. F. H. e F. J. Ribeiro (1998). “As Exportações Brasileiras no período 1977/96: Desempenho e Determinantes”. *Texto para Discussão n° 545*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Fevereiro.

Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex). *Boletim Mensal*, vários números.

Horta, M. H. T. T. (1983). “Fontes de Crescimento das Exportações Brasileiras na década de 70”. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol.13, n.2, pp. 507-542, Agosto.

Horta, M. H. T. T. e C. F. B. Souza (2000). “A Inserção das Exportações Brasileiras: Análise Setorial no período 1980/96”. *Texto para Discussão n° 736*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Junho.

Iglesias, R. (2001). “Baixo Dinamismo das Exportações de Produtos Industrializados ou Baixo Crescimento da Produção Industrial?”. *Seminário DIMAC n° 71*, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Setembro.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2001). *Boletim Conjuntural n° 54*, Julho.

Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, IEDI (1999). “A Mudança da Política Cambial e os Efeitos da Maxidesvalorização do Real”.

Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial, IEDI (2000). “Abertura, Política Cambial e Comércio Exterior Brasileiro – Lições dos Anos 90 e Pontos de uma Agenda para a próxima década”. Versão Preliminar, 2000.

International Monetary Fund, IMF (2001). “World Economic Outlook”. *World Economic and Financial Surveys*. Washington, D.C., October.

Modiano, E. (1990) “A Ópera dos Três Cruzados: 1985-1989” em Abreu, M. P. (org.). *A Ordem do Progresso: Cem anos de Política Econômica Republicana, 1889-1989*. Rio de Janeiro: Editora Campus.

Motta, A. B. A. (2001). “Os Determinantes das Exportações Brasileiras de Bens Industrializados”. Dissertação de Mestrado, Departamento de Economia, PUC-Rio.

Organization for Economic Co-Operation and Development, OECD (2001). *OECD Economic Outlook*. Preliminary Edition nº 70, November.

Papageorgiou, D., M. Michaely e A. M. Choksi (org.) (1991). “Lessons of Experience in the Developing World”. *Liberalizing Foreign Trade*, vol. 7, pp. 140-194. Oxford: Basil Blackwell Ltd..

Secretária de Comércio Exterior (Secex). *Acompanhamento Internacional* (2001), Julho.

Secretária de Comércio Exterior (Secex). *Boletim Mensal*, vários números.

Secretária de Comércio Exterior (Secex). *Informativo Secex*, vários números.

World Trade Organization, WTO (2001). “International Trade Statistics 2001”. *WTO Publications*, Geneva.

## VIII. ANEXO 1

TABELA A.1.1  
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA  
US\$ (milhões)

Período	Mensal			Acumulado no Ano			Acumulado 12 meses		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1980 01	1,322	1,896	(574)	1,322	1,896	(574)	15,553	18,714	(3,161)
1980 02	1,350	1,686	(336)	2,672	3,582	(910)	15,953	19,347	(3,394)
1980 03	1,442	1,901	(459)	4,114	5,483	(1,369)	16,235	19,961	(3,726)
1980 04	1,490	1,724	(234)	5,604	7,207	(1,603)	16,526	20,398	(3,872)
1980 05	1,936	1,929	7	7,540	9,136	(1,596)	17,160	20,915	(3,755)
1980 06	1,653	1,845	(192)	9,193	10,981	(1,788)	17,637	21,414	(3,777)
1980 07	1,654	1,947	(293)	10,847	12,928	(2,081)	17,868	21,778	(3,910)
1980 08	1,752	2,146	(394)	12,599	15,074	(2,475)	18,233	22,045	(3,812)
1980 09	1,801	2,201	(400)	14,400	17,275	(2,875)	18,665	22,698	(4,033)
1980 10	1,908	1,994	(86)	16,308	19,269	(2,961)	19,112	22,793	(3,681)
1980 11	1,905	1,840	65	18,213	21,109	(2,896)	19,727	22,938	(3,211)
1980 12	1,919	1,845	74	20,132	22,954	(2,822)	20,132	22,954	(2,822)
1981 01	1,696	1,829	(133)	1,696	1,829	(133)	20,506	22,887	(2,381)
1981 02	1,735	1,893	(158)	3,431	3,722	(291)	20,891	23,094	(2,203)
1981 03	1,755	1,884	(129)	5,186	5,606	(420)	21,204	23,077	(1,873)
1981 04	1,880	1,936	(56)	7,066	7,542	(476)	21,594	23,289	(1,695)
1981 05	1,869	1,857	12	8,935	9,399	(464)	21,527	23,217	(1,690)
1981 06	1,925	1,772	153	10,860	11,171	(311)	21,799	23,144	(1,345)
1981 07	2,052	1,961	91	12,912	13,132	(220)	22,197	23,158	(961)
1981 08	2,010	1,823	187	14,922	14,955	(33)	22,455	22,835	(380)
1981 09	2,081	1,826	255	17,003	16,781	222	22,735	22,460	275
1981 10	2,112	1,704	408	19,115	18,485	630	22,939	22,170	769
1981 11	2,127	1,766	361	21,242	20,251	991	23,161	22,096	1,065
1981 12	2,051	1,840	211	23,293	22,091	1,202	23,293	22,091	1,202
1982 01	1,646	1,653	(7)	1,646	1,653	(7)	23,243	21,915	1,328
1982 02	1,440	1,441	(1)	3,086	3,094	(8)	22,948	21,463	1,485
1982 03	1,767	1,710	57	4,853	4,804	49	22,960	21,289	1,671
1982 04	1,569	1,548	21	6,422	6,352	70	22,649	20,901	1,748
1982 05	1,713	1,701	12	8,135	8,053	82	22,493	20,745	1,748
1982 06	1,690	1,623	67	9,825	9,676	149	22,258	20,596	1,662
1982 07	1,758	1,696	62	11,583	11,372	211	21,964	20,331	1,633
1982 08	1,822	1,725	97	13,405	13,097	308	21,776	20,233	1,543
1982 09	1,698	1,651	47	15,103	14,748	355	21,393	20,058	1,335
1982 10	1,606	1,548	58	16,709	16,296	413	20,887	19,902	985
1982 11	1,713	1,506	207	18,422	17,802	620	20,473	19,642	831
1982 12	1,753	1,593	160	20,175	19,395	780	20,175	19,395	780
1983 01	1,533	1,412	121	1,533	1,412	121	20,062	19,154	908
1983 02	1,331	1,203	128	2,864	2,615	249	19,953	18,916	1,037
1983 03	1,683	1,209	474	4,547	3,824	723	19,869	18,415	1,454
1983 04	1,805	1,239	566	6,352	5,063	1,289	20,105	18,106	1,999
1983 05	1,952	1,240	712	8,304	6,303	2,001	20,344	17,645	2,699
1983 06	1,964	1,173	791	10,268	7,476	2,792	20,618	17,195	3,423
1983 07	1,907	1,174	733	12,175	8,650	3,525	20,767	16,673	4,094
1983 08	2,066	1,428	638	14,241	10,078	4,163	21,011	16,376	4,635
1983 09	1,996	1,306	690	16,237	11,384	4,853	21,309	16,031	5,278
1983 10	1,809	1,243	566	18,046	12,627	5,419	21,512	15,726	5,786
1983 11	1,827	1,286	541	19,873	13,913	5,960	21,626	15,506	6,120
1983 12	2,026	1,516	510	21,899	15,429	6,470	21,899	15,429	6,470

TABELA A.1.1 (continuação)  
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA  
US\$ (milhões)

Período	Mensal			Acumulado no Ano			Acumulado 12 meses		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1984 01	1,647	1,123	524	1,647	1,123	524	22,013	15,140	6,873
1984 02	1,835	990	845	3,482	2,113	1,369	22,517	14,927	7,590
1984 03	2,054	1,042	1,012	5,536	3,155	2,381	22,888	14,760	8,128
1984 04	2,123	1,065	1,058	7,659	4,220	3,439	23,206	14,586	8,620
1984 05	2,396	1,179	1,217	10,055	5,399	4,656	23,650	14,525	9,125
1984 06	2,484	1,162	1,322	12,539	6,561	5,978	24,170	14,514	9,656
1984 07	2,550	1,380	1,170	15,089	7,941	7,148	24,813	14,720	10,093
1984 08	2,540	1,144	1,396	17,629	9,085	8,544	25,287	14,436	10,851
1984 09	2,269	1,207	1,062	19,898	10,292	9,606	25,560	14,337	11,223
1984 10	2,417	1,138	1,279	22,315	11,430	10,885	26,168	14,232	11,936
1984 11	2,303	1,204	1,099	24,618	12,634	11,984	26,644	14,150	12,494
1984 12	2,387	1,282	1,105	27,005	13,916	13,089	27,005	13,916	13,089
1985 01	1,571	1,042	529	1,571	1,042	529	26,929	13,835	13,094
1985 02	1,470	985	485	3,041	2,027	1,014	26,564	13,801	12,734
1985 03	1,957	1,060	897	4,998	3,087	1,911	26,467	13,848	12,619
1985 04	2,124	1,046	1,078	7,122	4,133	2,989	26,468	13,829	12,639
1985 05	2,238	1,001	1,237	9,360	5,134	4,226	26,310	13,651	12,659
1985 06	2,194	965	1,229	11,554	6,099	5,455	26,020	13,454	12,566
1985 07	2,184	957	1,227	13,738	7,056	6,682	25,654	13,031	12,623
1985 08	2,170	1,073	1,097	15,908	8,129	7,779	25,284	12,960	12,324
1985 09	2,404	1,099	1,305	18,312	9,228	9,084	25,419	12,852	12,567
1985 10	2,370	1,256	1,114	20,682	10,484	10,198	25,372	12,970	12,402
1985 11	2,292	1,214	1,078	22,974	11,698	11,276	25,361	12,980	12,381
1985 12	2,665	1,455	1,210	25,639	13,153	12,486	25,639	13,153	12,486
1986 01	1,907	1,208	699	1,907	1,208	699	25,975	13,319	12,656
1986 02	1,750	1,123	627	3,657	2,331	1,326	26,255	13,457	12,798
1986 03	2,156	1,021	1,135	5,813	3,352	2,461	26,454	13,418	13,036
1986 04	2,171	880	1,291	7,984	4,232	3,752	26,501	13,252	13,249
1986 05	2,289	951	1,338	10,273	5,183	5,090	26,552	13,202	13,350
1986 06	1,999	929	1,070	12,272	6,112	6,160	26,357	13,166	13,191
1986 07	2,204	1,199	1,005	14,476	7,311	7,165	26,377	13,408	12,969
1986 08	2,094	1,149	945	16,570	8,460	8,110	26,301	13,484	12,817
1986 09	1,847	1,313	534	18,417	9,773	8,644	25,744	13,698	12,046
1986 10	1,337	1,420	(83)	19,754	11,193	8,561	24,711	13,862	10,849
1986 11	1,270	1,308	(38)	21,024	12,501	8,523	23,689	13,956	9,733
1986 12	1,325	1,543	(218)	22,349	14,044	8,305	22,349	14,044	8,305
1987 01	1,264	1,299	(35)	1,264	1,299	(35)	21,706	14,135	7,571
1987 02	1,452	1,132	320	2,716	2,431	285	21,408	14,144	7,264
1987 03	1,436	1,134	302	4,152	3,565	587	20,688	14,257	6,431
1987 04	1,673	1,171	502	5,825	4,736	1,089	20,190	14,548	5,642
1987 05	2,187	1,226	961	8,012	5,962	2,050	20,088	14,823	5,265
1987 06	2,643	1,213	1,430	10,655	7,175	3,480	20,732	15,107	5,625
1987 07	2,923	1,466	1,457	13,578	8,641	4,937	21,451	15,374	6,077
1987 08	2,755	1,326	1,429	16,333	9,967	6,366	22,112	15,551	6,561
1987 09	2,692	1,195	1,497	19,025	11,162	7,863	22,957	15,433	7,524
1987 10	2,505	1,312	1,193	21,530	12,474	9,056	24,125	15,325	8,800
1987 11	2,247	1,246	1,001	23,777	13,720	10,057	25,102	15,263	9,839
1987 12	2,447	1,331	1,116	26,224	15,051	11,173	26,224	15,051	11,173
1988 01	2,158	1,111	1,047	2,158	1,111	1,047	27,118	14,863	12,255
1988 02	2,060	1,164	896	4,218	2,275	1,943	27,726	14,895	12,831
1988 03	2,472	1,241	1,231	6,690	3,516	3,174	28,762	15,002	13,760
1988 04	2,813	917	1,896	9,503	4,433	5,070	29,902	14,748	15,154
1988 05	2,904	1,154	1,750	12,407	5,587	6,820	30,619	14,676	15,943
1988 06	3,103	1,278	1,825	15,510	6,865	8,645	31,079	14,741	16,338
1988 07	2,972	1,114	1,858	18,482	7,979	10,503	31,128	14,389	16,739
1988 08	3,462	1,378	2,084	21,944	9,357	12,587	31,835	14,441	17,394
1988 09	3,312	1,284	2,028	25,256	10,641	14,615	32,455	14,530	17,925
1988 10	2,680	1,172	1,508	27,936	11,813	16,123	32,630	14,390	18,240
1988 11	2,950	1,243	1,707	30,886	13,056	17,830	33,333	14,387	18,946
1988 12	2,903	1,548	1,355	33,789	14,604	19,185	33,789	14,604	19,185

TABELA A.1.1 (continuação)  
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA  
US\$ (milhões)

Período	Mensal			Acumulado no Ano			Acumulado 12 meses		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1989 01	2,751	1,236	1,515	2,751	1,236	1,515	34,382	14,729	19,653
1989 02	2,263	1,164	1,099	5,014	2,400	2,614	34,585	14,729	19,856
1989 03	2,847	1,280	1,567	7,861	3,680	4,181	34,960	14,768	20,192
1989 04	2,398	1,030	1,368	10,259	4,710	5,549	34,545	14,881	19,664
1989 05	2,832	1,481	1,351	13,091	6,191	6,900	34,473	15,208	19,265
1989 06	3,686	1,601	2,085	16,777	7,792	8,985	35,056	15,531	19,525
1989 07	3,200	1,680	1,520	19,977	9,472	10,505	35,284	16,097	19,187
1989 08	3,364	1,909	1,455	23,341	11,381	11,960	35,186	16,628	18,558
1989 09	2,951	1,789	1,162	26,292	13,170	13,122	34,825	17,133	17,692
1989 10	2,744	1,686	1,058	29,036	14,856	14,180	34,889	17,647	17,242
1989 11	2,576	1,652	924	31,612	16,508	15,104	34,515	18,056	16,459
1989 12	2,771	1,751	1,020	34,383	18,259	16,124	34,383	18,259	16,124
1990 01	2,280	1,678	602	2,280	1,678	602	33,912	18,701	15,211
1990 02	1,974	1,252	722	4,254	2,930	1,324	33,623	18,789	14,834
1990 03	2,232	1,646	586	6,486	4,576	1,910	33,008	19,155	13,853
1990 04	2,558	1,363	1,195	9,044	5,939	3,105	33,168	19,488	13,680
1990 05	3,232	1,534	1,698	12,276	7,473	4,803	33,568	19,541	14,027
1990 06	2,510	1,369	1,141	14,786	8,842	5,944	32,392	19,309	13,083
1990 07	3,082	1,576	1,506	17,868	10,418	7,450	32,274	19,205	13,069
1990 08	3,062	1,999	1,063	20,930	12,417	8,513	31,972	19,295	12,677
1990 09	2,592	1,899	693	23,522	14,316	9,206	31,613	19,405	12,208
1990 10	2,333	2,038	295	25,855	16,354	9,501	31,202	19,757	11,445
1990 11	2,665	2,263	402	28,520	18,617	9,903	31,291	20,368	10,923
1990 12	2,894	2,044	850	31,414	20,661	10,753	31,414	20,661	10,753
1991 01	2,929	1,622	1,307	2,929	1,622	1,307	32,063	20,605	11,458
1991 02	2,270	1,245	1,025	5,199	2,867	2,332	32,359	20,598	11,761
1991 03	2,612	1,463	1,149	7,811	4,330	3,481	32,739	20,415	12,324
1991 04	3,024	1,619	1,405	10,835	5,949	4,886	33,205	20,671	12,534
1991 05	2,911	1,577	1,334	13,746	7,526	6,220	32,884	20,714	12,170
1991 06	2,811	1,838	973	16,557	9,364	7,193	33,185	21,183	12,002
1991 07	2,561	1,789	772	19,118	11,153	7,965	32,664	21,396	11,268
1991 08	2,805	2,153	652	21,923	13,306	8,617	32,407	21,550	10,857
1991 09	2,070	1,672	398	23,993	14,978	9,015	31,885	21,323	10,562
1991 10	2,655	2,248	407	26,648	17,226	9,422	32,207	21,533	10,674
1991 11	2,458	2,006	452	29,106	19,232	9,874	32,000	21,276	10,724
1991 12	2,514	1,809	705	31,620	21,041	10,579	31,620	21,041	10,579
1992 01	2,569	1,652	917	2,569	1,652	917	31,260	21,071	10,189
1992 02	2,389	1,521	868	4,958	3,173	1,785	31,379	21,347	10,032
1992 03	2,887	1,457	1,430	7,845	4,630	3,215	31,654	21,341	10,313
1992 04	2,681	1,504	1,177	10,526	6,134	4,392	31,311	21,226	10,085
1992 05	2,916	1,564	1,352	13,442	7,698	5,744	31,316	21,213	10,103
1992 06	2,954	1,657	1,297	16,396	9,355	7,041	31,459	21,032	10,427
1992 07	3,441	1,956	1,485	19,837	11,311	8,526	32,339	21,199	11,140
1992 08	3,024	1,622	1,402	22,861	12,933	9,928	32,558	20,668	11,890
1992 09	3,016	1,644	1,372	25,877	14,577	11,300	33,504	20,640	12,864
1992 10	3,220	1,992	1,228	29,097	16,569	12,528	34,069	20,384	13,685
1992 11	3,277	1,762	1,515	32,374	18,331	14,043	34,888	20,140	14,748
1992 12	3,419	2,223	1,196	35,793	20,554	15,239	35,793	20,554	15,239
1993 01	2,813	1,798	1,015	2,813	1,798	1,015	36,037	20,700	15,337
1993 02	2,890	1,432	1,458	5,703	3,230	2,473	36,538	20,611	15,927
1993 03	3,509	2,001	1,508	9,212	5,231	3,981	37,160	21,155	16,005
1993 04	3,028	2,125	903	12,240	7,356	4,884	37,507	21,776	15,731
1993 05	2,884	1,590	1,294	15,124	8,946	6,178	37,475	21,802	15,673
1993 06	3,238	2,292	946	18,362	11,238	7,124	37,759	22,437	15,322
1993 07	3,423	2,770	653	21,785	14,008	7,777	37,741	23,251	14,490
1993 08	3,503	2,341	1,162	25,288	16,349	8,939	38,220	23,970	14,250
1993 09	3,446	2,217	1,229	28,734	18,566	10,168	38,650	24,543	14,107
1993 10	3,240	2,094	1,146	31,974	20,660	11,314	38,670	24,645	14,025
1993 11	3,171	2,040	1,131	35,145	22,700	12,445	38,564	24,923	13,641
1993 12	3,410	2,556	854	38,555	25,256	13,299	38,555	25,256	13,299

TABELA A.1.1 (continuação)  
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA  
US\$ (milhões)

Período	Mensal			Acumulado no Ano			Acumulado 12 meses		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1994 01	2,747	1,769	978	2,747	1,769	978	38,489	25,227	13,262
1994 02	2,778	2,030	748	5,525	3,799	1,726	38,377	25,825	12,552
1994 03	3,351	2,249	1,102	8,876	6,048	2,828	38,219	26,073	12,146
1994 04	3,635	2,152	1,483	12,511	8,200	4,311	38,826	26,100	12,726
1994 05	3,862	2,625	1,237	16,373	10,825	5,548	39,804	27,135	12,669
1994 06	3,728	2,499	1,229	20,101	13,324	6,777	40,294	27,342	12,952
1994 07	3,738	2,514	1,224	23,839	15,838	8,001	40,609	27,086	13,523
1994 08	4,282	2,776	1,506	28,121	18,614	9,507	41,388	27,521	13,867
1994 09	4,162	2,641	1,521	32,283	21,255	11,028	42,104	27,945	14,159
1994 10	3,842	3,186	656	36,125	24,441	11,684	42,706	29,037	13,669
1994 11	3,706	4,115	(409)	39,831	28,556	11,275	43,241	31,112	12,129
1994 12	3,714	4,523	(809)	43,545	33,079	10,466	43,545	33,079	10,466
1995 01	2,980	3,284	(304)	2,980	3,284	(304)	43,778	34,594	9,184
1995 02	2,952	4,012	(1,060)	5,932	7,296	(1,364)	43,952	36,576	7,376
1995 03	3,799	4,721	(922)	9,731	12,017	(2,286)	44,400	39,048	5,352
1995 04	3,394	3,864	(470)	13,125	15,881	(2,756)	44,159	40,760	3,399
1995 05	4,205	4,897	(692)	17,330	20,778	(3,448)	44,502	43,032	1,470
1995 06	4,119	4,897	(778)	21,449	25,675	(4,226)	44,893	45,430	(537)
1995 07	4,004	4,003	1	25,453	29,678	(4,225)	45,159	46,919	(1,760)
1995 08	4,558	4,461	97	30,011	34,139	(4,128)	45,435	48,604	(3,169)
1995 09	4,167	3,687	480	34,178	37,826	(3,648)	45,440	49,650	(4,210)
1995 10	4,405	4,076	329	38,583	41,902	(3,319)	46,003	50,540	(4,537)
1995 11	4,048	4,137	(89)	42,631	46,039	(3,408)	46,345	50,562	(4,217)
1995 12	3,875	3,932	(57)	46,506	49,971	(3,465)	46,506	49,971	(3,465)
1996 01	3,473	3,440	33	3,473	3,440	33	46,999	50,127	(3,128)
1996 02	3,405	3,434	(29)	6,878	6,874	4	47,452	49,549	(2,097)
1996 03	3,408	3,877	(469)	10,286	10,751	(465)	47,061	48,705	(1,644)
1996 04	4,271	4,073	198	14,557	14,824	(267)	47,938	48,914	(976)
1996 05	4,506	4,237	269	19,063	19,061	2	48,239	48,254	(15)
1996 06	3,840	4,167	(327)	22,903	23,228	(325)	47,960	47,524	436
1996 07	4,459	4,793	(334)	27,362	28,021	(659)	48,415	48,314	101
1996 08	4,381	4,672	(291)	31,743	32,693	(950)	48,238	48,525	(287)
1996 09	4,115	4,770	(655)	35,858	37,463	(1,605)	48,186	49,608	(1,422)
1996 10	4,188	5,496	(1,308)	40,046	42,959	(2,913)	47,969	51,028	(3,059)
1996 11	3,912	4,765	(853)	43,958	47,724	(3,766)	47,833	51,656	(3,823)
1996 12	3,789	5,576	(1,787)	47,747	53,300	(5,553)	47,747	53,300	(5,553)
1997 01	3,685	3,876	(191)	3,685	3,876	(191)	47,959	53,736	(5,777)
1997 02	3,146	4,549	(1,403)	6,831	8,425	(1,594)	47,700	54,851	(7,151)
1997 03	3,826	4,695	(869)	10,657	13,120	(2,463)	48,118	55,669	(7,551)
1997 04	4,629	5,458	(829)	15,286	18,578	(3,292)	48,476	57,054	(8,578)
1997 05	4,658	4,757	(99)	19,944	23,335	(3,391)	48,628	57,574	(8,946)
1997 06	4,844	5,190	(346)	24,788	28,525	(3,737)	49,632	58,597	(8,965)
1997 07	5,239	5,955	(716)	30,027	34,480	(4,453)	50,412	59,759	(9,347)
1997 08	5,074	5,325	(251)	35,101	39,805	(4,704)	51,105	60,412	(9,307)
1997 09	4,588	5,658	(1,070)	39,689	45,463	(5,774)	51,578	61,300	(9,722)
1997 10	4,793	5,555	(762)	44,482	51,018	(6,536)	52,183	61,359	(9,176)
1997 11	3,974	5,089	(1,115)	48,456	56,107	(7,651)	52,245	61,683	(9,438)
1997 12	4,534	5,240	(706)	52,990	61,347	(8,357)	52,990	61,347	(8,357)
1998 01	3,914	4,647	(733)	3,914	4,647	(733)	53,219	62,118	(8,899)
1998 02	3,715	3,943	(228)	7,629	8,590	(961)	53,788	61,512	(7,724)
1998 03	4,273	5,166	(893)	11,902	13,756	(1,854)	54,235	61,983	(7,748)
1998 04	4,576	4,629	(53)	16,478	18,385	(1,907)	54,182	61,154	(6,972)
1998 05	4,609	4,734	(125)	21,087	23,119	(2,032)	54,133	61,131	(6,998)
1998 06	4,886	4,702	184	25,973	27,821	(1,848)	54,175	60,643	(6,468)
1998 07	4,970	5,395	(425)	30,943	33,216	(2,273)	53,906	60,083	(6,177)
1998 08	3,985	4,153	(168)	34,928	37,369	(2,441)	52,817	58,911	(6,094)
1998 09	4,537	5,724	(1,187)	39,465	43,093	(3,628)	52,766	58,977	(6,211)
1998 10	4,014	5,453	(1,439)	43,479	48,546	(5,067)	51,987	58,875	(6,888)
1998 11	3,702	4,726	(1,024)	47,181	53,272	(6,091)	51,715	58,512	(6,797)
1998 12	3,944	4,458	(514)	51,125	57,730	(6,605)	51,125	57,730	(6,605)

TABELA A.1.1 (continuação)  
BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA  
US\$ (milhões)

Período	Mensal			Acumulado no Ano			Acumulado 12 meses		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
1999 01	2,949	3,645	(696)	2,949	3,645	(696)	50,160	56,728	(6,568)
1999 02	3,267	3,164	103	6,216	6,809	(593)	49,712	55,949	(6,237)
1999 03	3,829	4,052	(223)	10,045	10,861	(816)	49,268	54,835	(5,567)
1999 04	3,707	3,669	38	13,752	14,530	(778)	48,399	53,875	(5,476)
1999 05	4,386	4,078	308	18,138	18,608	(470)	48,176	53,219	(5,043)
1999 06	4,313	4,459	(146)	22,451	23,067	(616)	47,603	52,976	(5,373)
1999 07	4,117	4,027	90	26,568	27,094	(526)	46,750	51,608	(4,858)
1999 08	4,277	4,461	(184)	30,845	31,555	(710)	47,042	51,916	(4,874)
1999 09	4,187	4,243	(56)	35,032	35,798	(766)	46,692	50,435	(3,743)
1999 10	4,304	4,458	(154)	39,336	40,256	(920)	46,982	49,440	(2,458)
1999 11	4,002	4,530	(528)	43,338	44,786	(1,448)	47,282	49,244	(1,962)
1999 12	4,673	4,424	249	48,011	49,210	(1,199)	48,011	49,210	(1,199)
2000 01	3,453	3,569	(116)	3,453	3,569	(116)	48,515	49,134	(619)
2000 02	4,123	4,045	78	7,576	7,614	(38)	49,371	50,015	(644)
2000 03	4,472	4,430	42	12,048	12,044	4	50,014	50,393	(379)
2000 04	4,181	3,998	183	16,229	16,042	187	50,488	50,722	(234)
2000 05	5,063	4,671	392	21,292	20,713	579	51,165	51,315	(150)
2000 06	4,861	4,605	256	26,153	25,318	835	51,713	51,461	252
2000 07	5,003	4,885	118	31,156	30,203	953	52,599	52,319	280
2000 08	5,519	5,422	97	36,675	35,625	1,050	53,841	53,280	561
2000 09	4,724	5,044	(320)	41,399	40,669	730	54,378	54,081	297
2000 10	4,638	5,161	(523)	46,037	45,830	207	54,712	54,784	(72)
2000 11	4,390	5,020	(630)	50,427	50,850	(423)	55,100	55,274	(174)
2000 12	4,659	4,872	(213)	55,086	55,722	(636)	55,086	55,722	(636)
2001 01	4,538	5,017	(479)	4,538	5,017	(479)	56,171	57,170	(999)
2001 02	4,083	4,003	80	8,621	9,020	(399)	56,131	57,128	(997)
2001 03	5,167	5,446	(279)	13,788	14,466	(678)	56,826	58,144	(1,318)
2001 04	4,730	4,610	120	18,518	19,076	(558)	57,375	58,756	(1,381)
2001 05	5,367	5,156	211	23,885	24,232	(347)	57,679	59,241	(1,562)
2001 06	5,042	4,765	277	28,927	28,997	(70)	57,860	59,401	(1,541)
2001 07	4,965	4,857	108	33,892	33,854	38	57,822	59,373	(1,551)
2001 08	5,727	5,102	625	39,619	38,956	663	58,030	59,053	(1,023)
2001 09	4,755	4,161	594	44,374	43,117	1,257	58,061	58,170	(109)
2001 10	5,002	4,754	248	49,376	47,871	1,505	58,425	57,763	662

TABELA A.1.2  
Exportação: Categorias  
US\$ milhões

Período	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS		
	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
1980 01	426	426	6,596	179	179	1,912	699	699	6,882
1980 02	449	875	6,712	159	338	1,907	726	1,425	7,169
1980 03	652	1,527	6,891	131	469	1,857	648	2,073	7,326
1980 04	723	2,250	7,114	150	619	1,826	605	2,678	7,427
1980 05	847	3,097	7,366	222	841	1,864	851	3,529	7,767
1980 06	763	3,860	7,551	235	1,076	1,961	641	4,170	7,960
1980 07	760	4,620	7,687	231	1,307	1,982	646	4,816	8,035
1980 08	718	5,338	7,750	288	1,595	2,119	734	5,550	8,203
1980 09	794	6,132	7,944	155	1,750	2,133	837	6,387	8,423
1980 10	825	6,957	8,225	211	1,961	2,197	854	7,241	8,521
1980 11	798	7,755	8,517	182	2,143	2,250	905	8,146	8,783
1980 12	733	8,488	8,488	206	2,349	2,349	881	9,027	9,027
1981 01	717	717	8,779	180	180	2,350	783	783	9,111
1981 02	665	1,382	8,995	192	372	2,383	865	1,648	9,250
1981 03	759	2,141	9,102	140	512	2,392	844	2,492	9,446
1981 04	785	2,926	9,164	192	704	2,434	884	3,376	9,725
1981 05	725	3,651	9,042	155	859	2,367	964	4,340	9,838
1981 06	831	4,482	9,110	182	1,041	2,314	891	5,231	10,088
1981 07	826	5,308	9,176	200	1,241	2,283	1,004	6,235	10,446
1981 08	821	6,129	9,279	173	1,414	2,168	997	7,232	10,709
1981 09	689	6,818	9,174	181	1,595	2,194	1,194	8,426	11,066
1981 10	804	7,622	9,153	163	1,758	2,146	1,123	9,549	11,335
1981 11	686	8,308	9,041	196	1,954	2,160	1,214	10,763	11,644
1981 12	612	8,920	8,920	162	2,116	2,116	1,120	11,883	11,883
1982 01	516	516	8,719	145	145	2,081	960	960	12,060
1982 02	567	1,083	8,621	97	242	1,986	755	1,715	11,950
1982 03	762	1,845	8,624	129	371	1,975	860	2,575	11,966
1982 04	680	2,525	8,519	127	498	1,910	742	3,317	11,824
1982 05	770	3,295	8,564	111	609	1,866	807	4,124	11,667
1982 06	744	4,039	8,477	102	711	1,786	821	4,945	11,597
1982 07	696	4,735	8,347	122	833	1,708	917	5,862	11,510
1982 08	763	5,498	8,289	123	956	1,658	913	6,775	11,426
1982 09	721	6,219	8,321	130	1,086	1,607	831	7,606	11,063
1982 10	650	6,869	8,167	126	1,212	1,570	813	8,419	10,753
1982 11	672	7,541	8,153	103	1,315	1,477	916	9,335	10,455
1982 12	697	8,238	8,238	118	1,433	1,433	918	10,253	10,253
1983 01	542	542	8,264	142	142	1,430	832	832	10,125
1983 02	527	1,069	8,224	97	239	1,430	685	1,517	10,055
1983 03	691	1,760	8,153	109	348	1,410	857	2,374	10,052
1983 04	750	2,510	8,223	138	486	1,421	892	3,266	10,202
1983 05	847	3,357	8,300	144	630	1,454	927	4,193	10,322
1983 06	833	4,190	8,389	158	788	1,510	940	5,133	10,441
1983 07	828	5,018	8,521	135	923	1,523	914	6,047	10,438
1983 08	814	5,832	8,572	157	1,080	1,557	1,064	7,111	10,589
1983 09	668	6,500	8,519	189	1,269	1,616	1,118	8,229	10,876
1983 10	648	7,148	8,517	183	1,452	1,673	952	9,181	11,015
1983 11	681	7,829	8,526	144	1,596	1,714	978	10,159	11,077
1983 12	706	8,535	8,535	186	1,782	1,782	1,117	11,276	11,276
1984 01	474	474	8,467	149	149	1,789	1,002	1,002	11,446
1984 02	552	1,026	8,492	196	345	1,888	1,072	2,074	11,833
1984 03	622	1,648	8,423	214	559	1,993	1,198	3,272	12,174
1984 04	789	2,437	8,462	225	784	2,080	1,085	4,357	12,367
1984 05	910	3,347	8,525	243	1,027	2,179	1,212	5,569	12,652
1984 06	988	4,335	8,680	292	1,319	2,313	1,173	6,742	12,885
1984 07	883	5,218	8,735	297	1,616	2,475	1,339	8,081	13,310
1984 08	862	6,080	8,783	272	1,888	2,590	1,379	9,460	13,625
1984 09	712	6,792	8,827	258	2,146	2,659	1,275	10,735	13,782
1984 10	636	7,428	8,815	300	2,446	2,776	1,456	12,191	14,286



TABELA A.1.2 (continuação)  
 Exportação: Categorias  
 US\$ milhões

Período	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS		
	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
1984 11	621	8,049	8,755	226	2,672	2,858	1,437	13,628	14,745
1984 12	657	8,706	8,706	200	2,872	2,872	1,504	15,132	15,132
1985 01	494	494	8,726	189	189	2,912	868	868	14,998
1985 02	463	957	8,637	147	336	2,863	841	1,709	14,767
1985 03	672	1,629	8,687	190	526	2,839	1,072	2,781	14,641
1985 04	827	2,456	8,725	207	733	2,821	1,065	3,846	14,621
1985 05	860	3,316	8,675	248	981	2,826	1,101	4,947	14,510
1985 06	747	4,063	8,434	220	1,201	2,754	1,202	6,149	14,539
1985 07	790	4,853	8,341	273	1,474	2,730	1,098	7,247	14,298
1985 08	770	5,623	8,249	227	1,701	2,685	1,152	8,399	14,071
1985 09	796	6,419	8,333	266	1,967	2,693	1,322	9,721	14,118
1985 10	677	7,096	8,374	263	2,230	2,656	1,404	11,125	14,066
1985 11	607	7,703	8,360	278	2,508	2,708	1,386	12,511	14,015
1985 12	835	8,538	8,538	250	2,758	2,758	1,552	14,063	14,063
1986 01	520	520	8,564	211	211	2,780	1,158	1,158	14,353
1986 02	595	1,115	8,696	202	413	2,835	936	2,094	14,448
1986 03	881	1,996	8,905	201	614	2,846	1,058	3,152	14,434
1986 04	820	2,816	8,898	240	854	2,879	1,095	4,247	14,464
1986 05	821	3,637	8,859	233	1,087	2,864	1,219	5,466	14,582
1986 06	608	4,245	8,720	247	1,334	2,891	1,131	6,597	14,511
1986 07	689	4,934	8,619	245	1,579	2,863	1,256	7,853	14,669
1986 08	640	5,574	8,489	276	1,855	2,912	1,166	9,019	14,683
1986 09	557	6,131	8,250	190	2,045	2,836	1,086	10,105	14,447
1986 10	389	6,520	7,962	145	2,190	2,718	791	10,896	13,834
1986 11	424	6,944	7,779	159	2,349	2,599	677	11,573	13,125
1986 12	336	7,280	7,280	142	2,491	2,491	831	12,404	12,404
1987 01	322	322	7,082	157	157	2,437	771	771	12,017
1987 02	386	708	6,873	178	335	2,413	877	1,648	11,958
1987 03	456	1,164	6,448	177	512	2,389	792	2,440	11,692
1987 04	596	1,760	6,224	201	713	2,350	859	3,299	11,456
1987 05	778	2,538	6,181	220	933	2,337	1,171	4,470	11,408
1987 06	979	3,517	6,552	277	1,210	2,367	1,368	5,838	11,645
1987 07	1,003	4,520	6,866	340	1,550	2,462	1,563	7,401	11,952
1987 08	881	5,401	7,107	317	1,867	2,503	1,541	8,942	12,327
1987 09	847	6,248	7,397	324	2,191	2,637	1,505	10,447	12,746
1987 10	551	6,799	7,559	378	2,569	2,870	1,560	12,007	13,515
1987 11	532	7,331	7,667	321	2,890	3,032	1,376	13,383	14,214
1987 12	691	8,022	8,022	285	3,175	3,175	1,456	14,839	14,839
1988 01	488	488	8,188	344	344	3,362	1,315	1,315	15,383
1988 02	500	988	8,302	336	680	3,520	1,214	2,529	15,720
1988 03	624	1,612	8,470	341	1,021	3,684	1,493	4,022	16,421
1988 04	764	2,376	8,638	370	1,391	3,853	1,645	5,667	17,207
1988 05	792	3,168	8,652	450	1,841	4,083	1,631	7,298	17,667
1988 06	949	4,117	8,622	417	2,258	4,223	1,707	9,005	18,006
1988 07	940	5,057	8,559	386	2,644	4,269	1,627	10,632	18,070
1988 08	1,073	6,130	8,751	508	3,152	4,460	1,855	12,487	18,384
1988 09	984	7,114	8,888	421	3,573	4,557	1,868	14,355	18,747
1988 10	827	7,941	9,164	451	4,024	4,630	1,386	15,741	18,573
1988 11	788	8,729	9,420	436	4,460	4,745	1,687	17,428	18,884
1988 12	682	9,411	9,411	432	4,892	4,892	1,759	19,187	19,187
1989 01	622	622	9,545	504	504	5,052	1,596	1,596	19,468
1989 02	476	1,098	9,521	403	907	5,119	1,369	2,965	19,623
1989 03	651	1,749	9,548	469	1,376	5,247	1,674	4,639	19,804
1989 04	571	2,320	9,355	455	1,831	5,332	1,353	5,992	19,512
1989 05	824	3,144	9,387	514	2,345	5,396	1,462	7,454	19,343
1989 06	1,033	4,177	9,471	601	2,946	5,580	2,020	9,474	19,656
1989 07	994	5,171	9,525	562	3,508	5,756	1,608	11,082	19,637
1989 08	1,077	6,248	9,529	527	4,035	5,775	1,730	12,812	19,512

TABELA A.1.2 (continuação)  
 Exportação: Categorias  
 US\$ milhões

Período	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS		
	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
1989 09	961	7,209	9,506	516	4,551	5,870	1,446	14,258	19,090
1989 10	864	8,073	9,543	416	4,967	5,835	1,433	15,691	19,137
1989 11	749	8,822	9,504	486	5,453	5,885	1,317	17,008	18,767
1989 12	727	9,549	9,549	354	5,807	5,807	1,626	18,634	18,634
1990 01	574	574	9,501	396	396	5,699	1,281	1,281	18,319
1990 02	469	1,043	9,494	243	639	5,539	1,233	2,514	18,183
1990 03	539	1,582	9,382	308	947	5,378	1,362	3,876	17,871
1990 04	666	2,248	9,477	423	1,370	5,346	1,440	5,316	17,958
1990 05	853	3,101	9,506	548	1,918	5,380	1,797	7,113	18,293
1990 06	728	3,829	9,201	403	2,321	5,182	1,324	8,437	17,597
1990 07	915	4,744	9,122	509	2,830	5,129	1,630	10,067	17,619
1990 08	936	5,680	8,981	546	3,376	5,148	1,546	11,613	17,435
1990 09	815	6,495	8,835	420	3,796	5,052	1,325	12,938	17,314
1990 10	733	7,228	8,704	406	4,202	5,042	1,057	13,995	16,938
1990 11	770	7,998	8,725	453	4,655	5,009	1,409	15,404	17,030
1990 12	748	8,746	8,746	453	5,108	5,108	1,607	17,011	17,011
1991 01	758	758	8,930	553	553	5,265	1,576	1,576	17,306
1991 02	612	1,370	9,073	497	1,050	5,519	1,132	2,708	17,205
1991 03	604	1,974	9,138	436	1,486	5,647	1,535	4,243	17,378
1991 04	742	2,716	9,214	431	1,917	5,655	1,822	6,065	17,760
1991 05	931	3,647	9,292	445	2,362	5,552	1,507	7,572	17,470
1991 06	881	4,528	9,445	370	2,732	5,519	1,457	9,029	17,603
1991 07	833	5,361	9,363	337	3,069	5,347	1,365	10,394	17,338
1991 08	872	6,233	9,299	349	3,418	5,150	1,568	11,962	17,360
1991 09	509	6,742	8,993	202	3,620	4,932	1,314	13,276	17,349
1991 10	748	7,490	9,008	346	3,966	4,872	1,531	14,807	17,823
1991 11	639	8,129	8,877	413	4,379	4,832	1,381	16,188	17,795
1991 12	608	8,737	8,737	312	4,691	4,691	1,569	17,757	17,757
1992 01	565	565	8,544	435	435	4,573	1,477	1,477	17,658
1992 02	494	1,059	8,426	512	947	4,588	1,363	2,840	17,889
1992 03	537	1,596	8,359	470	1,417	4,622	1,848	4,688	18,202
1992 04	691	2,287	8,308	379	1,796	4,570	1,585	6,273	17,965
1992 05	748	3,035	8,125	427	2,223	4,552	1,641	7,914	18,099
1992 06	864	3,899	8,108	426	2,649	4,608	1,640	9,554	18,282
1992 07	893	4,792	8,168	527	3,176	4,798	1,994	11,548	18,911
1992 08	757	5,549	8,053	515	3,691	4,964	1,723	13,271	19,066
1992 09	749	6,298	8,293	488	4,179	5,250	1,751	15,022	19,503
1992 10	743	7,041	8,288	472	4,651	5,376	1,974	16,996	19,946
1992 11	843	7,884	8,492	558	5,209	5,521	1,851	18,847	20,416
1992 12	946	8,830	8,830	541	5,750	5,750	1,907	20,754	20,754
1993 01	547	547	8,812	401	401	5,716	1,846	1,846	21,123
1993 02	576	1,123	8,894	515	916	5,719	1,786	3,632	21,546
1993 03	782	1,905	9,139	527	1,443	5,776	2,174	5,806	21,872
1993 04	918	2,823	9,366	369	1,812	5,766	1,728	7,534	22,015
1993 05	811	3,634	9,429	415	2,227	5,754	1,635	9,169	22,009
1993 06	868	4,502	9,433	437	2,664	5,765	1,913	11,082	22,282
1993 07	920	5,422	9,460	486	3,150	5,724	1,993	13,075	22,281
1993 08	850	6,272	9,553	412	3,562	5,621	2,220	15,295	22,778
1993 09	891	7,163	9,695	488	4,050	5,621	2,032	17,327	23,059
1993 10	715	7,878	9,667	478	4,528	5,627	2,020	19,347	23,105
1993 11	697	8,575	9,521	476	5,004	5,545	1,944	21,291	23,198
1993 12	791	9,366	9,366	441	5,445	5,445	2,146	23,437	23,437
1994 01	545	545	9,364	437	437	5,481	1,716	1,716	23,307
1994 02	584	1,129	9,372	391	828	5,357	1,772	3,488	23,293
1994 03	700	1,829	9,290	488	1,316	5,318	2,126	5,614	23,245
1994 04	948	2,777	9,320	533	1,849	5,482	2,128	7,742	23,645
1994 05	1,089	3,866	9,598	600	2,449	5,667	2,128	9,870	24,138
1994 06	1,030	4,896	9,760	573	3,022	5,803	2,019	11,889	24,244

TABELA A.1.2 (continuação)  
 Exportação: Categorias  
 US\$ milhões

Período	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS		
	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
1994 07	1,047	5,943	9,887	590	3,612	5,907	2,041	13,930	24,292
1994 08	1,161	7,104	10,198	708	4,320	6,203	2,351	16,281	24,423
1994 09	1,137	8,241	10,444	673	4,993	6,388	2,290	18,571	24,681
1994 10	1,023	9,264	10,752	653	5,646	6,563	2,110	20,681	24,771
1994 11	930	10,194	10,985	570	6,216	6,657	2,162	22,843	24,989
1994 12	864	11,058	11,058	677	6,893	6,893	2,116	24,959	24,959
1995 01	632	632	11,145	584	584	7,040	1,724	1,724	24,967
1995 02	634	1,266	11,195	503	1,087	7,152	1,755	3,479	24,950
1995 03	867	2,133	11,362	633	1,720	7,297	2,241	5,720	25,065
1995 04	904	3,037	11,318	569	2,289	7,333	1,829	7,549	24,766
1995 05	1,121	4,158	11,350	775	3,064	7,508	2,238	9,787	24,876
1995 06	1,100	5,258	11,420	739	3,803	7,674	2,152	11,939	25,009
1995 07	1,026	6,284	11,399	892	4,695	7,976	1,993	13,932	24,961
1995 08	1,084	7,368	11,322	1,005	5,700	8,273	2,410	16,342	25,020
1995 09	958	8,326	11,143	803	6,503	8,403	2,354	18,696	25,084
1995 10	957	9,283	11,077	986	7,489	8,736	2,400	21,096	25,374
1995 11	845	10,128	10,992	882	8,371	9,048	2,260	23,356	25,472
1995 12	841	10,969	10,969	775	9,146	9,146	2,209	25,565	25,565
1996 01	665	665	11,002	765	765	9,327	1,934	1,934	25,775
1996 02	653	1,318	11,021	632	1,397	9,456	2,071	4,005	26,091
1996 03	679	1,997	10,833	556	1,953	9,379	2,071	6,076	25,921
1996 04	1,195	3,192	11,124	721	2,674	9,531	2,290	8,366	26,382
1996 05	1,251	4,443	11,254	741	3,415	9,497	2,422	10,788	26,566
1996 06	1,136	5,579	11,290	668	4,083	9,426	1,984	12,772	26,398
1996 07	1,228	6,807	11,492	804	4,887	9,338	2,364	15,136	26,769
1996 08	1,201	8,008	11,609	793	5,680	9,126	2,340	17,476	26,699
1996 09	1,078	9,086	11,729	783	6,463	9,106	2,201	19,677	26,546
1996 10	1,108	10,194	11,880	764	7,227	8,884	2,267	21,944	26,413
1996 11	915	11,109	11,950	735	7,962	8,737	2,185	24,129	26,338
1996 12	791	11,900	11,900	650	8,612	8,612	2,284	26,413	26,413
1997 01	834	834	12,069	766	766	8,613	2,020	2,020	26,499
1997 02	646	1,480	12,062	518	1,284	8,499	1,906	3,926	26,334
1997 03	1,112	2,592	12,495	564	1,848	8,507	2,078	6,004	26,341
1997 04	1,612	4,204	12,912	719	2,567	8,505	2,240	8,244	26,291
1997 05	1,677	5,881	13,338	647	3,214	8,411	2,261	10,505	26,130
1997 06	1,638	7,519	13,840	701	3,915	8,444	2,430	12,935	26,576
1997 07	1,733	9,252	14,345	806	4,721	8,446	2,637	15,572	26,849
1997 08	1,408	10,660	14,552	794	5,515	8,447	2,793	18,365	27,302
1997 09	1,124	11,784	14,598	767	6,282	8,431	2,619	20,984	27,720
1997 10	1,053	12,837	14,543	750	7,032	8,417	2,927	23,911	28,380
1997 11	808	13,645	14,436	632	7,664	8,314	2,475	26,386	28,670
1997 12	829	14,474	14,474	813	8,477	8,477	2,804	29,190	29,190
1998 01	897	897	14,537	804	804	8,515	2,139	2,139	29,309
1998 02	700	1,597	14,591	592	1,396	8,589	2,378	4,517	29,781
1998 03	954	2,551	14,433	655	2,051	8,680	2,609	7,126	30,312
1998 04	1,331	3,882	14,152	694	2,745	8,655	2,483	9,609	30,555
1998 05	1,394	5,276	13,869	611	3,356	8,619	2,538	12,147	30,832
1998 06	1,421	6,697	13,652	779	4,135	8,697	2,619	14,766	31,021
1998 07	1,366	8,063	13,285	801	4,936	8,692	2,752	17,518	31,136
1998 08	1,108	9,171	12,985	564	5,500	8,462	2,267	19,785	30,610
1998 09	1,211	10,382	13,072	702	6,202	8,397	2,573	22,358	30,564
1998 10	954	11,336	12,973	666	6,868	8,313	2,343	24,701	29,980
1998 11	793	12,129	12,958	593	7,461	8,274	2,266	26,967	29,771
1998 12	841	12,970	12,970	666	8,127	8,127	2,399	29,366	29,366

TABELA A.1.2 (continuação)  
Exportação: Categorias  
US\$ milhões

Período	BÁSICOS			SEMIMANUFATURADOS			MANUFATURADOS		
	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses	Mensal	Acumulado no Ano	Acumulado em 12 meses
1999 01	667	667	12,740	575	575	7,898	1,654	1,654	28,881
1999 02	741	1,408	12,781	573	1,148	7,879	1,914	3,568	28,417
1999 03	861	2,269	12,688	632	1,780	7,856	2,234	5,802	28,042
1999 04	989	3,258	12,346	558	2,338	7,720	2,094	7,896	27,653
1999 05	1,295	4,553	12,247	688	3,026	7,797	2,320	10,216	27,435
1999 06	1,150	5,703	11,976	702	3,728	7,720	2,393	12,609	27,209
1999 07	1,137	6,840	11,747	645	4,373	7,564	2,248	14,857	26,705
1999 08	1,106	7,946	11,745	649	5,022	7,649	2,453	17,310	26,891
1999 09	1,054	9,000	11,588	684	5,706	7,631	2,391	19,701	26,709
1999 10	988	9,988	11,622	747	6,453	7,712	2,502	22,203	26,868
1999 11	882	10,870	11,711	663	7,116	7,782	2,365	24,568	26,967
1999 12	958	11,828	11,828	866	7,982	7,982	2,761	27,329	27,329
2000 01	709	709	11,870	654	654	8,061	2,027	2,027	27,702
2000 02	706	1,415	11,835	748	1,402	8,236	2,573	4,600	28,361
2000 03	883	2,298	11,857	697	2,099	8,301	2,826	7,426	28,953
2000 04	1,084	3,382	11,952	603	2,702	8,346	2,418	9,844	29,277
2000 05	1,328	4,710	11,985	685	3,387	8,343	2,747	12,591	29,704
2000 06	1,251	5,961	12,086	669	4,056	8,310	2,811	15,402	30,122
2000 07	1,290	7,251	12,239	749	4,805	8,414	2,864	18,266	30,738
2000 08	1,407	8,658	12,540	793	5,598	8,558	3,038	21,304	31,323
2000 09	999	9,657	12,485	718	6,316	8,592	2,915	24,219	31,847
2000 10	1,057	10,714	12,554	694	7,010	8,539	2,809	27,028	32,154
2000 11	1,027	11,741	12,699	733	7,743	8,609	2,538	29,566	32,327
2000 12	820	12,561	12,561	756	8,499	8,499	2,962	32,528	32,528
2001 01	1,006	1,006	12,858	852	852	8,697	2,439	2,439	32,940
2001 02	845	1,851	12,997	600	1,452	8,549	2,455	4,894	32,822
2001 03	1,106	2,957	13,220	723	2,175	8,575	3,129	8,023	33,125
2001 04	1,288	4,245	13,424	560	2,735	8,532	2,756	10,779	33,463
2001 05	1,600	5,845	13,696	635	3,370	8,482	3,027	13,806	33,743
2001 06	1,583	7,428	14,028	562	3,932	8,375	2,796	16,602	33,728
2001 07	1,490	8,918	14,228	665	4,597	8,291	2,736	19,338	33,600
2001 08	1,593	10,511	14,414	839	5,436	8,337	2,982	22,320	33,544
2001 09	1,383	11,894	14,798	647	6,083	8,266	2,576	24,896	33,205
2001 10	1,361	13,255	15,102	783	6,866	8,355	2,776	27,672	33,172

TABELA A.1.3  
 Alguns Indicadores  
 US\$ bilhões (FOB)

Período	Exportação (A)	% Exportação	PIB (B)	% PIB real	(A) / (B)	Exportação Mundial (C)	% Exportação Mundial	Market-Share (A) / (C)
1980	20.1	32.4	237.8	9.2	8.5	1,941	19.4	1.04
1981	23.3	15.7	258.6	(4.3)	9.0	1,924	-0.9	1.21
1982	20.2	-13.4	271.3	0.8	7.4	1,766	-8.2	1.14
1983	21.9	8.5	189.5	(2.9)	11.6	1,735	-1.8	1.26
1984	27.0	23.3	189.7	5.4	14.2	1,841	6.1	1.47
1985	25.6	-5.1	211.1	7.9	12.1	1,872	1.7	1.37
1986	22.3	-12.8	257.8	7.5	8.7	2,046	9.3	1.09
1987	26.2	17.3	282.4	3.6	9.3	2,401	17.3	1.09
1988	33.8	28.8	305.7	(0.1)	11.1	2,742	14.2	1.23
1989	34.4	1.8	415.9	3.2	8.3	2,982	8.7	1.15
1990	31.4	-8.6	469.3	(5.1)	6.7	3,395	13.9	0.93
1991	31.6	0.7	405.7	1.3	7.8	3,499	3.0	0.90
1992	35.8	13.2	387.3	(0.3)	9.2	3,708	6.0	0.97
1993	38.6	7.7	429.7	4.4	9.0	3,707	0.0	1.04
1994	43.5	12.9	543.1	5.6	8.0	4,188	13.0	1.04
1995	46.5	6.8	705.4	4.2	6.6	5,036	20.2	0.92
1996	47.7	2.7	775.4	2.7	6.2	5,274	4.7	0.91
1997	53.0	11.0	801.7	3.3	6.6	5,475	3.8	0.97
1998	51.1	-3.5	787.5	0.2	6.5	5,356	-2.2	0.95
1999	48.0	-6.1	529.4	0.8	9.1	5,547	3.6	0.87
2000	55.1	14.7	589.0	4.2	9.4	6,247	12.6	0.88

FONTE: Secex

TABELA A.1.4  
Índices de Preço e Quantum das Exportações  
Base: 1996 = 100

Período	Total		Básicos		Semi Manufaturados		Manufaturados	
	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum	Preço	Quantum
1980	93.6	45.1	105.9	65.8	107.3	26.2	82.6	41.4
1981	90.2	54.1	94.8	77.2	96.2	26.3	85.4	52.7
1982	85.7	49.3	90.5	74.7	81.5	21.1	83.0	46.8
1983	81.4	56.3	89.3	78.5	77.4	27.6	76.6	55.8
1984	84.2	67.1	90.2	79.2	92.9	37.0	78.6	73.0
1985	78.3	68.6	79.7	87.9	83.7	39.4	75.8	70.3
1986	81.1	57.7	99.2	60.3	79.9	37.3	71.7	65.6
1987	81.3	67.6	82.8	79.5	87.6	43.4	78.5	71.7
1988	90.5	78.2	91.3	84.7	107.5	54.5	85.7	84.8
1989	92.6	77.8	89.8	87.3	110.5	62.9	88.4	79.9
1990	90.6	72.7	81.7	87.9	97.3	62.9	92.6	69.6
1991	88.9	74.5	83.0	86.4	88.7	63.3	90.9	74.0
1992	86.0	87.2	78.9	91.9	85.4	80.6	88.9	88.4
1993	79.5	101.6	76.8	100.1	81.0	80.5	80.2	110.7
1994	88.0	103.7	88.3	102.8	92.8	88.9	86.3	109.6
1995	100.0	97.4	92.3	97.6	114.9	95.3	99.4	97.5
1996	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
1997	100.7	110.2	108.0	112.6	98.5	99.9	98.1	112.7
1998	93.9	114.0	90.7	120.2	91.0	103.5	96.8	115.0
1999	81.9	122.8	76.1	130.6	76.6	121.0	86.3	119.9
2000	84.6	136.4	74.5	141.7	87.7	112.6	87.8	140.4
2001*	82.5	147.5	69.8	183.7	81.3	112.0	87.9	143.6

\* julho

FONTE: Funcex

TABELA A.1.5  
Exportações segundo Blocos Econômicos  
US\$ milhões

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	3,510	6,562	2,988	1,811	1,177	241	1,221	881	1,987	1,313	117	1,053
1981	4,111	6,825	3,565	1,703	1,862	223	1,559	992	2,266	1,963	153	1,280
1982	4,034	6,370	2,537	1,128	1,409	193	1,001	1,067	2,234	1,390	161	947
1983	5,063	6,828	1,883	992	891	197	1,278	1,391	2,769	1,238	164	808
1984	7,708	7,432	2,541	1,321	1,220	268	1,153	1,196	3,139	1,976	229	1,074
1985	6,955	7,397	2,005	990	1,016	270	919	1,224	3,174	2,022	186	1,213
1986	6,304	6,376	2,361	1,169	1,192	279	721	968	2,973	943	161	1,096
1987	7,324	7,493	2,799	1,386	1,412	312	1,073	1,247	3,326	1,059	174	1,239
1988	8,989	10,257	3,424	1,636	1,788	282	901	1,315	5,114	1,121	278	1,788
1989	8,041	10,354	3,033	1,359	1,674	276	870	1,164	5,502	963	332	2,924
1990	7,717	10,219	2,685	1,318	1,367	328	648	1,076	5,267	1,012	233	1,729
1991	6,284	10,133	4,167	2,302	1,865	230	367	1,124	5,699	1,036	246	1,835
1992	7,058	10,774	6,479	4,097	2,382	221	377	1,293	5,578	1,137	237	2,118
1993	8,013	10,187	8,133	5,381	2,752	272	529	1,243	6,104	1,111	255	2,112
1994	8,918	12,168	8,674	5,909	2,765	378	533	1,075	7,039	1,347	291	1,908
1995	8,723	12,856	9,431	6,134	3,296	454	983	1,278	8,178	1,582	350	1,381
1996	9,145	12,799	10,233	7,299	2,934	500	1,055	1,343	7,803	1,521	296	2,414
1997	9,372	14,480	12,752	9,037	3,715	375	1,312	1,454	7,721	1,513	292	2,908
1998	9,836	14,712	12,308	8,872	3,435	357	1,162	1,610	5,607	1,646	210	3,044
1999	10,808	13,691	9,412	6,771	2,641	383	1,174	1,495	5,726	1,331	269	2,899
2000	13,098	14,730	11,078	7,724	3,355	749	972	1,337	6,320	1,341	375	4,012
2001 jul	7,994	8,804	7,396	4,152	3,244	423	919	1,012	3,897	928	175	1,306
2001 set	10,453	11,322	9,361	5,100	4,261	540	1,229	1,455	5,305	1,364	210	1,633

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.6  
Exportação de Básicos segundo Blocos Econômicos  
US\$ milhões

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	1,404	4,090	267	232	35	146	868	325	1,009	151	7	222
1981	1,296	4,015	331	199	132	111	1,155	477	1,077	221	9	228
1982	1,202	3,742	312	179	133	122	837	434	1,207	148	12	222
1983	1,017	4,182	252	140	113	141	1,028	312	1,172	222	9	198
1984	1,301	4,280	279	164	115	176	778	385	1,030	249	12	217
1985	1,244	4,448	214	155	59	192	530	385	1,085	199	10	231
1986	979	3,563	269	195	74	194	540	346	1,021	138	12	217
1987	1,019	3,718	268	178	90	200	899	330	1,179	224	10	173
1988	1,106	4,861	306	172	134	161	697	448	1,334	247	15	236
1989	613	4,405	261	183	78	80	670	282	1,539	192	21	1,486
1990	987	4,426	242	172	70	130	469	269	1,612	251	25	334
1991	928	4,445	333	232	100	105	281	352	1,713	253	21	307
1992	871	4,776	377	303	74	93	207	407	1,612	208	29	250
1993	861	4,781	466	378	88	107	238	512	1,657	181	38	526
1994	976	6,128	445	361	84	167	282	512	1,925	229	33	362
1995	966	5,637	495	412	83	140	369	490	2,134	259	33	447
1996	1,008	6,030	596	508	87	125	327	576	2,589	169	38	443
1997	1,149	7,755	645	551	94	150	308	605	3,083	234	41	504
1998	957	6,766	691	583	108	125	294	597	2,621	243	32	642
1999	1,086	6,121	556	435	121	161	228	640	2,313	201	26	497
2000	937	6,277	647	453	194	198	255	686	2,681	249	27	603
2001 jul	470	4,360	534	266	268	107	330	600	2,000	186	10	323
2001 set	617	5,749	683	324	359	140	432	856	2,752	260	12	392

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC



TABELA A.1.7  
Exportação de Semimanufaturados segundo Blocos Econômicos  
US\$ milhões

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	431	631	172	125	47	28	196	132	543	142	5	69
1981	338	548	154	84	70	37	204	113	503	165	12	41
1982	245	447	122	85	37	13	58	86	318	106	9	27
1983	408	447	115	72	42	6	72	60	544	73	12	46
1984	649	571	263	147	116	4	207	128	828	70	20	133
1985	701	716	124	44	80	7	193	73	712	79	16	136
1986	728	632	90	55	35	8	81	43	741	49	9	110
1987	830	803	117	66	51	9	80	96	987	35	34	185
1988	1,115	1,452	232	159	72	8	95	90	1,478	60	39	323
1989	927	1,708	170	54	116	53	93	127	1,741	98	42	847
1990	851	1,446	97	39	59	64	85	131	1,715	108	20	590
1991	854	1,485	188	80	107	7	17	108	1,730	73	43	187
1992	913	1,621	194	103	91	14	54	130	1,863	125	15	821
1993	1,019	1,386	244	157	87	3	123	166	2,038	229	14	224
1994	1,378	1,530	313	239	74	115	38	130	2,897	194	16	280
1995	1,811	2,004	360	238	122	222	221	257	3,565	434	21	252
1996	1,926	1,869	318	228	90	268	274	373	2,726	454	13	390
1997	2,037	1,924	429	315	114	99	341	316	2,631	307	16	377
1998	1,963	2,274	390	291	99	46	450	561	1,656	320	12	456
1999	2,088	1,986	283	206	77	59	653	490	1,915	205	22	280
2000	2,447	2,552	275	193	82	191	362	282	1,892	165	18	315
2001 jul	1,138	1,324	225	148	78	74	396	118	1,064	122	8	128
2001 set	1,479	1,663	287	174	113	89	562	185	1,445	192	10	173

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.8  
 Exportação de Manufaturados segundo Blocos Econômicos  
 US\$ milhões

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	1,674	1,841	2,549	1,454	1,095	67	157	424	436	1,021	104	753
1981	2,477	2,262	3,080	1,420	1,660	75	199	402	686	1,577	133	992
1982	2,587	2,181	2,103	864	1,239	57	105	547	709	1,135	140	688
1983	3,639	2,199	1,516	780	737	50	178	1,018	1,052	943	143	538
1984	5,758	2,581	1,999	1,009	990	88	168	684	1,281	1,658	197	718
1985	5,009	2,234	1,667	791	877	71	196	765	1,377	1,743	160	840
1986	4,598	2,181	2,002	919	1,083	77	100	579	1,211	756	140	760
1987	5,475	2,973	2,413	1,143	1,270	103	94	821	1,160	799	129	872
1988	6,767	3,945	2,886	1,305	1,582	113	110	776	2,302	814	223	1,250
1989	6,501	4,240	2,601	1,122	1,480	143	106	756	2,221	673	268	1,124
1990	5,879	4,348	2,345	1,107	1,239	134	95	675	1,940	653	188	755
1991	4,502	4,204	3,646	1,989	1,657	118	70	664	2,256	710	182	1,406
1992	5,274	4,377	5,908	3,691	2,217	114	115	756	2,104	805	192	1,109
1993	6,133	4,021	7,424	4,847	2,577	162	167	564	2,410	701	204	1,651
1994	6,563	4,510	7,916	5,309	2,607	97	212	433	2,217	924	243	1,845
1995	5,947	5,214	8,576	5,485	3,092	92	393	531	2,479	889	297	1,146
1996	6,211	4,901	9,319	6,562	2,757	106	454	394	2,488	898	245	1,397
1997	6,186	4,801	11,678	8,170	3,508	126	664	534	2,007	972	234	1,989
1998	6,916	5,671	11,226	7,998	3,228	185	417	452	1,330	1,084	167	1,918
1999	7,635	5,584	8,573	6,129	2,444	164	293	365	1,497	924	221	2,073
2000	9,714	5,901	10,156	7,078	3,078	361	354	369	1,746	926	330	2,670
2001 jul	6,386	3,120	6,637	3,739	2,898	242	193	294	833	620	157	856
2001 set	8,357	3,910	8,391	4,602	3,789	311	235	414	1,108	912	188	1,068

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.9  
Crescimento das Exportações Totais por Bloco de Destino

Período	Total	Estados Unidos <sup>(1)</sup>	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC <sup>(2)</sup>	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia <sup>(3)</sup>	África	Oceania
<b>1980-1990</b>	<b>4.5</b>	<b>8.2</b>	<b>4.5</b>	<b>(1.1)</b>	<b>(3.1)</b>	<b>1.5</b>	<b>3.1</b>	<b>(6.1)</b>	<b>2.0</b>	<b>10.2</b>	<b>(2.6)</b>	<b>7.2</b>
1980-1985	5.0	14.7	2.4	(7.7)	(11.4)	(2.9)	2.3	(5.5)	6.8	9.8	9.0	9.8
1985-1990	4.1	2.1	6.7	6.0	5.9	6.1	3.9	(6.7)	(2.5)	10.7	(12.9)	4.6
<b>1990-2000</b>	<b>5.8</b>	<b>5.4</b>	<b>3.7</b>	<b>15.2</b>	<b>19.3</b>	<b>9.4</b>	<b>8.6</b>	<b>4.1</b>	<b>2.2</b>	<b>1.8</b>	<b>2.9</b>	<b>4.9</b>
1990-1995	8.2	2.5	4.7	28.6	36.0	19.2	6.7	8.7	3.5	9.2	9.3	8.5
1995-2000	3.4	8.5	2.8	3.3	4.7	0.4	10.5	(0.2)	0.9	(5.0)	(3.3)	1.4
<b>1980-2000</b>	<b>5.2</b>	<b>6.8</b>	<b>4.1</b>	<b>6.8</b>	<b>7.5</b>	<b>5.4</b>	<b>5.8</b>	<b>(1.1)</b>	<b>2.1</b>	<b>6.0</b>	<b>0.1</b>	<b>6.0</b>

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

TABELA A.1.10  
Crescimento dos produtos Básicos por Bloco de Destino

Período	Estados Unidos <sup>(1)</sup>	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC <sup>(2)</sup>	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia <sup>(3)</sup>	África	Oceania	Demais Países <sup>(4)</sup>
<b>1980-1990</b>	<b>(3.5)</b>	<b>0.8</b>	<b>(1.0)</b>	<b>(2.9)</b>	<b>7.1</b>	<b>(1.2)</b>	<b>(6.0)</b>	<b>(1.8)</b>	<b>4.8</b>	<b>5.2</b>	<b>13.1</b>	<b>4.2</b>
1980-1985	(2.4)	1.7	(4.4)	(7.8)	10.9	5.5	(9.4)	3.5	1.5	5.7	6.4	0.8
1985-1990	(4.5)	(0.1)	2.5	2.2	3.4	(7.5)	(2.4)	(6.9)	8.2	4.8	20.1	7.7
<b>1990-2000</b>	<b>(0.5)</b>	<b>3.6</b>	<b>10.3</b>	<b>10.1</b>	<b>10.7</b>	<b>4.3</b>	<b>(5.9)</b>	<b>9.8</b>	<b>5.2</b>	<b>(0.1)</b>	<b>0.8</b>	<b>6.1</b>
1990-1995	(0.4)	5.0	15.3	19.1	3.4	1.5	(4.7)	12.7	5.8	0.6	5.4	6.0
1995-2000	(0.6)	2.2	5.5	1.9	18.6	7.2	(7.1)	7.0	4.7	(0.8)	(3.5)	6.2
<b>1980-2000</b>	<b>(2.0)</b>	<b>2.2</b>	<b>4.5</b>	<b>3.4</b>	<b>8.9</b>	<b>1.5</b>	<b>(5.9)</b>	<b>3.8</b>	<b>5.0</b>	<b>2.5</b>	<b>6.8</b>	<b>5.1</b>

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

TABELA A.1.11  
Crescimento dos produtos Semimanufaturados por Bloco de Destino

Período	Estados Unidos <sup>(1)</sup>	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC <sup>(2)</sup>	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia <sup>(3)</sup>	África	Oceania	Demais Países <sup>(4)</sup>
<b>1980-1990</b>	<b>7.0</b>	<b>8.6</b>	<b>(5.5)</b>	<b>(11.0)</b>	<b>2.3</b>	<b>8.8</b>	<b>(8.0)</b>	<b>(0.1)</b>	<b>12.2</b>	<b>(2.7)</b>	<b>15.0</b>	<b>23.9</b>
1980-1985	10.2	2.5	(6.4)	(18.8)	11.2	(23.2)	(0.4)	(11.1)	5.6	(11.0)	26.7	14.6
1985-1990	3.9	15.1	(4.7)	(2.6)	(6.0)	54.0	(15.0)	12.3	19.2	6.3	4.4	34.1
<b>1990-2000</b>	<b>11.1</b>	<b>5.8</b>	<b>10.9</b>	<b>17.4</b>	<b>3.5</b>	<b>11.6</b>	<b>15.5</b>	<b>8.0</b>	<b>1.0</b>	<b>4.4</b>	<b>(0.8)</b>	<b>(6.1)</b>
1990-1995	16.3	6.8	29.8	43.6	15.8	28.2	20.9	14.4	15.8	32.1	1.3	(15.7)
1995-2000	6.2	4.9	(5.2)	(4.1)	(7.5)	(3.0)	10.4	1.9	(11.9)	(17.6)	(2.7)	4.6
<b>1980-2000</b>	<b>9.1</b>	<b>7.2</b>	<b>2.4</b>	<b>2.2</b>	<b>2.9</b>	<b>10.2</b>	<b>3.1</b>	<b>3.9</b>	<b>6.4</b>	<b>0.8</b>	<b>6.8</b>	<b>7.9</b>

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.12  
Crescimento dos produtos Manufaturados por Bloco de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
<b>1980-1990</b>	<b>13.4</b>	<b>9.0</b>	<b>(0.8)</b>	<b>(2.7)</b>	<b>1.2</b>	<b>7.1</b>	<b>(5.0)</b>	<b>4.8</b>	<b>16.1</b>	<b>(4.4)</b>	<b>6.1</b>	<b>0.0</b>
1980-1985	24.5	3.9	(8.1)	(11.5)	(4.3)	1.1	4.5	12.5	25.9	11.3	8.9	2.2
1985-1990	3.3	14.2	7.1	7.0	7.2	13.4	(13.5)	(2.5)	7.1	(17.8)	3.3	(2.1)
<b>1990-2000</b>	<b>5.2</b>	<b>3.1</b>	<b>15.8</b>	<b>20.4</b>	<b>9.5</b>	<b>10.4</b>	<b>14.1</b>	<b>(5.9)</b>	<b>(1.0)</b>	<b>3.6</b>	<b>5.8</b>	<b>13.5</b>
1990-1995	0.2	3.7	29.6	37.7	20.1	(7.1)	33.0	(4.7)	5.0	6.4	9.6	8.7
1995-2000	10.3	2.5	3.4	5.2	(0.1)	31.3	(2.1)	(7.1)	(6.8)	0.8	2.1	18.4
<b>1980-2000</b>	<b>9.2</b>	<b>6.0</b>	<b>7.2</b>	<b>8.2</b>	<b>5.3</b>	<b>8.7</b>	<b>4.1</b>	<b>(0.7)</b>	<b>7.2</b>	<b>(0.5)</b>	<b>5.9</b>	<b>6.5</b>

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

TABELA A.1.13  
Exportações Totais: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	17.4%	32.6%	14.8%	9.0%	5.8%	1.2%	6.1%	4.4%	9.9%	6.5%	0.6%	5.2%
1981	17.7%	29.3%	15.3%	7.3%	8.0%	1.0%	6.7%	4.3%	9.7%	8.4%	0.7%	5.5%
1982	20.0%	31.6%	12.6%	5.6%	7.0%	1.0%	5.0%	5.3%	11.1%	6.9%	0.8%	4.7%
1983	23.1%	31.2%	8.6%	4.5%	4.1%	0.9%	5.8%	6.4%	12.6%	5.7%	0.7%	3.7%
1984	28.5%	27.5%	9.4%	4.9%	4.5%	1.0%	4.3%	4.4%	11.6%	7.3%	0.8%	4.0%
1985	27.1%	28.9%	7.8%	3.9%	4.0%	1.1%	3.6%	4.8%	12.4%	7.9%	0.7%	4.7%
1986	28.2%	28.5%	10.6%	5.2%	5.3%	1.2%	3.2%	4.3%	13.3%	4.2%	0.7%	4.9%
1987	27.9%	28.6%	10.7%	5.3%	5.4%	1.2%	4.1%	4.8%	12.7%	4.0%	0.7%	4.7%
1988	26.6%	30.4%	10.1%	4.8%	5.3%	0.8%	2.7%	3.9%	15.1%	3.3%	0.8%	5.3%
1989	23.4%	30.1%	8.8%	4.0%	4.9%	0.8%	2.5%	3.4%	16.0%	2.8%	1.0%	8.5%
1990	24.6%	32.5%	8.5%	4.2%	4.4%	1.0%	2.1%	3.4%	16.8%	3.2%	0.7%	5.5%
1991	19.9%	32.0%	13.2%	7.3%	5.9%	0.7%	1.2%	3.6%	18.0%	3.3%	0.8%	5.8%
1992	19.7%	30.1%	18.1%	11.4%	6.7%	0.6%	1.1%	3.6%	15.6%	3.2%	0.7%	5.9%
1993	20.8%	26.4%	21.1%	14.0%	7.1%	0.7%	1.4%	3.2%	15.8%	2.9%	0.7%	5.5%
1994	20.5%	27.9%	19.9%	13.6%	6.3%	0.9%	1.2%	2.5%	16.2%	3.1%	0.7%	4.4%
1995	18.8%	27.6%	20.3%	13.2%	7.1%	1.0%	2.1%	2.7%	17.6%	3.4%	0.8%	3.0%
1996	19.2%	26.8%	21.4%	15.3%	6.1%	1.0%	2.2%	2.8%	16.3%	3.2%	0.6%	5.1%
1997	17.7%	27.3%	24.1%	17.1%	7.0%	0.7%	2.5%	2.7%	14.6%	2.9%	0.6%	5.5%
1998	19.2%	28.8%	24.1%	17.4%	6.7%	0.7%	2.3%	3.1%	11.0%	3.2%	0.4%	6.0%
1999	22.5%	28.5%	19.6%	14.1%	5.5%	0.8%	2.4%	3.1%	11.9%	2.8%	0.6%	6.0%
2000	23.8%	26.7%	20.1%	14.0%	6.1%	1.4%	1.8%	2.4%	11.5%	2.4%	0.7%	7.3%
2001 jul	23.6%	26.0%	21.8%	12.3%	9.6%	1.2%	2.7%	3.0%	11.5%	2.7%	0.5%	3.9%
2001 set	24.4%	26.4%	21.8%	11.9%	9.9%	1.3%	2.9%	3.4%	12.4%	3.2%	0.5%	3.8%

(1) Inclusive Porto Rico.

(2) Associação Européia de Livre Comércio.

(3) Exclusive Oriente Médio.

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.

TABELA A.1.14  
Básicos: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	16.5%	48.2%	3.1%	2.7%	0.4%	1.7%	10.2%	3.8%	11.9%	1.8%	0.1%	2.6%
1981	14.5%	45.0%	3.7%	2.2%	1.5%	1.2%	13.0%	5.3%	12.1%	2.5%	0.1%	2.6%
1982	14.6%	45.4%	3.8%	2.2%	1.6%	1.5%	10.2%	5.3%	14.7%	1.8%	0.1%	2.7%
1983	11.9%	49.0%	3.0%	1.6%	1.3%	1.7%	12.0%	3.7%	13.7%	2.6%	0.1%	2.3%
1984	14.9%	49.2%	3.2%	1.9%	1.3%	2.0%	8.9%	4.4%	11.8%	2.9%	0.1%	2.5%
1985	14.6%	52.1%	2.5%	1.8%	0.7%	2.2%	6.2%	4.5%	12.7%	2.3%	0.1%	2.7%
1986	13.4%	48.9%	3.7%	2.7%	1.0%	2.7%	7.4%	4.8%	14.0%	1.9%	0.2%	3.0%
1987	12.7%	46.3%	3.3%	2.2%	1.1%	2.5%	11.2%	4.1%	14.7%	2.8%	0.1%	2.2%
1988	11.8%	51.6%	3.3%	1.8%	1.4%	1.7%	7.4%	4.8%	14.2%	2.6%	0.2%	2.5%
1989	6.4%	46.1%	2.7%	1.9%	0.8%	0.8%	7.0%	2.9%	16.1%	2.0%	0.2%	15.6%
1990	11.3%	50.6%	2.8%	2.0%	0.8%	1.5%	5.4%	3.1%	18.4%	2.9%	0.3%	3.8%
1991	10.6%	50.9%	3.8%	2.7%	1.1%	1.2%	3.2%	4.0%	19.6%	2.9%	0.2%	3.5%
1992	9.9%	54.1%	4.3%	3.4%	0.8%	1.1%	2.3%	4.6%	18.3%	2.4%	0.3%	2.8%
1993	9.2%	51.0%	5.0%	4.0%	0.9%	1.1%	2.5%	5.5%	17.7%	1.9%	0.4%	5.6%
1994	8.8%	55.4%	4.0%	3.3%	0.8%	1.5%	2.6%	4.6%	17.4%	2.1%	0.3%	3.3%
1995	8.8%	51.4%	4.5%	3.8%	0.8%	1.3%	3.4%	4.5%	19.5%	2.4%	0.3%	4.1%
1996	8.5%	50.7%	5.0%	4.3%	0.7%	1.1%	2.7%	4.8%	21.8%	1.4%	0.3%	3.7%
1997	7.9%	53.6%	4.5%	3.8%	0.6%	1.0%	2.1%	4.2%	21.3%	1.6%	0.3%	3.5%
1998	7.4%	52.2%	5.3%	4.5%	0.8%	1.0%	2.3%	4.6%	20.2%	1.9%	0.2%	5.0%
1999	9.2%	51.7%	4.7%	3.7%	1.0%	1.4%	1.9%	5.4%	19.6%	1.7%	0.2%	4.2%
2000	7.5%	50.0%	5.1%	3.6%	1.5%	1.6%	2.0%	5.5%	21.3%	2.0%	0.2%	4.8%
2001 jul	5.3%	48.9%	6.0%	3.0%	3.0%	1.2%	3.7%	6.7%	22.4%	2.1%	0.1%	3.6%
2001 set	5.2%	48.3%	5.7%	2.7%	3.0%	1.2%	3.6%	7.2%	23.1%	2.2%	0.1%	3.3%

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.15  
Semimanufaturados: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	18.4%	26.9%	7.3%	5.3%	2.0%	1.2%	8.4%	5.6%	23.1%	6.0%	0.2%	2.9%
1981	16.0%	25.9%	7.3%	3.9%	3.3%	1.7%	9.6%	5.3%	23.8%	7.8%	0.5%	2.0%
1982	17.1%	31.2%	8.5%	6.0%	2.6%	0.9%	4.1%	6.0%	22.2%	7.4%	0.7%	1.9%
1983	22.9%	25.1%	6.4%	4.1%	2.4%	0.3%	4.0%	3.4%	30.6%	4.1%	0.7%	2.6%
1984	22.6%	19.9%	9.2%	5.1%	4.0%	0.1%	7.2%	4.4%	28.8%	2.4%	0.7%	4.6%
1985	25.4%	25.9%	4.5%	1.6%	2.9%	0.3%	7.0%	2.7%	25.8%	2.9%	0.6%	4.9%
1986	29.2%	25.4%	3.6%	2.2%	1.4%	0.3%	3.2%	1.7%	29.7%	2.0%	0.4%	4.4%
1987	26.1%	25.3%	3.7%	2.1%	1.6%	0.3%	2.5%	3.0%	31.1%	1.1%	1.1%	5.8%
1988	22.8%	29.7%	4.7%	3.3%	1.5%	0.2%	1.9%	1.8%	30.2%	1.2%	0.8%	6.6%
1989	16.0%	29.4%	2.9%	0.9%	2.0%	0.9%	1.6%	2.2%	30.0%	1.7%	0.7%	14.6%
1990	16.7%	28.3%	1.9%	0.8%	1.1%	1.3%	1.7%	2.6%	33.6%	2.1%	0.4%	11.6%
1991	18.2%	31.7%	4.0%	1.7%	2.3%	0.2%	0.4%	2.3%	36.9%	1.5%	0.9%	4.0%
1992	15.9%	28.2%	3.4%	1.8%	1.6%	0.3%	0.9%	2.3%	32.4%	2.2%	0.3%	14.3%
1993	18.7%	25.4%	4.5%	2.9%	1.6%	0.1%	2.3%	3.0%	37.4%	4.2%	0.3%	4.1%
1994	20.0%	22.2%	4.5%	3.5%	1.1%	1.7%	0.6%	1.9%	42.0%	2.8%	0.2%	4.1%
1995	19.8%	21.9%	3.9%	2.6%	1.3%	2.4%	2.4%	2.8%	39.0%	4.7%	0.2%	2.8%
1996	22.4%	21.7%	3.7%	2.7%	1.0%	3.1%	3.2%	4.3%	31.7%	5.3%	0.2%	4.5%
1997	24.0%	22.7%	5.1%	3.7%	1.3%	1.2%	4.0%	3.7%	31.0%	3.6%	0.2%	4.5%
1998	24.2%	28.0%	4.8%	3.6%	1.2%	0.6%	5.5%	6.9%	20.4%	3.9%	0.1%	5.6%
1999	26.2%	24.9%	3.5%	2.6%	1.0%	0.7%	8.2%	6.1%	24.0%	2.6%	0.3%	3.5%
2000	28.8%	30.0%	3.2%	2.3%	1.0%	2.2%	4.3%	3.3%	22.3%	1.9%	0.2%	3.7%
2001 jul	24.8%	28.8%	4.9%	3.2%	1.7%	1.6%	8.6%	2.6%	23.2%	2.7%	0.2%	2.8%
2001 set	24.3%	27.3%	4.7%	2.9%	1.9%	1.5%	9.2%	3.0%	23.7%	3.2%	0.2%	2.8%

(1) Inclusive Porto Rico

(2) Associação Européia de Livre Comércio

(3) Exclusive Oriente Médio

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC

TABELA A.1.16  
Manufaturados: Participação por Blocos de Destino

Período	Estados Unidos (1)	União Européia	ALADI	Mercosul	Demais da ALADI	AELC (2)	Europa Oriental	Oriente Médio	Ásia (3)	África	Oceania	Demais Países (4)
1980	18.5%	20.4%	28.2%	16.1%	12.1%	0.7%	1.7%	4.7%	4.8%	11.3%	1.2%	8.3%
1981	20.8%	19.0%	25.9%	12.0%	14.0%	0.6%	1.7%	3.4%	5.8%	13.3%	1.1%	8.3%
1982	25.2%	21.3%	20.5%	8.4%	12.1%	0.6%	1.0%	5.3%	6.9%	11.1%	1.4%	6.7%
1983	32.3%	19.5%	13.4%	6.9%	6.5%	0.4%	1.6%	9.0%	9.3%	8.4%	1.3%	4.8%
1984	38.1%	17.1%	13.2%	6.7%	6.5%	0.6%	1.1%	4.5%	8.5%	11.0%	1.3%	4.7%
1985	35.6%	15.9%	11.9%	5.6%	6.2%	0.5%	1.4%	5.4%	9.8%	12.4%	1.1%	6.0%
1986	37.1%	17.6%	16.1%	7.4%	8.7%	0.6%	0.8%	4.7%	9.8%	6.1%	1.1%	6.1%
1987	36.9%	20.0%	16.3%	7.7%	8.6%	0.7%	0.6%	5.5%	7.8%	5.4%	0.9%	5.9%
1988	35.3%	20.6%	15.0%	6.8%	8.2%	0.6%	0.6%	4.0%	12.0%	4.2%	1.2%	6.5%
1989	34.9%	22.8%	14.0%	6.0%	7.9%	0.8%	0.6%	4.1%	11.9%	3.6%	1.4%	6.0%
1990	34.6%	25.6%	13.8%	6.5%	7.3%	0.8%	0.6%	4.0%	11.4%	3.8%	1.1%	4.4%
1991	25.4%	23.7%	20.5%	11.2%	9.3%	0.7%	0.4%	3.7%	12.7%	4.0%	1.0%	7.9%
1992	25.4%	21.1%	28.5%	17.8%	10.7%	0.5%	0.6%	3.6%	10.1%	3.9%	0.9%	5.3%
1993	26.2%	17.2%	31.7%	20.7%	11.0%	0.7%	0.7%	2.4%	10.3%	3.0%	0.9%	7.0%
1994	26.3%	18.1%	31.7%	21.3%	10.4%	0.4%	0.8%	1.7%	8.9%	3.7%	1.0%	7.4%
1995	23.3%	20.4%	33.5%	21.5%	12.1%	0.4%	1.5%	2.1%	9.7%	3.5%	1.2%	4.5%
1996	23.5%	18.6%	35.3%	24.8%	10.4%	0.4%	1.7%	1.5%	9.4%	3.4%	0.9%	5.3%
1997	21.2%	16.4%	40.0%	28.0%	12.0%	0.4%	2.3%	1.8%	6.9%	3.3%	0.8%	6.8%
1998	23.6%	19.3%	38.2%	27.2%	11.0%	0.6%	1.4%	1.5%	4.5%	3.7%	0.6%	6.5%
1999	27.9%	20.4%	31.4%	22.4%	8.9%	0.6%	1.1%	1.3%	5.5%	3.4%	0.8%	7.6%
2000	29.9%	18.1%	31.2%	21.8%	9.5%	1.1%	1.1%	1.1%	5.4%	2.8%	1.0%	8.2%
2001 jul	33.0%	16.1%	34.3%	19.3%	15.0%	1.3%	1.0%	1.5%	4.3%	3.2%	0.8%	4.4%
2001 set	33.6%	15.7%	33.7%	18.5%	15.2%	1.2%	0.9%	1.7%	4.5%	3.7%	0.8%	4.3%

(1) Inclusive Porto Rico.

(2) Associação Européia de Livre Comércio.

(3) Exclusive Oriente Médio.

(4) Inclusive provisão de navios e aeronaves e não declarados.

Fonte: Elaborado pela Funcex a partir de dados da Secex/MDIC.





## IX. ANEXO 2

TABELA A.2.1  
Projeção (Hipótese 1)

Período		Total	Básicos	Semi Manufaturados	Manufaturados
1999	Realizado	48,011	11,828	7,982	27,329
	Previsto	52,302	13,452	8,549	30,515
2000	Realizado	55,086	12,561	8,499	32,528
	Previsto	50,030	12,403	8,495	29,321
2001	Realizado*	49,376	13,255	6,866	27,672
	Previsto	56,153	12,726	8,895	34,109
2002	Cenário 1	58,762	13,226	9,364	36,035
	Cenário 2	58,790	13,227	9,405	36,062
	Cenário 3	58,849	13,227	9,426	36,141

\* até outubro de 2001

Notas:

- 1) Utilização da hipótese 1 sobre elasticidades.
- 2) De acordo, com as especificações do modelo mencionadas no Capítulo V.

TABELA A.2.2  
Projeção (Hipótese 3)

Período		Total	Básicos	Semi Manufaturados	Manufaturados
1999	Realizado	48,011	11,828	7,982	27,329
	Previsto	52,820	13,506	8,634	30,814
2000	Realizado	55,086	12,561	8,499	32,528
	Previsto	50,525	12,452	8,578	29,608
2001	Realizado*	49,376	13,255	6,866	27,672
	Previsto	56,707	12,777	8,982	34,443
2002	Cenário 1	59,928	13,332	9,550	36,745
	Cenário 2	59,984	13,337	9,603	36,785
	Cenário 3	60,106	13,338	9,635	36,905

\* até outubro de 2001

Notas:

- 1) Utilização da hipótese 3 sobre elasticidades.
- 2) De acordo, com as especificações do modelo mencionadas no Capítulo V.